U.PORTO

MESTRADO INTEGRADO

ARQUITETURA

A ruína e o horizonte: Centro interpretativo para a Atalaia Magra

Beatriz Gulart Barreto Correia

M

2022

U.PORTO

Beatriz Gulart Barreto Correia. Centro interpretativo para a Atalaia Magra

A ruína e o horizonte: Centro interpretativo para a Atalaia Magra

Beatriz Gulart Barreto Correia

M.FAUP **2022**

FACULDADE DE ARQUITETURA

A Ruína e o Horizonte

Centro Interpretativo para a Atalaia Magra

Beatriz Gulart Barreto Correia
Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Arquitetura da
Universidade do Porto
Sob orientação do professor Francisco Vieira de Campos
Porto, 2022

Nota Prévia

A presente dissertação foi redigida ao abrigo do novo acordo ortográfico.
De forma a obter uma maior fluidez de leitura do texto, as citações referentes as edições de língua não portuguesa foram traduzidas livremente pela autora, estando devidamente referenciadas.
Algumas imagens apresentadas foram modificadas, respeitosamente, pela autora, seja por pequenos ajustes de tons, formatos, ou cores, de forma a ajustá-las à apresentação adequada do

Agradecimentos

Ao professor Francisco Vieira Campos, por todo o apoio prestado,

à Vanessa Gaspar, pela ajuda e disponibilidade,

à minha família, em especial à minha mãe e ao meu noivo,

pelo apoio que me deram e por tornarem possível a realização deste trabalho.

Obrigada.

Abstract

The present dissertation is the result of the investigation and work process conducted for the design of a project in the ruin of Atalaia Magra. A project that, due to the condition inherent and the problem of the architectural intervention it poses, serves as a starting point for a precise field of research: the study for the intervention in a building in a state of disrepair that, between the impossibility of restoring its initial condition and the memory of the passage of time, imposes its need for transformation.

The motivation of this dissertation stemmed from the investigation and reflection of some concerns arising from a work carried out within the scope of project I. Returning to the first project carried out as an architecture student, and rethinking it with all the knowledge acquired over the five years of study, the objective is to formalize the proposal of an Interpretive Center for Atalaia Magra, through the adaptation of the program of the international competition for architectural ideas, ArkxSite - Site Cultural Center.

In an approach to the problem of architectural intervention and to develop a theoretical-practical work, this dissertation was divided into two parts: Approximations and Project. The first part is divided into three: in the theme that encourages the realization of the project - the material memory of the passage of time -, in the study of the problem that is intended to deepen - how to intervene in a ruin - and in the presentation of the circumstance on which it is based. will conduct the intervention proposal.

At first, we sought to understand the meanings, possibilities and difficulties of ruin as a place of reminiscence. Through a meager review on the themes of time, ruin and memory, an attempt was made to respond to the concerns of the design process. The awareness that each of the intervention stances arise from a problem of interpretation and a given context, focused, in a second moment, on the study of references related to the theme of ruin and intervention in the pre-existing. As a criterion for the selection of these examples, the exploration of intervention strategies in the pre-existence, where the tower appears as a design guideline, is considered. The third moment is dedicated to the study of the history of the place and the ruin. In an intervention whose main design driver is historical and local importance, knowledge of its circumstances reveals the motivation for choosing this architectural element as an object of interest to intervene. It's the story that makes it unique.

The second part is the project memory. This part of the dissertation appears as a project synthesis, the result of the reflection of all the acquired knowledge. This part is divided into two. In the first, the principles adopted for the intervention proposal are explained. The second appears as a descriptive memory, explaining how the program articulates with the project and pre-existence, and what constructive options were taken.

Resumo

A presente dissertação é resultado da investigação e processo de trabalho realizados para o desenho de um projeto na ruína da Atalaia Magra. Um projeto que, devido à condição inerente e ao problema da intervenção arquitetónica que coloca, serve como ponto de partida para um campo de pesquisa preciso: o estudo para a intervenção em um edifício em estado de ruína que, entre a impossibilidade de repor sua condição inicial e a memória da passagem do tempo, impõe a sua necessidade de transformação.

A motivação desta dissertação decorreu da investigação e reflexão de algumas inquietações decorrentes de um trabalho realizado no âmbito de projeto I. Voltando ao primeiro projeto realizado enquanto estudante de arquitetura, e repensando-o com todos os conhecimentos adquiridos ao longo dos cinco anos de estudo, tem-se como objetivo formalizar a proposta de um Centro Interpretativo para a Atalaia Magra, por meio da adaptação do programa do concurso internacional de ideias de arquitetura, A ArkxSite - Site Cultural Center.

Numa abordagem à problemática da intervenção arquitetónica e no sentido de desenvolver um trabalho teórico-prático, esta dissertação foi dividida em duas partes: Aproximações e Projeto. A primeira parte subdivide-se em três: no tema que incita à realização do projeto- a memória material da passagem do tempo-, no estudo ao problema que se pretende aprofundar- como intervir numa ruína- e na apresentação da circunstância sobre a qual se irá realizar a proposta de intervenção.

No primeiro momento, buscou-se perceber os significados, as possibilidades e as dificuldades da ruína enquanto lugar de reminiscência. Procurou-se, por meio de uma recensão exígua sobre os temas tempo, ruína e memória, dar resposta às inquietações do processo de projeto. A consciência de que cada uma das posturas de intervenção surge de um problema de interpretação e de um determinado contexto, incidiu, num segundo momento, no estudo de referências relacionadas com a temática da ruína e da intervenção no preexistente. Como critério para seleção destes exemplos, tem-se em consideração a exploração de estratégias de intervenção na pré-existência, onde a torre surge como diretriz de projeto, bem como na unidade final do objeto arquitetónico, na clara legibilidade, independência e identidade de cada tempo. O terceiro momento é dedicado ao estudo da circunstância do lugar e da ruína. Em uma intervenção que o principal motor de projeto é a importância histórica e local, o conhecimento do seu contexto revela a motivação para a escolha desse elemento enquanto objeto de interesse para intervir. É a história da ruína que a torna única.

A segunda parte é a memória de projeto. Esta parte da dissertação surge como uma síntese projetual, fruto da reflexão de todos os conhecimentos adquiridos. Esta parte subdivide-se em duas. Na primeira, é explicado os princípios tomados para a proposta de intervenção. A segunda, aparece como uma memória descritiva, explicando como o programa articula com o projeto e preexistência, e quais opções construtivas foram tomadas.

Índice

PARTE I: Aproximações

1. Sobre o tempo, a ruína e a memória

O passar do tempo e ruína 12

Ruína enquanto memória 16

2. Intervenções Arquitetónicas 18

Teorias de intervenção na pré-existência 20

Estratégias de intervenção na ruína 32

Práticas Projetuais 34

3. Lugar. Identidade 42

4. Ruína. Memória

Atalaia Magra 48

PARTE II: Projeto

1. Proposta de Intervenção 67

Construção da Ideia 70

Desenho da Ideia 72

2. Projeto: Atalaia Magra + Centro Interpretativo

Atalaia Magra 74

Centro Interpretativo 80

3. A Ideia Contruída

Materialidade 90

Solução construtiva 92

Estrutura 94

Notas finais 96

Desenhos de projeto

Bibliografia

Índice de Imagens

PARTE I: Aproximações

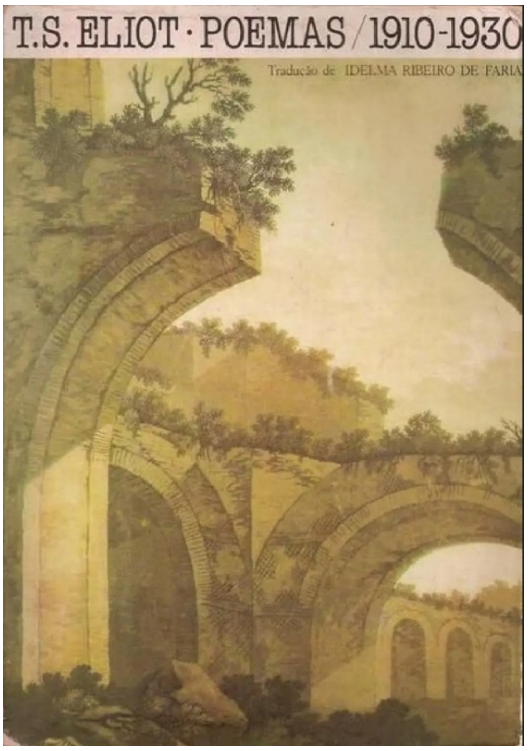


Figura 1: A ruína romântica
T.S. Eliot. Poemas 1910-1930

Sobre o tempo, a ruína e a memória

O passar do tempo e ruína

"O tempo presente e o tempo passado.
Estão ambos presentes no tempo futuro,
E o tempo futuro contido no tempo do passado.
Se todo o tempo é eternamente presente,
Todo o tempo é irredimível."[1]

A noção do tempo está intimamente presente na Arquitetura. Aceitar a sua dimensão temporal, tanto no seu uso como na sua prática projetual, significa reconhecer o inevitável processo de modificação através do tempo. O seu impacto, as consequências do uso e do desgaste e os processos de envelhecimento durante a vida útil de um edifício são indiscutíveis. Assim como o corpo humano, que envelhece e revela as alterações físicas naturais ao longo do percurso da vida, a arquitetura aponta as consequências dele, desde sua criação até a sua destruição. Contrariamente ao corpo humano, limitado biologicamente a uma estimativa de tempo, a arquitetura é capaz, consequente da sua materialidade, de obter significativa longevidade, perdurando-se ao longo de gerações.

"´os corpos não podem opor-se às leis da natureza, sem suportarem a velhice` […]. Sentimos como o ardor o sol, a frescura da sombra, as chuvas e ventos são poderosos. Atingidos por estes tormentos vemos como abre fendas e amolece mesmo o sílex mais duro […]. A isto acrescenta os estragos causados pelo homem."[2]

Todas as coisas que nos circundam registam o tempo. A arquitetura enquanto arte de construir a transformação, não persiste muito tempo no seu estado inicial, e está, imediatamente, sujeita à ação da natureza que atua, consome e desgasta sua matéria. Sua marcação temporal exibe-se, no seu limiar, através da ruína; arquitetura fragmentada que, apesar de toda a erosão e ação humana, resiste ao confronto com o tempo.

---

[1] T.S. Eliot, «O tempo presente e o tempo passado», em *Principia Architectonica*, por Alberto Campo Baeza, trad. Eduardo dos Santos (Casal da Cambra: Caleidoscópio, 2013), 87.
[2] Leon Battista Alberti, *Da Arte Edificatória/ Leon Battista Alberti*, trad. Cosimo Bartoli (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011), 623.



Figura 2: The Crossing and Chancel, Looking
towards the East Window,
Joseph Mallord William Turner, 1794

Advinda do latim *ruina*, referindo-se ao ato ou efeito de ruir, de queda, de perda: material, ou perda moral, desmoralização, seu valor de significação parece sobretudo decorrer do fato da mesma ter perdido parte de seu valor arquitetónico. Constantemente associada a diversos significados, transmite sentimentos contraditórios[3]. A priori, refere-se ao sentimento do fim e do acabado, como um ser vivo, que nos alerta para a finitude das coisas. Por outro lado, sua incompletude conduz-nos a um caminho interpretativo, a medida que a falta de suas partes reforça as incertezas e evoca a imaginação.

"Há duas maneiras de ler as ruínas: A posição romântica do que foi e o que deixou de ser (do que foi, mas já não é) que tem a ver com a decadência romântica e a outra é ao contrário, é a parte positiva: é o que posso fazer aqui? O que é que isto me sugere para eu poder construir e completar?"[4]

Incompleta, seus fragmentos e partes inexistentes denunciam a presença e a ausência e criam um carácter enigmático. Seus sinais de destruição despertam a nostalgia e a melancolia, reforçando as incertezas e evocando a imaginação na tentativa de preencher suas lacunas, impossíveis de serem reestabelecidas no mesmo contexto em que um dia existiu.

Sendo inevitável seu desgaste e envelhecimento, resiste ao confronto com o tempo, prolongando sua presença e emergindo seu esquecimento. Mas não se limita apenas ao puro sentimento melancólico e nostálgico, sobre um passado fisicamente inacessível, denunciam antes uma vontade em reintroduzir seus fragmentos e significados no presente e futuro. Enquanto as ausências das partes evidenciam a ação do tempo, a enfermidade das coisas e o abandono e desinteresse humano, a ruína presente afirma-se como persistência e seus vazios deixam em aberto a reinterpretação constante.

O seu principal valor está na potencialidade de transformação da sua forma e na acumulação de novos significados com o passar dos anos e das sucessivas intervenções. Transmitem, assim, esperança, associados a possibilidade de preenchimento dos seus vazios com novas ideias e formas, deixando espaço para os novos significados.

[3] Pedro Alarcão, *Construir na Ruína, Entre a Reconstituição e a Reabilitação* (Porto: Edições Afrontamento, 2018), 15.
[4] Álvaro Siza Vieira em *Reconversão* por Thom Andersen, (Portugal: Curtas Vila do Conde, 2012).

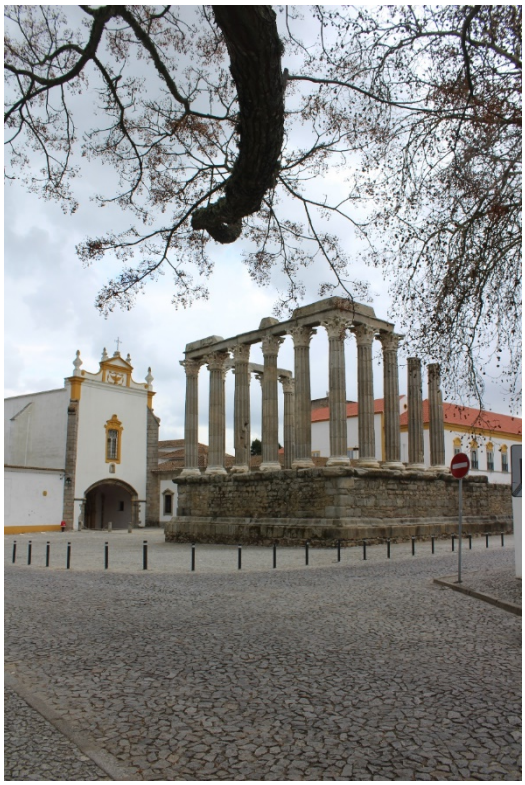


Figura 3: Os fragmentos que preservam a memória.
Arquivo pessoal,
Templo de Diana, Évora, 2022

Ruína enquanto memória

"Por que esse fascínio por esses fragmentos do passado? Porque eles nos fazem uma espécie de deuses quando olhamos para eles, lembramos ou sonhamos do nosso presente: eles são nossa memória e criar é apenas lembrar. Só a memória nos salva do caos."[5]

Se a ruína é capaz de, por meio das suas ausências e presenças, evocar significados, é porque o Homem identifica-se e reconhece suas marcas de intenção nela, e esse reconhecimento só acontece porque existe memória. A palavra memória refere-se, concisamente, à conservação e recordação de determinadas ideias e imagens que o homem representa como passadas. O passado, enquanto contentor de fragmentárias recordações, apresenta-se como dimensão temporal referente à formação da memória.

"A memória, então, não é nem sensação nem julgamento, mas é um estado ou qualidade (afeição, afeto) de um deles, quando o tempo já passou. [...] Toda memória, então, implica a passagem do tempo. Portanto só as criaturas vivas que são conscientes do tempo podem lembrar, e elas fazem isso com aquela parte que é consciente do tempo."[6]

A memória é constituinte da ruína e a ruína, enquanto elemento que traduz a identidade de uma cultura ou de um período, torna-se testemunha do tempo passado. Lugar de reminiscência, permite o reconhecimento de um lugar e de uma história e a identidade de um período. Quando não são habitadas ocupam um espaço vazio, criando uma dialética existencial, entre a memória e o esquecimento, permanecendo como fragmentos carregados de lembranças e narrativas.

"[…] o abandono é o início do projetar, onde o abandono se identifica com a esperança"[7]

---

[5] Alberto Ustárroz, *La lección de las ruinas* (Barcelona: Fundación Caja de Arquitectos, 1997), 12.
[6] Aristoteles, «On the soul – parva naturalia – on breath», em *Arquitetura e memória*, por Eneida de Almeida, USP (São Paulo, 2015), 73.
[7] Aldo Rossi, «Autobiografia Científica», em *A importância da história no ato de projetar em Souto de Moura*, por Indira Joana da Silva Diniz e Nunes, FAUP (Porto, 2016), 24.

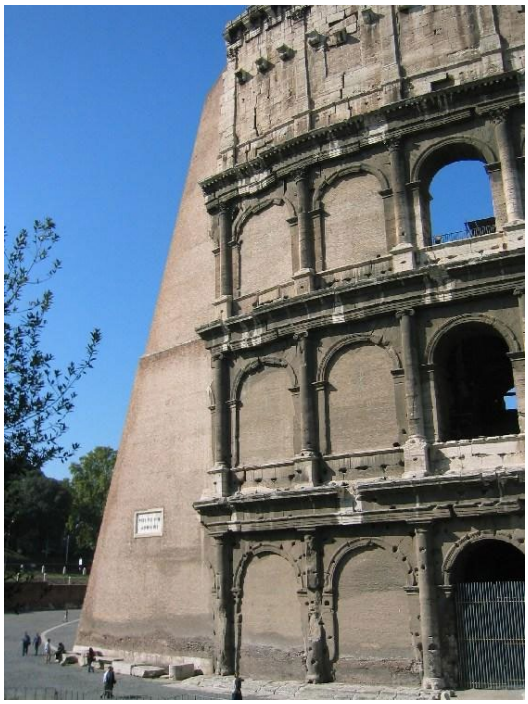


Figura 4: Rome Colosseum, R. Stern



Figura 5: Rome Colosseum, G. Valadier

Intervenções arquitetónicas

"As coisas em ruínas dão forma às novas estruturas, transfiguram-se, modificam-nas."[8]

Pensar na arquitetura enquanto meio comunicante de memória, pressupõe tomar consciência da arquitetura do passado e prever a continuidade desta. A ruína, enquanto objeto arquitetónico que incorpora na sua forma construída espaço vazio, apresenta-se aberta à reinterpretação, cabendo-nos aceitá-las passivamente ou intervi-las.

A intervenção arquitetónica permite atribuir à pré-existência um valor ativo, criando um diálogo entre o passado e o presente, preservando sua memória, sua história e sua tradição e, assim, garantindo-lhe uma continuidade. Pensar em modos de intervir um edifício complexifica, ainda mais, quando a pré-existência é repleta de valores e significados culturais e históricos, já que a intervenção arquitetónica significa redesenhar e o perpetuar o passado e projetar um novo futuro.

O termo intervenção é explicado pelo autor Ignasi de Solà-Morales (1942-2001) como um conceito generalista que engloba diversas ações sobre as obras históricas. Segundo o autor, o termo se equipara ao de interpretação, sendo essa uma das formas de incidir sobre património construído. Os termos de restauro, conservação, reutilização etc., podem, então, serem designados pelo termo generalista que é o de intervenção e, se assim for considerado, as formas de intervenção, anteriormente citadas, são, antes de mais, diferentes formas de interpretação.

Para cada objeto arquitetónico é necessária uma intervenção especifica à condição pré-existente. Dessa forma, cada intervenção será singular, única e pessoal, resultado do sujeito que se propõe a intervir na pré-existência. Sendo assim, as diferentes formas de intervir na pré-existência, desde a conservação até a transformação profunda, são, antes de mais, diferentes formas de interpretação sobre um contexto pré-existente estabelecido. E, as diversas formas de intervenção são consequências das diferentes formas de interpretar as novas formas que a ruína poderá produzir.

"Na realidade, todo problema de intervenção é sempre um problema de interpretação de uma obra de arquitetura existente, porque as possíveis formas de intervenção que surgem são sempre formas de interpretar o novo discurso que o edifício pode produzir. Uma intervenção é tanto quanto tentar fazer o edifício dizer algo novamente e dizê-lo em uma determinada direção."[9]

---

[8] Álvaro Siza Vieira, 01 *Textos / Álvaro Siza* (Lisboa: Parceria A. M. Pereira, 2019), 116.
[9] Ignasí de Solà-Morales, «Teorías de la intervención arquitetónica», *em Intervenciones*, trad. livre (Barcelona: Gustavo Gili, 2006), 15.



Figura 6: Tempio Malatestiano, Leon Battista Alberti, 1450

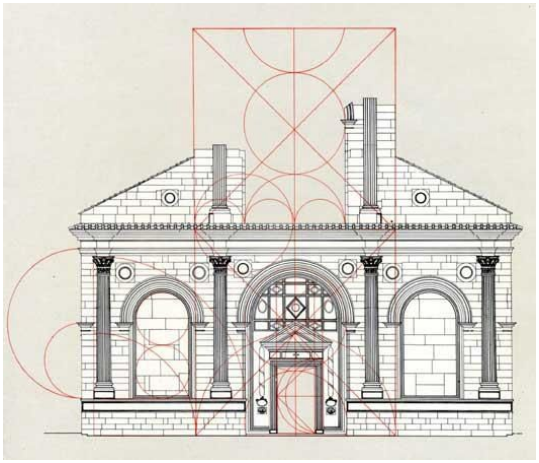


Figura 7: Estudo da proporção áurea



Figura 8: Fachada lateral, Tempio Malatestiano

Teorias de Intervenção na pré-existência

É no momento do Classicismo que surge, pela primeira vez, a teorização das intervenções no construído e a definição do que é a relação entre a intervenção e a arquitetura existente. Tudo o que acontece antes, é, na realidade, uma relação absolutamente não premeditada, sem qualquer consideração pela condição existente. Com efeito, nenhuma civilização, em tempos passados, teve a intenção de restaurar como se compreende hoje.

O século XVIII protagonizou uma era de mudança, em que a evolução da mentalidade científica permitiu estabelecer uma distinção clara entre a modernização e o passado histórico. A consideração historiográfica, sobre o valor do que existe, aparece durante o período do Renascimento, quando há a redescoberta da Antiguidade Clássica, despertando o interesse para os valores da história. A partir desse momento, a arquitetura é interpretada para além do seu carácter funcional, considerando aspetos como o simbolismo, a estética e a carga histórica dos edifícios.

A Revolução Francesa foi o momento de viragem, no que diz respeito à maior aproximação ao conceito de salvaguarda do património que hoje conhecemos. De forma a combater o vandalismo ideológico, que levou ao desaparecimento e degradação de vários monumentos e obras de arte importantes, foi estabelecido um conjunto de normas, consideradas precursoras do desenvolvimento de políticas de intervenção em edifícios históricos. Foram levantadas questões sobre a escolha de edifícios a restaurar e à forma de como fazê-lo. Pela primeira vez a entidade Estado assume a responsabilidade de proteger os monumentos e edifícios de interesse nacional.[10]

A Revolução Industrial, período de profundas transformações e progresso técnico, proporcionou a consciência da sociedade e despertou a sensibilidade pelos valores da história, postos em causa pela modernização. Como consequência da proteção dos símbolos do passado e em contraponto à velocidade com o que a sociedade se transformava, surge o debate sobre o Restauro e o Património.

Segundo Françoise Choay, "Enquanto processo irremediável, a industrialização do mundo contribuiu, por um lado, para generalizar e acelerar as legislações de proteção do monumento histórico e, por outro, para fazer do restauro uma disciplina autónoma, solidária com os progressos da história de arte."[11]

É partir desse momento que surge uma das primeiras teorias de restauro de monumentos, a teoria do Restauro Estilístico, doutrina protagonizada pelo francês Viollet-Le-Duc (1814-1879).

---

[10] Joana Salomé Campos, «Intervenção no património edificado. Conceitos e reflexões», em *Oppidum VI - Revista de Arqueologia, História e Património* (Município de Lousada, 2011), 259, https://www.cm-lousada.pt/cmlousada/uploads/document/file/412/231_original.pdf.
[11] Françoise Choay, *Alegoria do Património*, trad. Teresa Castro (Edições 70 Arte & Comunicação, 2010), 137.

"[…] Restaurar um edifício não é mantê-lo, repará-lo ou refazê-lo, é restabelecê-lo em um estado completo que pode nunca ter existido antes."[12]

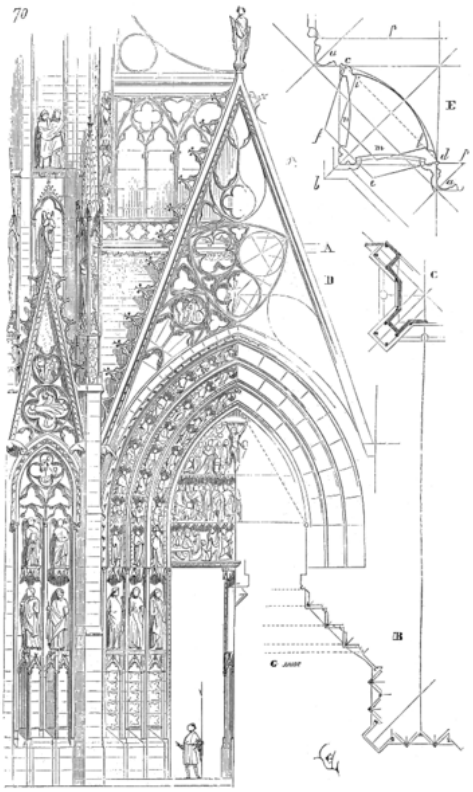


Figura 9: Porte de la Cathédrale de Rouen,
Viollet-Le-Duc

[12] Eugéne Emmanuel Viollet-Le-Duc, em Verbete: Restauração- Eugéne Emmanuel Viollet-Le-Duc, trad. Beatriz Mugayar Kühl (São Paulo: Ateliê Editorial, 2006), 29.

Restauro Estilístico

Em sua definição, o Restauro Estilístico é a intervenção em qualquer edifício existente cujo resultado deve ser composto através de uma absoluta neutralidade do arquiteto, permitindo que a própria arquitetura pré-existente se manifeste e fale da sua própria lógica. Restaurar, desse modo, não se trata de refazer o edifício como era antes, mas, em qualquer caso, restituir a sua unidade, a partir de uma operação lógica que compreende o próprio discurso do edifício existente.

Incentivado por um pensamento idealista, Viollet-Le-Duc buscará a perfeição formal de cada edifício em relação à sua própria arquitetura e a margem da sua verdadeira história, propondo o resgate de uma obra ideal e de estilo unitário. Difunde que a reconstituição de monumento deve ser feita em sua completa idealidade formal dando valor a coerência interna de uma lógica arquitetónica.

Os principais problemas que surgem nessa doutrina estão relacionados com os edifícios que são simultaneamente compostos por duas ou mais lógicas, porque, desse modo, seria preciso descobrir e decidir qual a matriz dominante do edifício e eliminar aquelas que seriam secundárias.

Para Viollet-Le-Duc, o arquiteto, antes de mais, deve conhecer os procedimentos de construção admitidos nas diferentes épocas e nas diversas escolas e reconhecer que nem todos são igualmente bons.[13] Este seu método de agir e pensar, muitas vezes, desprezava a singularidade de cada obra e, principalmente, a autenticidade da mesma. Neste momento, o restauro tornava-se o oposto da intervenção ativa do arquiteto; afirmando-se então como uma "operação fundamentalmente técnica, e não criativa"[14]. Assim, o que foi para o autor uma autenticidade arquitetónica, tornou-se para seus críticos em algo mais simples que significasse sua total invalidade: o *falso histórico*[15].

[13] Viollet-Le-Duc, 49.
[14] Solà-Morales, «Teorías de la intervención arquitetónica», 24.
[15] Antón González Capitel, «La forma prístina», em *Metaforfosis de monumentos y teorías de la restauración*, trad. livre (Madrid: Alianza Editorial, 2009), 25.

"Não nos deixemos enganar nessa importante questão; é impossível, tão impossível quanto ressuscitar os mortos, restaurar qualquer coisa que já tenha sido grandiosa ou bela em arquitetura."[16]

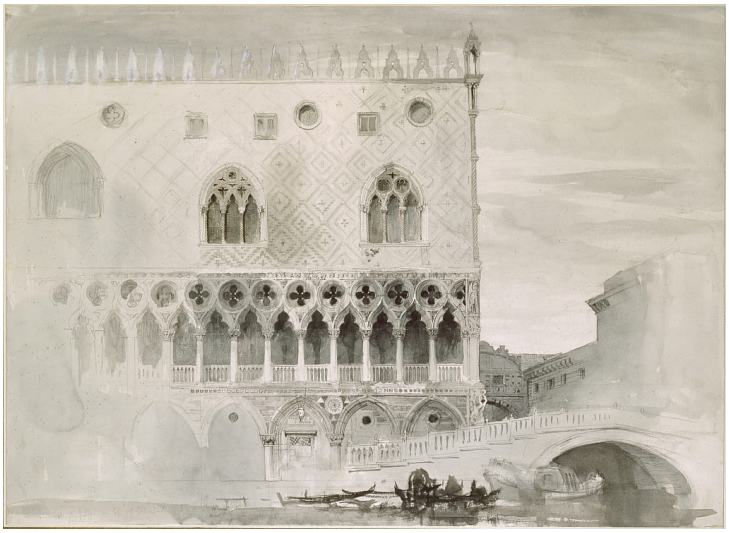


Figura 10: The Exterior of the Ducal Palace, Venice,
John Ruskin, 1852

[16] John Ruskin, *A Lâmpada da Memória*, trad. Maria Lucia Bressan Pinheiro (São Paulo: Ateliê Editorial, 2008), 79.

Restauro Anti intervencionista

Quase simultaneamente, assiste-se a abordagem da intervenção ativa de John Ruskin (1819-1900), autor que defendia a não intervenção e exacerbava a beleza da ruína, fazendo sua apologia.

"Não há nada a fazer nem para completá-lo, nem para melhorá-lo, nem para torná-lo manifesto. Só é possível salvar seus restos mortais, armazená-los até que eles sobrevivam, mas, absolutamente, não os tocar ou tentar prolongar sua vida além do que suas próprias forças possam oferecer."[17]

John Ruskin representa a consciência romântica moralista e literária. Acreditava que a conservação da arquitetura do passado nos permitiria entender a relação existente entre os estilos arquitetónicos e as técnicas construtivas, resultantes do fruto do trabalho de determinada cultura, preservando em si uma enorme carga de valor histórico e cultural. Segundo o mesmo autor, manter vivo o testemunho cultural do passado no cotidiano da cidade possibilitava que os indivíduos se identificassem com espaços urbanos e com monumentos históricos, marcos referenciais de identidade e memória.[18]

Sua visão romântica sobre o processo de conservação é expressa pelo seu culto às ruínas, quando estas se tornam sublimes a partir do processo de envelhecimento que os materiais de construção conferem com o passar do tempo. Para Ruskin o restauro era a mais completa e bárbara destruição que um edifício poderia estar sujeito pois, considerava que jamais poderia ser devolvida à obra sua autenticidade, seus valores evocativos e poéticos. Defendia a conservação e manutenção periódica dos edifícios históricos como método de preservação dos danos de maior amplitude, retardando a ação do tempo e disseminando seu testemunho histórico.

"Cuide de seus monumentos e não terá necessidade de restaurá-los. […] Vigiai atentamente os edifícios antigos, preservando-o da melhor forma possível com todos os meios, salve-o de qualquer causa de desintegração. Faça-o com ternura e respeito, vigilância incessante, e mais de uma geração nascerá e desaparecerá na sombra de seus muros. Mas, no final no seu último minuto, soará; e que soe aberta e francamente, sem qualquer substituição desonrosa e falsa que o prive dos deveres funerários de memória"[19]

---

[17] Solà-Morales, «Teorías de la intervención arquitetónica», trad. livre, 25.
[18] Rogério Pinto Dias de Oliveira, «O pensamento de John Ruskin», Vitruvius, 2008.
[19] John Ruskin, citado em Antón González Capitel, «No restaurarás», em *Metaforfosis de monumentos y teorías de la restauración*, trad. livre (Madrid: Alianza Editorial, 2009), 28.

"Numa ruína há sempre uma intervenção mínima necessária para que a ruína se conserve ou para que se evite, o tanto quanto possível, o processo de sua progressiva degradação."[20]



Figura 11: Piazza Alicia E Ricostruzione Della Chiesa Madre,
Álvaro Siza Vieira, Roberto Collovà

[20] Tavares Dias Lino, «Interpretar o processo destrutivo; Da ruína ao construído», em *Interpretar a Ruína. Contribuições entre campos disciplinares*. (Porto: FAUP publicações, 2011), 125.

Intervenção Mínima:

No final do século XIX, Camillo Boito (1836-1914), formula uma síntese das possibilidades oferecidas pelas teorias de Viollet-le-Duc e Ruskin, isto é, das teorias de restauro e conservação. A sua consolidação paulatina se deve à erradicação da prática do falso histórico e da formação de uma tradição nova no tratamento dos monumentos.

Sua teoria consiste, essencialmente, em aceitar a radical crítica de Ruskin, no entanto, evitando participar de sua visão fatalista, não permitia sua destruição, preservando-as por meio de diversos instrumentos técnicos. Condenava as reconstruções por sua condição falsa e preferia as intervenções más, porém menos enganosas. Suas ideologias propõem sempre uma ação mínima restauradora admitindo-se as adições novas de consolidação e, exigindo que estas, em caso de serem realmente necessárias, estejam completamente diferenciadas da obra antiga e reconhecidas como intervenções modernas.

Em síntese, a fundamentação crítica do restauro arquitetónico de Camilo Boito pode ser destacada em três pontos. Em primeiro lugar, as intervenções mais simples são sempre preferíveis às mais complexas e, se forem realmente necessárias, que afetem o mínimo possível das componentes gerais do edifício. O segundo ponto será o de conservar não só a matriz essencial do edifício, mas também todas as contribuições históricas, separando-se claramente das doutrinas de Viollet-Le-Duc. Em terceiro lugar, toda nova intervenção tem que, por meio dos diferentes materiais e texturas, ser completamente distinguida em relação ao edifício existente.

"Considerando que os monumentos arquitetónicos do passado são valiosos […], eles devem, portanto, ser respeitados escrupulosamente e religiosamente como documentos em que qualquer alteração, por menor que seja, se parecer fazer parte do original pode ser enganoso e eventualmente dar origem a suposições errôneas"[21]

[21] Camillo Boito, «3° Congresso degli Ingegneri e Architetti Italiani tenutosi», trad. livre (Roma, 1883).

c



Figura 12: O Manifesto,
William Morris, Philip Webb, 1877

Carta de Atenas e Carta de Veneza

A partir dos princípios de Camilo Boito, em 1931, é formulada a Carta de Atenas, o primeiro documento a definir as bases para uma estratégia de conservação de edifícios, que mais tarde deram origem ao aparecimento de diversas legislações relativa à salvaguarda do Património.[22]

Desta Carta destaca-se a referência à necessidade de manter a funcionalidade dos edifícios, garantindo a sua continuidade, evidenciando que um edifício sem uso é um edifício que rapidamente entra em estado de degradação. A segunda nova característica da Carta de Atenas diz respeito à alusão ao tema contorno, considerando que o edifício em si faz parte de um ambiente e também deve preservado.

Com base na Carta de Atenas, surge a Carta de Veneza, da autoria de Gustavo Giovanonni (1873-1947), que introduz no debate novos conceitos como a preocupação pela proteção e preservação do contexto que envolve o monumento. De facto, várias coisas foram importantes neste texto. Em primeiro lugar, o termo Restauro de Viollet-Le-Duc desaparece definitivamente e, em vez disso, torna-se mais importante o conceito de conservação. Essa conservação acaba se tornando não só sobre as arquiteturas, mas também sobre o contexto o qual estão envolvidas, consideradas componentes tão necessários quanto os outros.

[22] Campos, «Intervenção no património edificado. Conceitos e reflexões», 261.

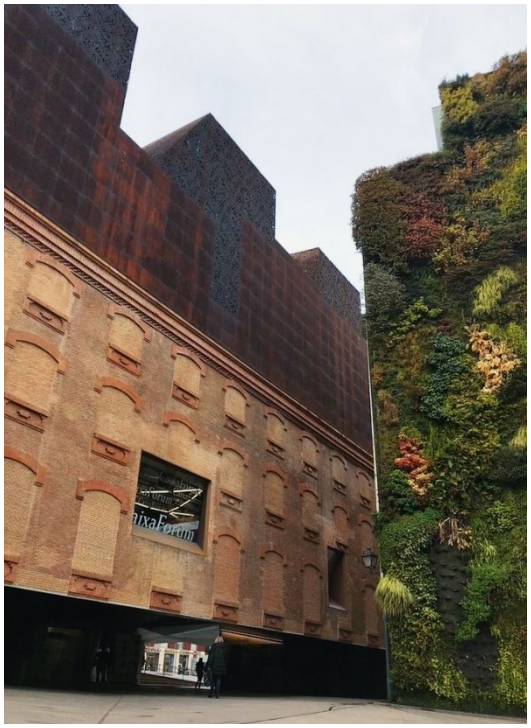


Figura 13: Contraste
Arquivo pessoal
Caixa Fórum, Madrid, 2018

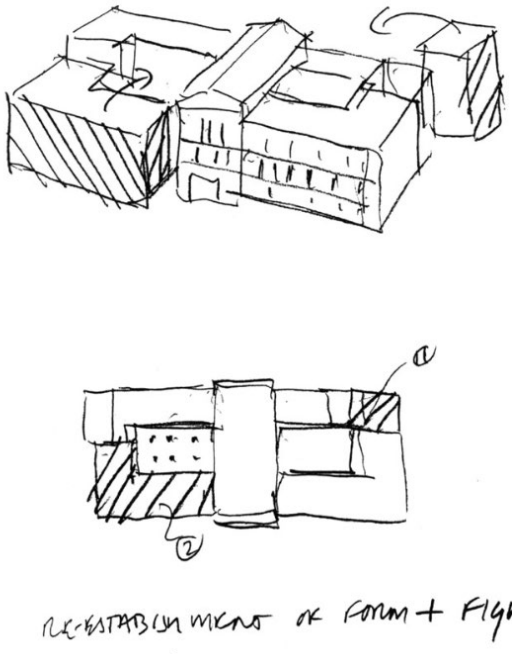


Figura 14: Analogia
Esquisso,
Neues Museum, David Chipperfield Architects

Do contraste à analogia

A arquitetura de vanguarda do Movimento Moderno, em resposta ao movimento anterior, estabeleceu um sistema formal e programático autónomo, baseada numa geometria abstrata e em figuras tridimensionais simples, e defendeu uma relação caracterizada pela predominância do efeito do contraste sobre qualquer outro tipo de categoria formal. Isto é, o contraste entre o caráter do que é novo e o caráter do que é velho, apresentado pela diferença de escala, geometria, material.

Desde o final do século XIX, a literatura teórica produzida pelos especialistas em restauro, como Camilo Boito, vinha sendo defendida com um critério bem definido da diferenciação entre as intervenções de restauro e o edifício histórico. A satisfação estética fundamental do homem moderno provém da necessária oposição entre a arquitetura nova e antiga.

A principal "diretriz que os orientava era moldada pelo gosto tardo-romântico pelas texturas ásperas, pela pátina do tempo em edifícios antigos, sem distinções ornamentais ou estilísticas precisas, contrastando globalmente com a geometria suave, precisa e abstrata das novas arquiteturas."[23]

Essa composição que se traduz na diferença da textura, dos materiais e da geometria, não pretende mostrar-se como um elemento negativo, mas serve, acima de tudo, para evidenciar a oposição radical entre o novo e o antigo, entre a história e os acontecimentos atuais. A história da arquitetura do passado é, então, analisada como um produto do passado, com carga expressiva e significante, em que se ressaltam as inovações e diferenças, reconhecendo os dois valores em simultâneo e potencializando a perceção da arquitetura do presente.

Da superação do radicalismo do contraste do movimento moderno e do conservadorismo de Camilo Boito, surge a intervenção por analogia. Nesse caso, o procedimento se baseia nas associações estabelecidas, ao longo do tempo, por meio de conexões ou vínculos entre o edifício histórico e os elementos de projeto. Trata-se de uma correção do idealismo de Viollet-le-Duc, que buscou a ideia de que o edifício era diretriz da intervenção, na qual, agora, se transforma em um realismo totalmente ligado à materialidade espacial e física do monumento sobre o qual é atuado.[24]

Dessa forma, a intervenção por analogia pode ser destacada pelo compromisso entre duas ideias. Por um lado, entre os caminhos da tradição moderna baseada na independência entre a nova intervenção e a pré-existência. Por outro, na correspondência dimensional, tipológica e figurativa entre o corpo antigo e o novo, que busca uma correlação recíproca que unifica a entidade do todo.

---

[23] Ignasí de Solà-Morales, «Del contraste a la analogía. Transformaciones, en la concepción de la intervención arquitectónica.», em *Intervenciones*, trad. livre (Barcelona: Gustavo Gili, 2006), 41–42.
[24] Solà-Morales, 45.

Estratégias de intervenção na Ruína

É tempo de confrontar as ruínas enquanto instrumento projetual inerente à intervenção. Cada ruína é antes de tudo um convite à arte de construir.[25] A possibilidade de intervenção invocada por cada ruína depende de cada arquiteto, da sua imaginação, dos seus saberes, das suas referências, da forma como interpreta e vivência, os fragmentos que ainda permanecem.

"Todas as combinações são possíveis, são sugestões legítimas, naturais […] cada imagem é sempre uma previsão, uma premonição em relação às múltiplas descobertas do projeto: essa é a atração vertiginosa das analogias que nascem das Ruínas."[26]

Durante o desenvolvimento do projeto que motivou esta dissertação, várias referências projetuais foram exploradas, cada uma delas com seu contexto, forma e tempo diferentes, resultando em ideias e estratégias de projeto distintas. Cada um destes projetos buscou recriar uma nova síntese, escolhendo uma nova relação entre as estruturas pré-existentes e o novo corpo, "noutro lugar" e tempo. Como tal, surgem do confronto entre os fragmentos sobreviventes da ruína e os novos corpos que irão lhe integrar a fim de lhe reestabelecer a capacidade de serem ocupadas. Esse confronto é revelado na forma como a arquitetura construída se implanta e interliga com a ruína pré-existente.

A coerência de cada intervenção reflete-se na clareza desse confronto. Os vazios que uma ruína contém deixam em aberto a reinterpretação, a transformação da sua forma e seu significado, resultando em ideias de projetos individualizados.

Tendo em conta o limite ausente que os fragmentos evocam, a intervenção pode fazer-se "por dentro", "por fora", "ao lado" ou "entre". Na necessária referência de algum desses projetos, o objetivo é elaborar uma análise concisa, destacando as principais ideias que motivaram o seu desenvolvimento.

[25] Ustárroz, *La lección de las ruinas*, 12.
[26] Ustárroz, 13.



Figuras 15: A condição da ruína pré-existente



Figuras 16: O anúncio da intervenção

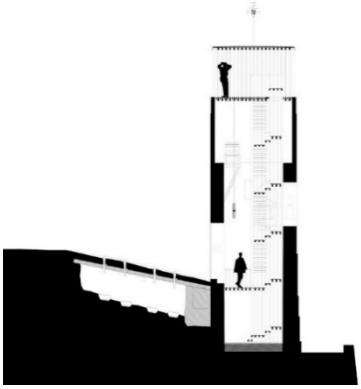
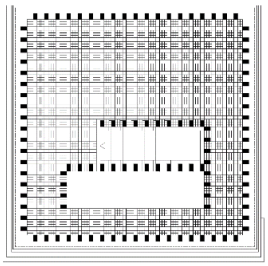


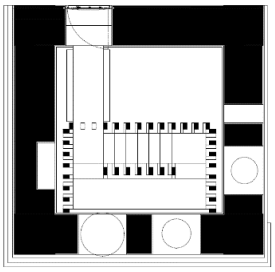
Figura 17: Corte



Figuras 18: Planta ao nível do nível do miradouro



Figura 19: Maquete



Figuras 20: Planta ao nível da entrada

Torre Sineira de Miranda do Corvo, Atelier do Corvo, 2011 – 2019

Práticas projetuais

Por dentro: Torre Sineira de Miranda do Corvo

A torre sineira de Miranda do Corvo e a cisterna são os únicos testemunhos materiais da construção defensiva medieval do antigo Castelo de Mondego, fortificação importante na linha de defesa de Coimbra durante a Reconquista. A torre ergue-se no alto de um cabeço arredondado, atualmente designado como Alto do Calvário, num local estratégico: no cruzamento do vale do rio Dueça com uma das passagens ao longo da Cordilheira Central.

A ruína, composta por uma estrutura em pedras aparelhadas em xisto e seixos xistosos e de planta quadrangular, com 5 metros de lado e 11 metros de altura, era, pelo seu interior, amplamente descaracterizada. Assim, a proposta de intervenção realizada pelo Atelier do Corvo consistiu na demolição das construções espúrias existentes e na requalificação da torre, com a introdução de uma nova escada "dentro" do espaço delimitado pelas paredes exteriores, permitindo ligar o patamar existente ao embasamento da torre e devolvendo sua função medieval enquanto torre de vigia, transformada agora em miradouro.

"Através da utilização de um sistema construtivo simples em madeira, capaz de resolver o programa, procurou-se reinterpretar o património herdado, corrigindo as transformações ocorridas ao longo dos tempos, procurando retornar a sua condição "chã" e devolver dignidade ao conjunto."[27]

Acomodada no interior por espaços vazios que as paredes envolvem, surge, então, uma estrutura unitária, autoportante, estável e flexível, toda em madeira. O respeito com que a intervenção se insere na ruína é evidente na forma como a estrutura se solta das paredes pré-existentes e fixa-se, pontualmente, no acesso da porta poente.

A intervenção contemporânea só se torna evidente pelo exterior por que, este novo corpo, que se desenvolve no interior da torre, ultrapassa os muros para criar um miradouro na cobertura. É quando toma proveito dessa condição e não se restringe as condicionantes dos limites formalizados da pré-existência que compreende as novas possibilidades de diálogo entre a ruína e a intervenção contemporânea. O corpo de madeira, leve e perfurado, que sobressai na cobertura, contrasta com a solidez de massa dos espessos muros pré-existentes que envolvem e integram a paisagem. Se estabelece, assim, a relação entre o passado e o presente nesta intervenção, através da leitura íntegra de cada elemento e da independência de cada tempo.

---

[27] Atelier do Corvo, «Memória Descritiva: Reconstrução e musealização da Torre e necrópole do Antigo Castelo de Miranda do Corvo», descrição enviada pelo atelier.



Figura 21: Relação da pré-existência com os novos corpos

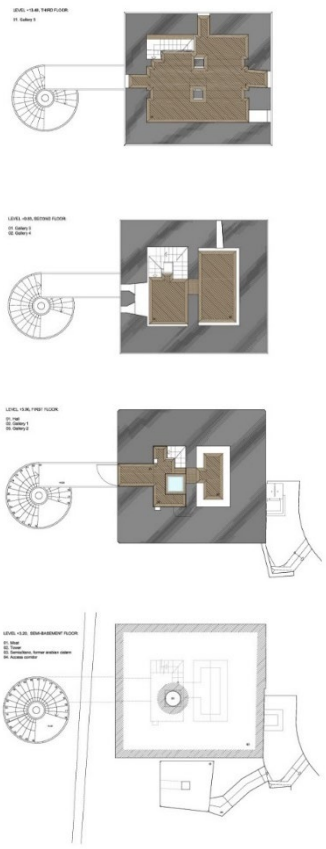


Figura 22: Plantas desde a cave (em baixo) até a terceiro piso (em cima)

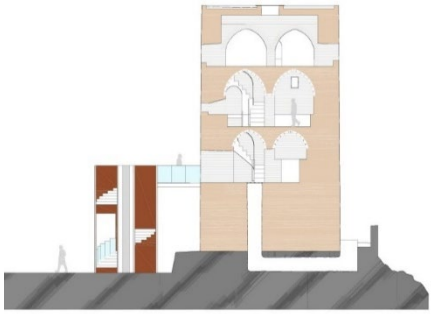


Figura 23: Corte

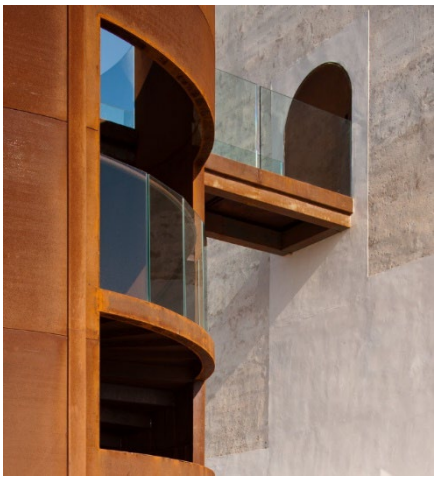


Figura 24: Contraste entre a materialidade do permanente e do efémero

Restauração de uma torre em Huercal-Overa, Castillo Miras Arquitectos, 2010

Por fora: Restauração de uma torre em Huercal-Overa

A torre de Huercal-Overa foi construída pelos árabes, durante o século XIII, quando o reino Nazari regia o sul da Península Ibérica. Situada estrategicamente, no topo de uma colina e próxima à antiga fronteira entre os Cristãos e os Nazaris, esta torre fazia parte de uma faixa defensiva fronteiriça desde os tempos antigos.

A intervenção realizada pelo atelier Castillo Miras Arquitectos, teve como principal objetivo tornar a torre acessível, além da recuperação e restauração do edifício original. Para recuperar o acesso original à torre, elevada 4 metros acima do solo, foi projetada uma escada de aço corten, um objeto leve, metálico e removível, que contrasta com a construção original. Em oposição à solidez e a materialidade quadrangular da torre, a escada temporária, circular e enferrujada reforça seu caráter provisório, bem como a natureza degradável do contemporâneo.[28]

O critério fundamental para a restauração da torre existente foi preservar os elementos originais, eliminando os acréscimos e destacando os materiais originais. Para isso, no interior da torre, são removidas todas as adições alteradas ao longo dos anos. A escadaria interna original, parcialmente demolida, é reconstruída com base na tipologia encontrada nas torres semelhantes. No chão, um novo piso elevado de madeira foi colocado, solto das paredes.[29]

No exterior, a morfologia do terreno existente foi determinante para a definição do projeto e sua topografia traçou o caminho pedestre a ser seguido. A área de estacionamento é fixada em um patamar existente no final da estrada de acesso. De forma a minimizar a perturbação do solo e dada a importância arqueológica do local, os complementos ao edifício original são concebidos como objetos removíveis, containers de transporte, indicando o caráter provisório e reversível dos novos corpos colocados diretamente no solo sem alicerces e feitos com materiais contrastantes.

O projeto explora, assim, a dicotomia entre a construção sólida e antiga da torre e a natureza provisória, leve e degradável do contemporâneo. O uso das formas tradicionais e o contraste da estrutura pré-existente com a natureza leve, efémera e degradável da intervenção contemporânea demonstram uma grande elegância e sensibilidade em relação ao ambiente natural e construído. O principal êxito desta proposta foi a sua composição, que se traduz na diferença da textura, dos materiais e da geometria entre os novos elementos e o edifício o pré-existente

[28] Luis Castillo e Miras Mercedes, «Proyecto: Torre de Huércal Overa», Castilho/ Miras Arquitectos, acedido 2 de setembro de 2022, https://www.castillomiras.es/proyectos/torre-huercal-overa.html.
[29] Castillo e Mercedes.



Figura 25: O presente ao lado do passado



Figura 26: Estereotómico e o tectónico



Figura 27: Relação entre a ruína, o novo corpo e a envolvente

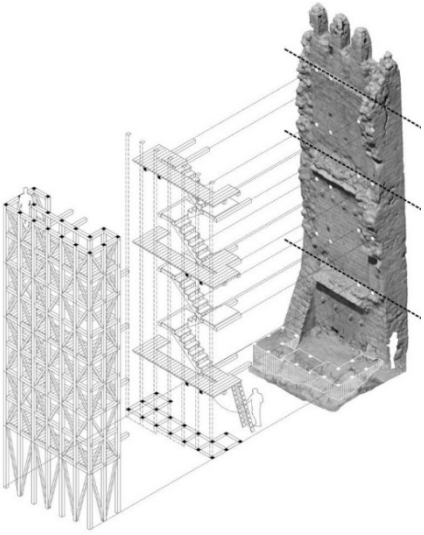


Figura 28: Esquema estrutural axonométrico

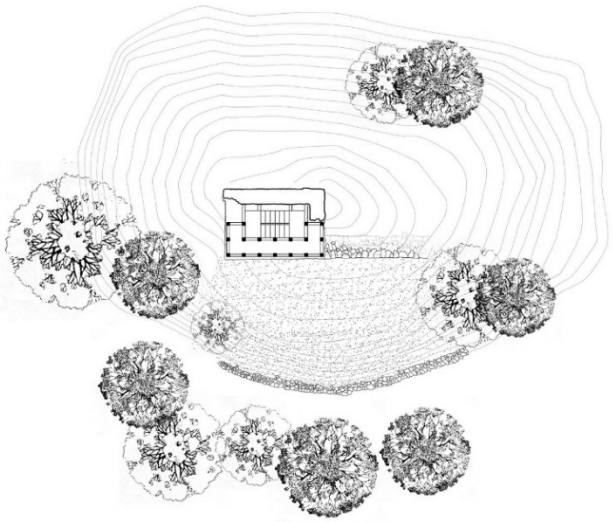


Figura 29: Planta de implantação

Torre de Merola, Carles Enrich Studio, 2016-2019

Ao lado: Torre de Merola

Os fragmentos da Torre de Merola, sobreviventes dos terremotos que ocorreram na Catalunha durante o século XV, são erguidos à sul do município de Puig-reig, município da região de Berguedà, Espanha. Construída entre os séculos XIII e XIV, formava parte do sistema defensivo do Castelo de Merola e servia para controlar a estrada que ligava os Valls del Llobregat (Berguedà) aos Valls del Cardener (Bages-Solsonès).

A torre, originalmente de planta retangular de 5 x 3,8 metros, atualmente conserva apenas uma das faces da muralha, voltada para o norte. Com altura de 14,8 metros e uma parede com cerca de 1,20m de espessura, era composta por 3 pisos, sendo os dois primeiros possivelmente cobertos com abóbada e o superior com madeira.

O alto risco de demolição deste monumento, demandou uma intervenção que garantisse a preservação dos fragmentos e a recuperação da edificação. Para atingir os objetivos, foram propostos, pelo Carles Enrich Studio, dois eixos de intervenção: por um lado, a consolidação dos fragmentos sobreviventes e, por outro, o reforço estrutural da construção medieval.

"À semelhança do andaime, (o reforço) suporta estruturalmente a construção pré-existente, recupera o volume original e restitui a sua função no território como miradouro."[30]

O novo corpo foi implantado "ao lado" do muro de pedra pré-existente e configurado por meio de uma estrutura de madeira, com perfis de seção quadrada que se apoiam no muro pré-existente e seguem o perímetro das dimensões originais dos limites, atualmente, desaparecidos. Uma vez consolidada a parede remanescente, é inserida uma escadaria de forma a permitir o acesso aos três níveis originais de circulação e a contemplação das magníficas vistas do topo da torre.

A intervenção contemporânea permite não só estabilizar estruturalmente o muro existente, mas também, recuperar a volumetria original da torre e restaurar sua função como ponto de observação e defesa do território. A nova estrutura em madeira resolve as condições de reforço funcional e estabelece um diálogo com o muro de pedra pré-existente, evidenciando a nova intervenção em relação a original.

O novo carater do lugar acontece nessa dualidade gerada pelo contraste entre a estrutura em pedra e em madeira. Entre o estereotómico e o tectónico. O presente ao lado do passado, o leve ao lado do pesado.

---

[30] Carles Enrich Studio, «Merola's Tower», trad. livre, Carles Enrich Studio, acedido 5 de abril de 2022, https://carlesenrich.com/projects/merolas-tower/.



Figura 30: Relação da ruína com a evolvente



Figura 31: A condição da ruína pré-existente



Figura 33: O novo volume que se molda à ruína

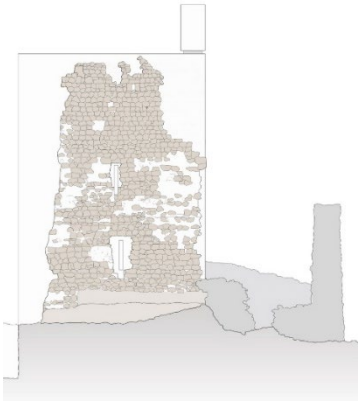


Figura 32: Alçado oeste

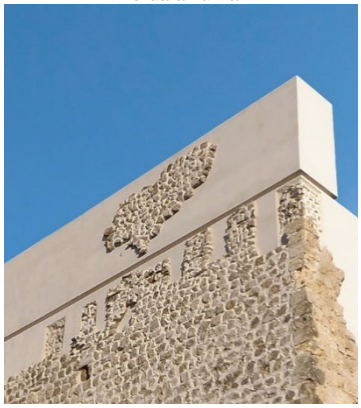


Figura 34: O contraste entre os materiais

Entre: Restauração da Torre Medieval de Cádiz

A Torre Medieval do Castelo de Matrera, em Villamartin, Cádiz, datada do século IX, é uma importante referência histórica e paisagística na região devido à sua posição estratégica na fronteira. Em 2013, este ícone paisagístico desaba parcialmente, perdendo parte da sua imponente volumetria e levando consigo não apenas seus fragmentos, enquanto parte do elemento arquitetónico, mas também a referência paisagística de um marco ligados à iconografia e cultura da região.

Com o objetivo de controlar o risco de colapso total e sob critérios de autenticidade e compatibilidade, a intervenção executada pelo arquiteto Carlos Quevedo Rojas, consolidou estruturalmente os elementos emergentes com alto risco de colapso, diferenciando os acréscimos e recuperando a volumetria, textura e tonalidade da torre original.

"Esta intervenção pretende atingir três objetivos básicos: consolidar estruturalmente os elementos emergentes em risco; diferenciar a intervenção adicionada ao item original (evitando as reconstruções miméticas que são proibidas por Lei) e recuperar o volume, textura e tonalidade que tinha a torre originalmente"[31]

O olhar para a restauração como uma unidade potencial do monumento sem empreender um falso histórico ou anular cada vestígio da passagem da obra no tempo é materializado por meio do uso do calcário como principal material de revestimento. As irregularidades das paredes arruinadas contrapõem-se com a regularidade das novas paredes, aumentando a potencialidade expressiva dos dois. Reaproveitado para os contrafortes e para o reforço dos núcleos internos degradados que perderam o revestimento exterior, a leitura da unidade arquitetónica é dada graças a recuperação volumétrica original e a utilização do revestimento contínuo e recuado em argamassa de cal, que se molda "entre" os muros pré-existentes, completam-nas e delimitam as suas fases de construção.

Essa composição que se traduz na diferença da textura, serve, acima de tudo, para evidenciar a oposição radical entre o novo e o antigo. A história da arquitetura do passado é, então, analisada como um produto do passado, com carga expressiva e significante, em que se ressaltam as inovações e diferenças, reconhecendo os dois valores em simultâneo e potencializando a perceção da arquitetura do presente. Assim, a forma dialética entre semelhança e diferença expressa-se em simultaneidade.

[31] José Tomás Franco, «Restauração da Torre Medieval de Cádiz: Atentado ou preservação do patrimônio?», trad. Joanna Helm, ArchDaily Brasil, acedido 18 de setembro de 2022, https://www.archdaily.com.br/br/783837/restauracao-da-torre-medieval-de-cadiz-atentado-patrimonial-ou-projeto-valido.



Figura 35: Moura no território português



Figura 36: O lugar e sua envolvente

Lugar. Identidade

A Atalaia Magra está implantada a cerca de 3km do castelo da cidade de Moura, uma cidade raiana portuguesa, pertencente ao distrito de Beja. Entre a província do Alentejo do lado de Portugal e Sevilha do lado de Espanha, a cidade implanta-se na elevação dominante de uma planície atravessada pela ribeira de Brenhas e rio Ardila, e está essencialmente limitada a leste-sul por Espanha e a norte-Oeste pelo Rio Guadiana.[32]

Moura faz parte de uma região de solos férteis e sua a geografia é destacada por duas zonas de relevo e características agrícolas bem distintas. O sul e oeste do concelho são ocupados por uma ampla área de calcários, na qual o cultivo de trigo e da oliveira são predominantes. A norte do concelho, a natureza dos solos e as redes hidrográficas dos rios Guadiana e Ardila fazem do território uma área de grande capacidade agrícola, favorável à horticultura, aos cereais e a olivicultura.[33]

A geografia física do território é bastante uniforme, com a planície a dominar a paisagem quase por completo. Em relação ao sistema geológico, encontra-se inserida em uma parte da Faixa Piritosa Ibérica, a mais extensa jazida metalífera da Europa. Desde há milhares de anos que se extrai dela sobretudo cobre, mas também o ferro, o ouro e a Prata.

As características geológicas da região constituem um fator fundamental na definição do sistema de escoamento hídrico subterrâneo. O fluxo da água subterrânea é dominado pelo aquífero Moura-Ficalho, o aquífero com maior potencial hidráulico da região.

A localização condiciona diretamente o clima. A distância do litoral garante que o clima do concelho tenha características mediterrânicas: verões quentes, com elevados valores de insolação e secos e invernos suaves. A pluviosidade é inferior a 450mm/ano, prolongando se a estiagem por cerca de sete meses. Nestas condições climáticas, apenas uma conjugação de fatores geológicos, estruturais e geomorfológicos, permite constituir aquíferos, cuja importância é inegável para o abastecimento do concelho.

A riqueza em água, a fertilidade dos solos e, principalmente, a importância estratégica de Moura, que colocou os centros urbanos do sul da Espanha em contato com Portugal, foram fatores fundamentais para que desde os tempos remotos, a presença humana fosse uma constante em todos os recantos do território.[34] As primeiras ocupações de povoados, ou comunidades nómades

---

[32] Santiago Macias, «Moura na Baixa Idade Média: elementos para um estudo histórico e arqueológico», 1993, 127, https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/2380; «Conhecer: Moura», Câmara Municipal de Moura, acedido 29 de março de 2022, http://www.cm-moura.pt/moura/.

[33] Santiago Macias, José Valente, e Vanessa Gaspar, *Castelo de Moura - escavações arqueológicas 1989-2012 (textos)* (Moura: Câmara Municipal de Moura, 2016), 13; José António de Oliveira Correia, *Moura Culturas e Mentalidades* (Moura: Câmara de Moura, 1997), 10.

[34] Macias, Valente, e Gaspar, *Castelo de Moura - escavações arqueológicas 1989-2012 (textos)*, 14.

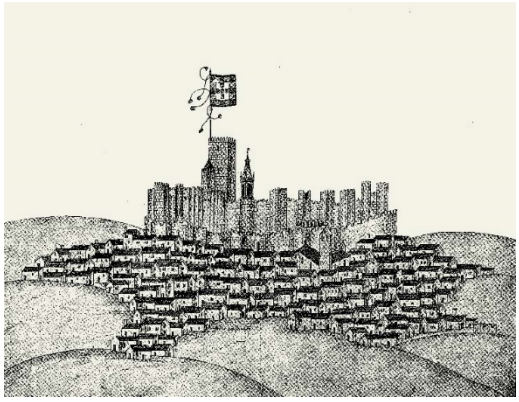


Figura 37: Vila de Moura no início do século XVI



Figura 38: Vista do castelo e da cidade em 1940



Figura 39: Vista aérea do Castelo de Moura



Figura 40: castelo e a cidade de Moura atualmente

dedicadas à caça e a recolha de alimentos silvestres, se instalaram a norte, nas proximidades dos rios Guadiana, a cerca de 10.500 anos, durante o Paleolítico superior.[35]

Localizada na zona de fronteira Bética-Lusitânia[36], sua proximidade à Espanha obrigava um controlo apertado do território e exigia a fortificação das linhas e separação dos dois reinos. A construção e implantação do Castelo de Moura está integralmente relacionada com o desenvolvimento deste processo e à consequente organização do território português.

Na Península Ibérica o feudalismo revela-se com características diferentes do resto da Europa. Em Portugal, os castelos medievais assumem, essencialmente, um carater militar, político e estratégico, e garantem a defesa do Reino. A defesa do território apoiava-se numa importante rede de castelos, construídos em locais estratégicos, como nas zonas de fronteira ou na proximidade com importantes vias de comunicação, aproveitando, muitas vezes, as condições geográficas naturais de defesa.[37]

O Castelo de Moura, com cerca de dois hectares, está implantado no ponto mais alto da cidade, a cerca de 200 metros acima do nível do mar, encaixado entre o rio Brenhas, afluente do Ardila, a nascente, e a ribeira das Lavadeiras, a poente. Provido de condições especiais, em posição destacada, que lhe proporciona boas condições de visibilidade, importantes para a defesa e controle do território envolvente, sua localização estratégica garantia o domínio sob todos os sentidos e permitia uma visão alargada a centenas de quilómetros.[38] Além das condições naturais de defesa excelentes, a presença de fontes de água[39] no alto do cerro foram fundamentais para a sua implantação.

"Sem água, o cerro do castelo seria igual a tantos outros no interior alentejano. Foi a sua presença que, justificadamente, fez crescer e prosperar uma cidade."[40]

As primeiras ocupações no cerro do atual Castelo de Moura datam da Pré-História, mas é a partir da Idade do Ferro que o castelo obtém uma significativa relevância. Devido a sua importância estratégica de implantação e a riqueza de água, esta área abrangeu o primeiro núcleo de povoamento da região e consistiu um dos espaços fundamentais para a construção da cidade e crescimento do povoado.[41]

---

[35] «Exposição "Moura Arqueológica – Tesouros por Descobrir"», 2022.
[36] Macias, Valente, e Gaspar, *Castelo de Moura - escavações arqueológicas 1989-2012 (textos)*, 21.
[37] Macias, Valente, e Gaspar, 27–28.
[38] Macias, Valente, e Gaspar, 35.
[39] A permanência das fontes de água no interior do castelo é explicada pela existência, no subsolo, de um sistema aquífero, o Aquífero Moura-Ficalho, e da presença de uma falha geológica que se comporta como barreira de muita baixa condutividade hidráulica horizontal, originando fluxos verticais através de uma rede de fraturas. (Macias, «Moura na Baixa Idade Média: elementos para um estudo histórico e arqueológico», 127.)
[40] Santiago Macias, *Água Património de Moura* (Moura: Câmara Municipal de Moura, 2017), 10.
[41] Macias, Valente, e Gaspar, *Castelo de Moura - escavações arqueológicas 1989-2012 (textos)*, 35.



Figura 41: O sistema defensivo de Moura


Figura 42: Atalaia Porto Mourão


Figura 43: Atalaia Magra


Figura 44: Atalaia de Alvarinho


Figura 45: Atalaia Gorda


Figura 46: Atalaia da Coutada


Figura 47: Atalaia da Casinha

Ao longo da margem esquerda do Guadiana, entre a reconquista e a sua integração a coroa portuguesa, nos finais do século XIII, o território passa por períodos conturbados de disputas entre os reinos de Portugal e de Castela. Consequentes da implantação na região fronteiriça e da importância agrícola e pecuária da *Contenda*[42], terras de uso comum de povoações portuguesas e castelhanas, a disputa dos territórios foi fato que marcou a vida do seu território.

No século XVI, Moura estendia seus limites a este, sul e oeste. O crescimento urbano no início desse século foi bastante significante, tornando Moura um dos principais povoados do sul de Portugal em 1527. Pouco tempo depois, quando o crescimento da vila exigiu a ampliação dos limites da cerca, se construiu uma segunda linha muralhada junto com a construção de uma linha defensiva articulada com a própria fortificação de Moura.

Na impossibilidade de controlar todo o território sobre o seu domínio e, de modo a servir o baluarte do Castelo de Moura, foi associada uma rede de atalaias que formavam uma linha avançada de defesa que permitia o controlo e a vigilância mais eficiente dos movimentos de exércitos inimigos e das zonas de penetração do reino português.

"As fortificações dos séculos XVI, XVII, XVIII eram protegidas exteriormente por obras que se destinavam a dificultar o avanço do inimigo no terreno e a consequente aproximação às muralhas, constituindo igualmente um local privilegiado para a colocação de soldados e artilharia."[43]

Em Moura estão inventariadas seis atalaias: Magra, Coutada, Casinha, Alvarinho, Gorda e de Porto de Mourão, no entanto, a Atalaia Magra é a única que se encontra classificada como Imóvel de Interesse Público por Decreto.

---

[42] A designação da *Contenda* abrange uma vasta área dos concelhos de Moura, Aroche e Encinasola e corresponde a um espaço explorado ao longo de muitos séculos de forma comunitária pelas populações raianas, principalmente por Sevilha, do lado espanhol e Moura do lado português. Decorreram 261 anos de usufruto comum, até que, em 1892, são delimitadas as fronteiras entre Portugal e Espanha na zona da *Contenda*, cabendo a Portugal cerca de 5280 hectares (43% da área total), terreno que teria sido doado à Camara de Moura. (Correia, *Moura Culturas e Mentalidades*, 42–43.)

[43] Santiago Macias e Vanessa Gaspar, *Fortificações Modernas de Moura* (Moura: Câmara Municipal de Moura, 2005), 25.



Figura 48: Relação da ruína com a paisagem

Ruína. Memória

Atalaia Magra

Atalaia em definição é uma "Torre medieval isolada, construída no exterior de uma fortificação para prolongar as funções de vigilância da mesma, vigiar determinados eixos de aproximação tidos como perigosos ou estabelecer a ligação entre duas ou mais fortificações."[44]

Funcionando em conjunto com o baluarte do Castelo de Moura, a torre da Atalaia da Cabeça Magra, como também é conhecida, controlava um vasto espaço em seu redor, garantia a defesa das populações contra os ataques castelhanos e estava destinada a avisar aos defensores eventuais ataques vindos de Castela.[45] Localizada a cerca de 3 km do castelo e junto ao antigo caminho para Aroche[46], uma das vias, estrategicamente, mais importantes daquela época, formava, juntamente com outras três torres (Porto de Mourão, Coutada e Alvarinho), a primeira linha de vigilância e defesa da zona raiana da Contenda.[47]

Prevenindo a comunidade e efetivos militares de possíveis invasões, os sistemas de defesa secundários, constituídos pelas atalaias e torres, eram cruciais para manter o controlo sobre os territórios e a sua eventual proteção. A garantia da inacessibilidade das fortificações raianas contou com uma metódica atenção ao território envolvente. Devido a esta necessidade, os sistemas defensivos e de vigilância tiveram um especial cuidado às particularidades geográficas e de transporte pela região. Sendo elaboradas de modo a interagir, posicionavam-se próximas as fortificações e passagens viárias e fluviais, como locais estratégicos favoráveis ao controle e circulação mesmo a grandes distâncias.

---

[44] Noé, «Guia de Inventário - Fortificações Medievais e Modernas», 66.
[45] «Atalaia Magra - Roteiro do Alqueva - Portal Turístico | Alentejo - Portugal», acedido 19 de junho de 2022, https://www.roteirodoalqueva.com/poi/atalaia-magra..
[46] Esta via terrestre ligava Beja, Serpa e Aroche e punha em contato a Costa Ocidental. Por ela passava um incessante tráfego de pessoas que se dirigiam a região de Olisipo para ir trabalhar, mantendo-se como eixo fundamental do sudoeste peninsular em época islâmica. (Macias, Valente, e Gaspar, *Castelo de Moura - escavações arqueológicas 1989-2012 (textos)*, 31.)
[47] Macias e Gaspar, *Fortificações Modernas de Moura*, 44.\



Figura 49: Implantação Atalaia Magra

Implantação

De forma a facilitar a observação da extensão dos territórios raianos e, usufruindo das características favoráveis do terreno, a torre da Atalaia Magra implanta-se em local de certa altitude para observar movimentos hostis.

"São precisamente as condições naturais impostas pela implantação dos relevos ou pelo curso dos rios que constituem as primeiras «fortalezas» defensivas da fronteira, e é precisamente onde se atenuam que em maior número surgem as fortificações construídas pelo homem."[48]

O aproveitamento de lugares estratégicos, elevados e com boa visibilidade, terá implicado na sua implantação a direita da Ribeira de Brenhas, sobre um antigo castro da Idade do Ferro, assim como de adaptações posteriores, nomeadamente romana.

Beneficiando-se das características defetivas naturais que atendiam as necessidades geoestratégicas da época, encontra-se isolada numa colina, o Monte da Atalaia, e está envolvida por um conjunto de relevos alongados e ligeiramente convergentes, a 196 metros de altitude e sobre uma linha de água. Sua posição geoestratégica permite a comunicação visual com o Castelo de Moura e com algumas das atalaias vizinhas.[49] As características do terreno onde se insere complementavam a estrutura de carácter defensivo, protegendo e controlando o vasto terreno. Estar implantada em um terreno de relevo, tornava difícil uma penetração por parte do exército castelhano e, tirando partido dos obstáculos naturais, retardava e dificultava a ofensiva do inimigo.

O acesso a torre, atualmente, faz-se por meio de uma estrada em terra batida a partir da EN258, estrada que estabelece a ligação entre as cidades de Moura a Barrancos, uma via recente que trouxe significativa melhoria nos acessos aos territórios.

Do topo da Atalaia Magra existem amplas vistas panorâmicas que realçam a sua beleza natural e seu significado. Todo o conjunto defensivo insere-se numa região de paisagem diversificada, com planícies e zonas montanhosas, na qual o cultivo de oliveiras é predominante. Em sua envolvente desenvolve-se hoje uma reserva natural, *habitat* de uma importante população de veados, entre muitos exemplares de fauna e flora local, constituindo usufruto comunitário das populações desde há séculos. [50]

---

[48] Miguel Figueira de Faria, «Fortificações de Portugal na fronteira da Estremadura espanhola», *Anais*, Série História, II (1995), 158.
[49] «Atalaia Magra / Atalaia da Cabeça Magra», Monumentos, acedido 15 de janeiro de 2022, http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=988.
[50] «Atalaia Magra - Roteiro do Alqueva - Portal Turístico | Alentejo - Portugal».



Figura 50: Aproximações à ruína e ao local de intervenção

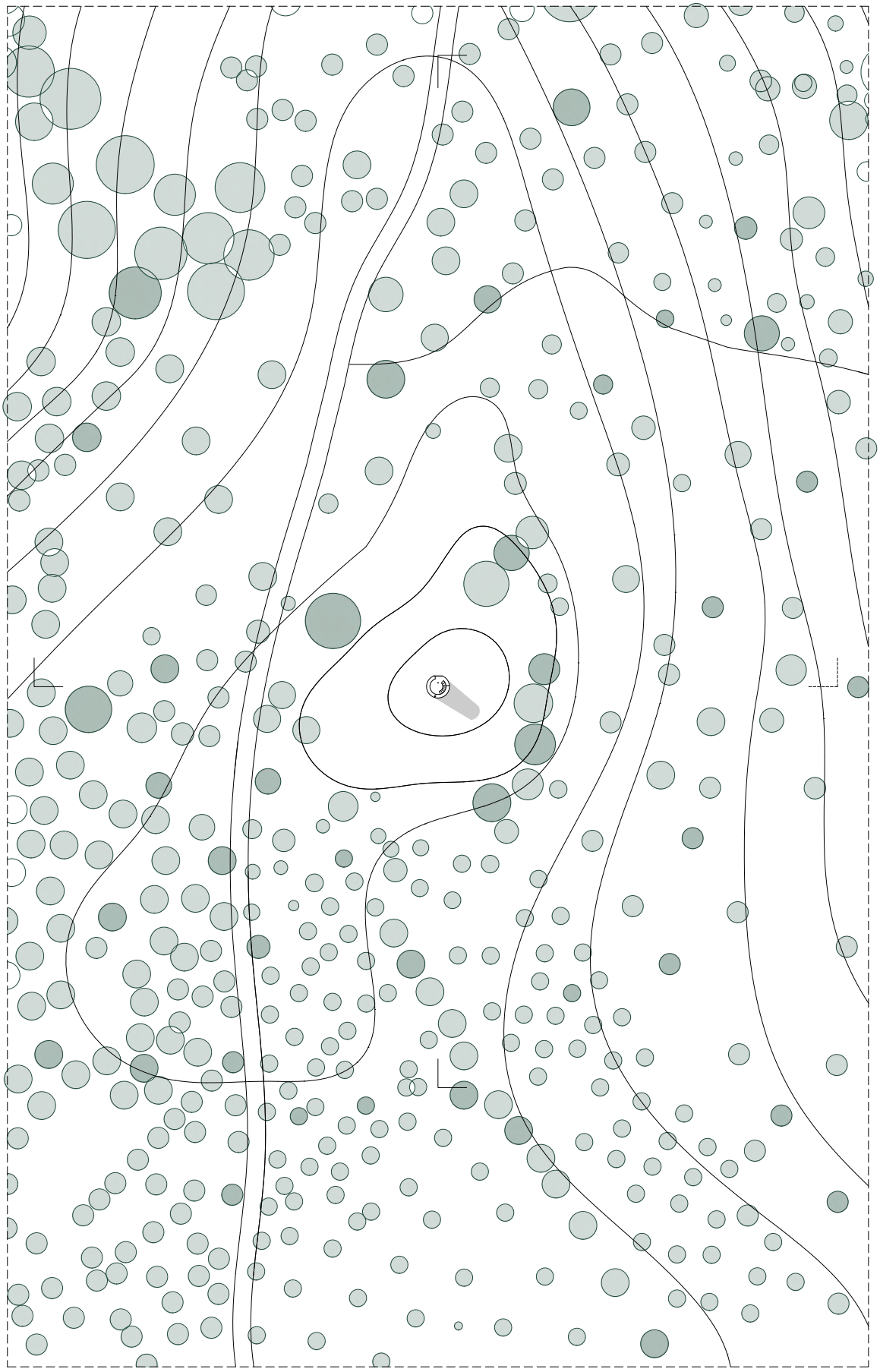


Figura 51: Planta de Implantação



Figura 52: Sul, na Atalaia



Figura 53: Norte, na Atalaia



Figura 54: Leste, na Atalaia



Figura 55: Oeste, na Atalaia

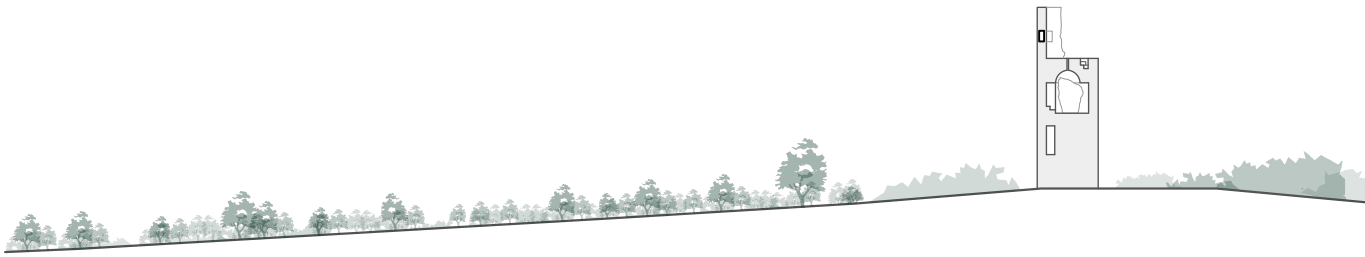
A presença da ruína na paisagem

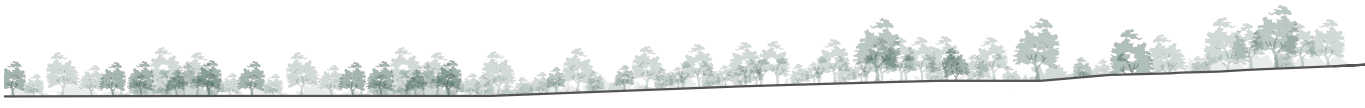
A torre da Atalaia Magra ergue-se no alto do monte da Atalaia numa paisagem tipicamente alentejana, ondulante com planícies e zonas montanhosas e ponteada por aglomerados de oliveiras. Este monte, bem destacado na paisagem, desfruta de um amplíssimo domínio, controlando visualmente um território muito vasto e significativo.

A olivicultura é principal atividade modeladora da paisagem. Todo o território envolvente é formado por campos agrícolas, símbolos da vida rural e de tradição, que asseguram a distância e o isolamento em relação à estrada nacional e aos pequenos focos habitacionais, únicos símbolos de urbanização deste território.

A paisagem se repete por todos os lados. A oeste, vê-se, ao fundo do horizonte, a cidade de Moura juntamente com o castelo. Norte e sul são compostos, maioritariamente, por olivais. A leste, ao fundo, as plantações dão lugar para os campos agrícolas.

Facilmente identificada em vários pontos da cidade e do território, a implantação da Atalaia no cimo da colina parece responder à necessidade medieval de existir um elemento de referência, marcante e diferenciado. Suas formas cilíndricas alongadas opõem-se em absoluto em relação a paisagem existente. Em contraste com a planície e a horizontalidade alentejana, a torre introduz a ideia de verticalidade, domina toda a envolvente e torna-se sinal no território, criando uma inusitada relação com o seu contexto: a horizontalidade deste local contrapõe-se à verticalidade da torre, marco desta paisagem.





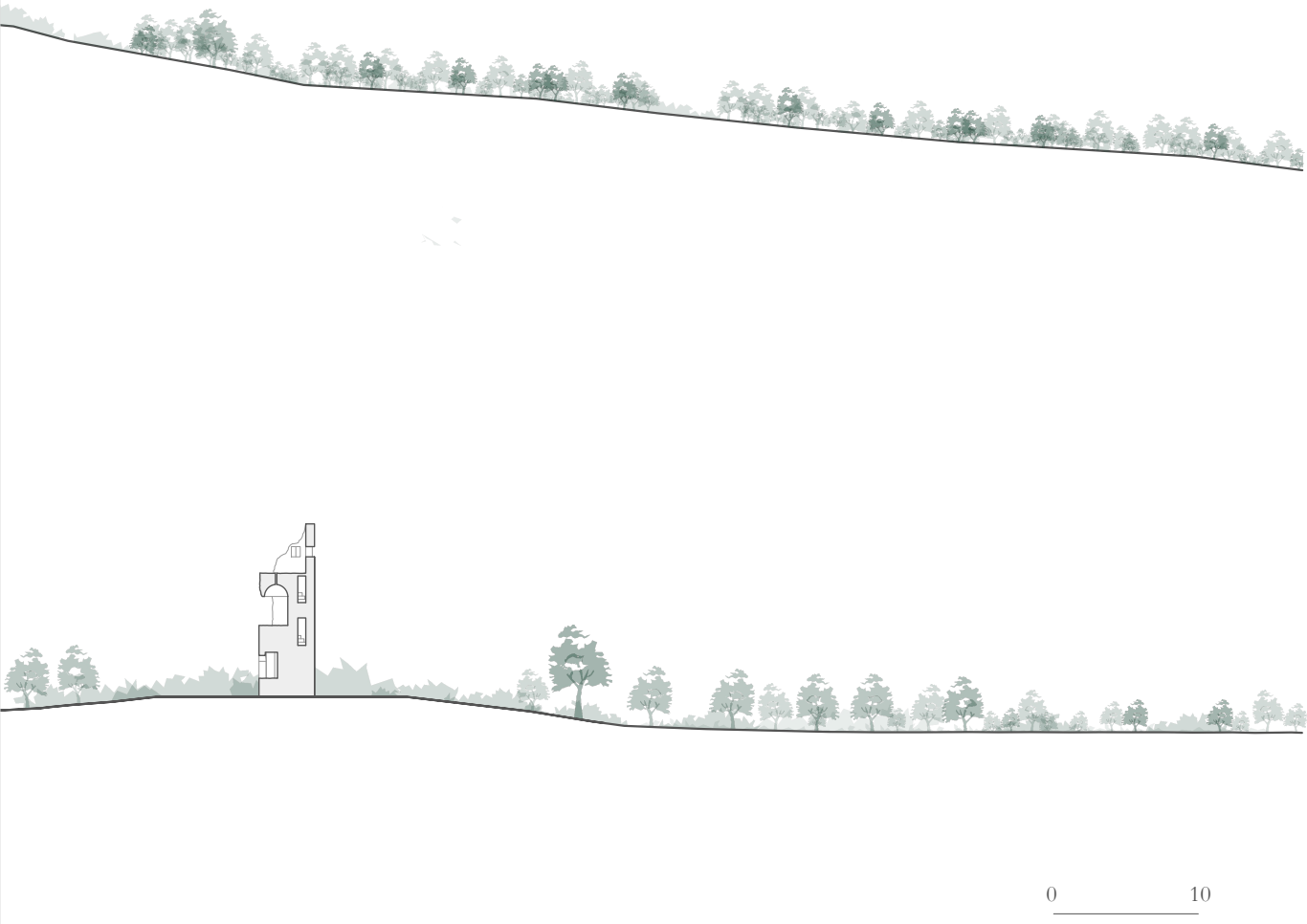


Figura 56: Cortes A e B

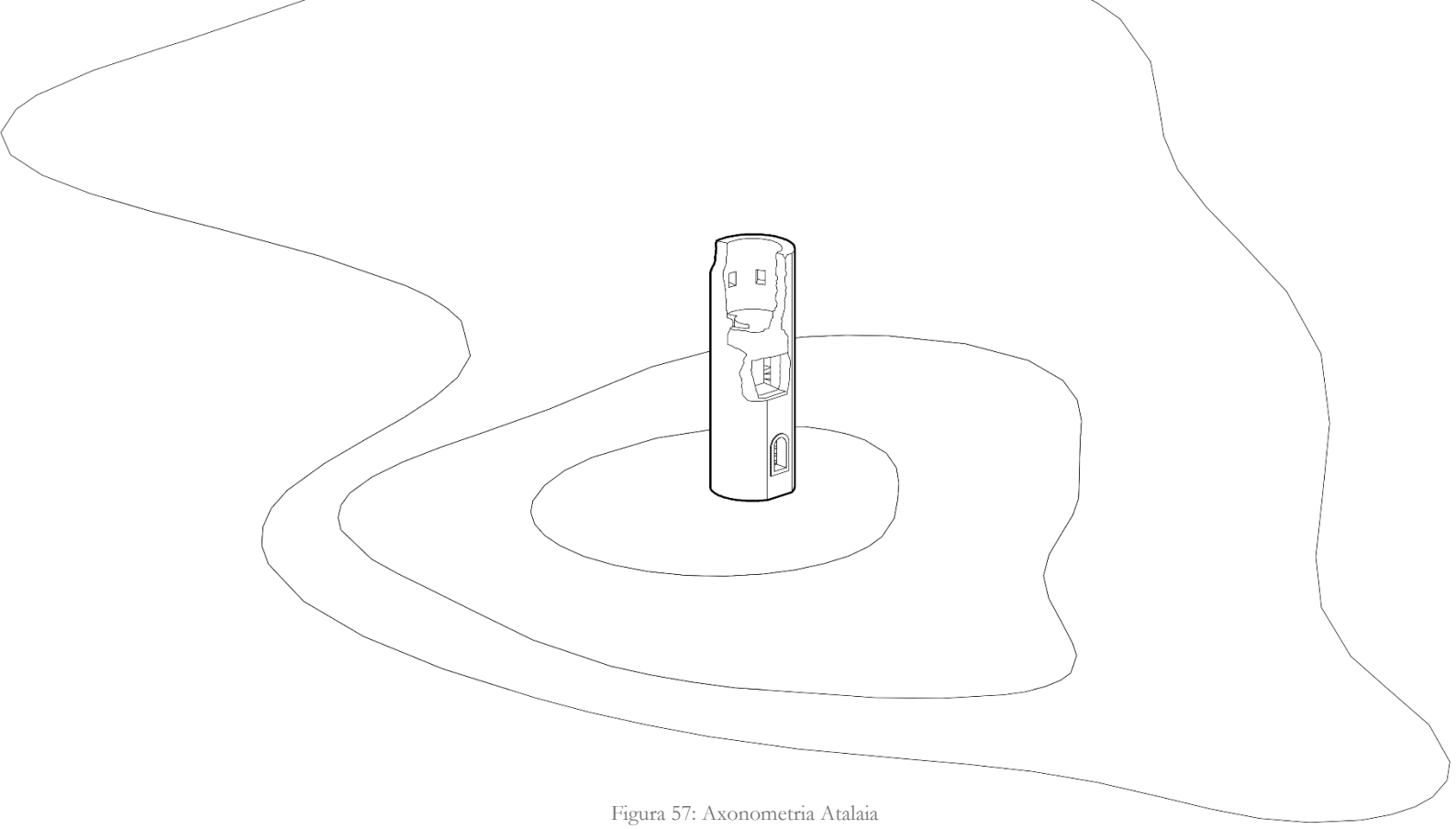


Figura 57: Axonometria Atalaia

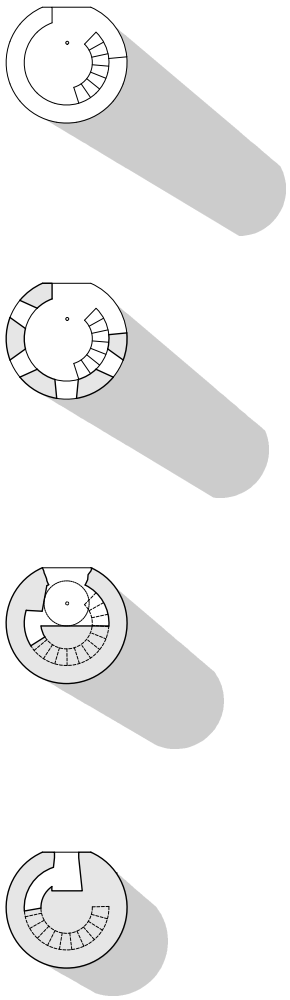


Figura 58: Plantas de Piso
desde planta Cobertura (cima) até Planta Piso Entrada (baixo)

Forma

Toda estrutura é construída a partir de um espesso aparelho em alvenaria de diferentes pedras pequenas (xistos, calcários e grauvaques) e cantaria em molduras. As pedras utilizadas nas paredes são ligadas entre si por argamassas e a parede têm, aproximadamente, 60cm de espessura.

O acesso a torre faz-se por uma porta, com aproximadamente 1,60m de altura, em arco quebrado moldurado, rasgada a 1,35 m do chão do lado oeste, provavelmente, acedida primitivamente por escada de madeira removível, de forma a tornar o acesso mais restrito.[51] No interior ainda são visíveis dois pisos. O primeiro, coberto por uma abóbada em pedra, estabelece a comunicação com o piso superior por meio de uma escada helicoidal, igualmente em pedra. A escada de pequena dimensão, com cerca de 55cm de largura, envolve toda a torre e encontra-se em bom estado de conservação, no entanto, a parede exterior poente encontra-se parcialmente ruinada.

No segundo andar a falta de uma cobertura faz com o que o céu se torne o limite superior desta ruína; acredita-se que era coberto por uma estrutura de madeira, hoje desaparecida.[52] Este é o piso mais arruinado. Encontra-se em avançado estado de ruína em boa parte da parede do alçado poente e norte da torre. Na parte ainda existente, a pouca distância do topo, vêem-se três janelas quadrangulares de dimensões reduzidas. No alto da torre ainda se conserva um pequeno Marco Geodésico, evidenciando a importância da construção enquanto elemento referencial do território.

Foi realizada uma intervenção pela Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN) em 1991, que consistiu na consolidação de paramentos, tapamento de rombos, refechamento de juntas.

[51] «Atalaia Magra - Roteiro do Alqueva - Portal Turístico | Alentejo - Portugal».
[52] ibidem



Figura 59: Atalaia, voltada à nascente



Figura 60: Atalaia, voltada à sul



Figura 61: Atalaia, voltada à poente



Figura 62: Atalaia, voltada à norte

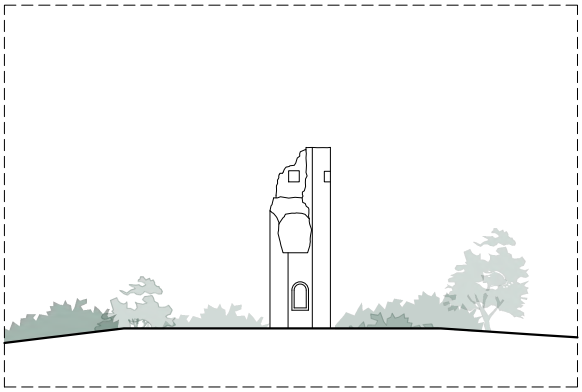


Figura 63: Alçado Poente

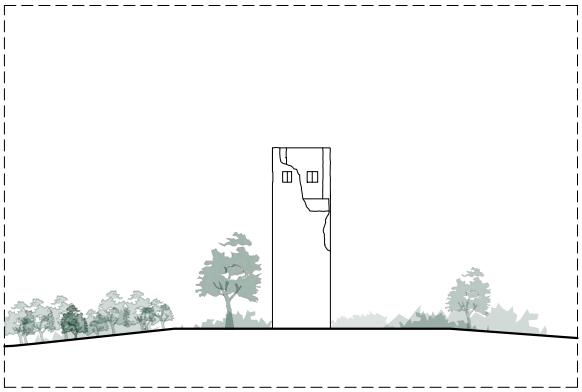


Figura 64: Alçado Norte

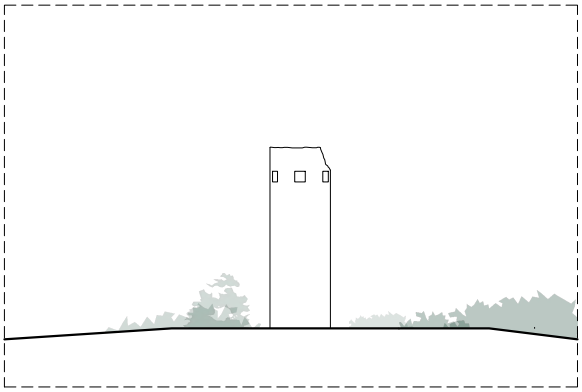


Figura 65: Alçado Nascente

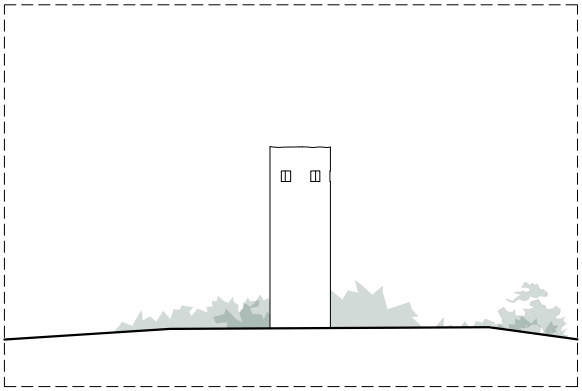


Figura 66: Alçado Sul



Figura 67: A expressão do aparelho de pedras Interior| Exterior

Materialidade

Da ruína restam apenas os elementos construídos em pedra. Da madeira que, possivelmente, estruturava a cobertura e a escada exterior, não restam nem fragmentos. Seus elementos resistentes, maciços, pedregosos, pesados[53], de natureza estereotómica, assentam-se sobre o solo como se dele tivessem nascido.

"A arquitetura estereotómica é entendida como aquela em que a força da gravidade é transmitida de forma contínua, em um sistema estrutural contínuo e onde a continuidade construtiva é completa"[54]

Sua massa constrói-se, sobretudo, pela sobreposição de pedras de calcário, de dimensões reduzidas, juntamente com argamassa de cal e outros restos de materiais, como os cerâmicos, xistos, e grauvaques, e funcionam fundamentalmente por compressão. O calcário, juntamente com o granito, são as pedras mais utilizadas em Portugal, pela sua disponibilidade local, resistência, durabilidade e diversidade de uso. A variedade desta rocha no território, de propriedades distintas, e a multiplicidade de técnicas construtivas, tornou-o em um material versátil a vários tipos de utilização.

Paredes

A escolha das paredes em alvenaria de diferentes pedras de pequenas e medias dimensões é caracterizada pela predominância dos materiais nas redondezas da zona da obra e na agilidade no seu transporte. Como sistema construtivo, as paredes externas apresentam grandes espessuras e são constituídas por materiais heterogéneos, dando origem a elementos rígidos e pesados, com boa capacidade resistente à compressão, capaz de suportar as cargas provenientes do seu próprio peso, dos pavimentos e da cobertura. Apresenta uma deficiente resistência à tração e à flexão, no entanto, pode apresentar alguma resistência mecânica a ações externas, como os sismos e vibrações, dependendo da forma de encaixe e travamento das pedras.

Do ponto de vista construtivo, as paredes de alvenaria de pedra apresentam múltiplas folhas, construídas com pedras cuja maior dimensão é inferior à espessura total da parede. Sua construção irregular, como o próprio nome indica, é caracterizada por sobreposições de pedras de formas e dimensões irregulares de ligadas entre si com argamassa de cal e assentes em fiadas relativamente niveladas. Além disso, entre as pedras médias, são colocadas pedras menores que garantem a continuidade e a estabilidade do paramento.

---

[53] Alberto Campo Baeza, «De La Cueva A La Cabaña. De Lo Estereotómico Y Lo Tectónico En La Arquitectura.» (Madrid, 2008), 6, https://www.campobaeza.com/wp-content/uploads/1996/01/2008_PENSAR-CON-LAS-MANOS_03_DE-LA-CUEVA-A-LA-CABAÑA.pdf., 6

[54] Campo Baeza, 5.



Figura 68: Verdade Construtiva

No interior o paramento é igualmente irregular, mas menos cuidado. As pedras assumem formas variadas e há menos preocupação no seu assentamento. No último piso o uso de elementos cerâmicos torna-se mais frequente, principalmente entre os vãos existentes. A exceção à irregularidade do aparelho faz-se no vão da porta de entrada à torre. A moldura do vão constitui-se por blocos de maiores dimensões, mais regulares e bem emparelhados.

As paredes arruinadas, tanto no primeiro piso como no segundo piso, são consequências do comportamento heterogéneo das paredes de alvenaria, do seu peso próprio ser elevado e das degradações químicas ou biológicas que podem alterar as propriedades dos materiais. Ao longo do tempo, houve uma degradação da estrutura até ser atingido um estado de deformação excessivo e o colapso da estrutura.

Nas paredes ainda é possível observar os tapamentos de juntas realizados pela DGEMN, em 1991.

Vãos

A necessidade da continuidade das paredes portantes resulta em poucos vãos com reduzidas dimensões, localizados sobretudo no último piso. Assumem-se, assim, como escavações necessárias para a entrada da luz no seu interior e para observação do exterior, principal função desta torre.

Nas paredes pré-existentes é possível identificar dois tipos de vãos: as janelas, no último piso, e a porta de entrada, no primeiro piso. A padieira das janelas quadrangulares do último piso é resolvida com uma pedra única na horizontal. A porta, por precisar de um esforço estrutural maior, é feita com a padieira em forma de arco e moldurada por pedras maiores, mais regulares e mais bem aparelhadas. As ombreiras são compostas por pedras verticais. A falta de uma cobertura resulta em um vão no quinto alçado. O céu torna-se o limite vertical desta torre.

Lajes e Escadas

As lajes e as escadas, assim como toda a estrutura maciça das paredes, são feitas pela sobreposição de pedras. Estão, de modo geral, bem conservadas, mas as marcas do tempo são visíveis pela sua forte irregularidade e pelo acumulo de areia. A laje de piso do último piso, pela ausência de uma cobertura, também funciona como abrigo desta ruína, é formada por abóbada pétrea, que permite proteger o interior da chuva e do sol e possibilita a concretização de um pé-direito de aproximadamente 2,80 metros- 1 metro a mais que o piso inferior. As escadas apresentam, de modo geral, 23cm de espelho e 33cm de cobertor. Estão todas inseridas no limite interior da parede exterior e funcionam como um rango sobre a massa da estrutura pétrea da torre.

PARTE II: Projeto

Proposta de Intervenção

O conhecimento e interpretação do sítio e sua circunstância, investigados anteriormente, foram fundamentais não só pelo interesse científico e cultural em si próprio, mas, também, porque constituiu matéria concreta de projeto de arquitetura. Sem a interpretação, a arquitetura torna-se puramente uma "espécie de futuro construído sem presente e sem memória".[55]

Após a análise que se dirigiu à ruína da Atalaia Magra, é chegado o momento de apresentar uma proposta de intervenção, que se apresentará como síntese de uma reflexão sobre a pré-existência e sua urgente necessidade de intervenção.

"A interpretação garante e sustenta a liberdade criativa em qualquer projeto que, sendo sempre obra do autor, é entre a imensa e rica variedade de intervenções possíveis sobre qualquer pré-existência. Não existindo regras universais, codificadas, para definir com rigor a natureza do projeto, o método nasce da circunstância de cada caso."[56]

Observar outras intervenções revelou-se igualmente importante, pelas distintas metodologias utilizadas para resolverem o mesmo problema: intervenção contemporânea numa torre arruinada. Estudá-las tornou-se fundamental para entender as questões de cada autor e a forma como encontrou respostas. Fica, assim, evidente a importância da capacidade interpretativa de cada arquiteto, justificando uma atitude de projeto entre inúmeras intervenções possíveis sobre cada pré-existência.

Isolada na paisagem, envolta em privacidade, natureza e silêncio, o sentimento que se faz presente é a nostalgia; pelo estado avançado de ruína e pela perda da continuidade do lugar, estagnado no passado. A nostalgia surge pela consciência da passagem dos tempos sobre a matéria. A nostalgia pela sua materialidade, sua cultura material tradicional que, em pouco tempo, desaparecerá completamente.

A proposta de intervenção para a ruína da Atalaia Magra propõe aceitar e compreender sua condição presente, tirando dela partido para uma utilização atualizada. Assim, a metodologia que constituirá a ideia de projeto passará necessariamente em preservar sua função, enquanto torre de observação, e em conferir novos elementos, em resposta aos requisitos impostos pelo programa, que tanto se adaptem às novas realidades como às necessidades inerentes dos dias que correm.

A intenção de projeto assenta-se então na premissa de assumir o 'novo' em relação ao 'velho', propondo uma construção nova de forma a manter a integridade estrutura pré-existente e assumi-la enquanto circunstância única a preservar para usufruto estético e afirmação da sua presença simbólica

---

[55] Alexandre Alves Costa, «Algumas intervenções em Idanha-a-Velha», em *Interpretar a Ruína. Contribuições entre campos disciplinares.* (Porto: FAUP publicações, 2011), 79.
[56] Costa, 78.

na paisagem. Apesar da intenção no edificado ter como premissa assumir os diferentes tempos que formam a imagem presente da ruína, a intervenção no terreno, tem como objetivo manter o máximo possível inalterado, ainda que sujeita à intervenção de um volume de construção.

Programa

Desta proposta, surgiram dois temas de destaque, evidenciando-se perante quaisquer outras: por um lado a da ruína (pré-existência); por outro a adição de um novo corpo imposto pelo programa.

1. Ponto de observação: Atalaia Magra

A intervenção na Atalaia será feita de modo a fortalecer a sua singularidade. Por se tratar de um elemento classificado, com risco de destruição e perda do monumento, consequentes do passar dos anos, a conservação, consolidação e preservação de seus elementos, tornam-se fundamental nesta proposta, não permitindo grandes alterações na disposição original dos compartimentos.

No topo da Atalaia Magra existem vistas panorâmicas que realçam a beleza natural e o significado histórico deste local. Promovendo uma nova atração para os visitantes e restaurando a função da torre medieval como ponto de observação e defesa do território, a adaptação da ruína em miradouro permite que os visitantes possam experienciar a subida ao nível superior da torre e desfrutar a imensidão da paisagem envolvente.

O principal confronto com à atual condição da ruína acontece entre as características espaciais de toda a torre e a tentativa de integração de um novo programa. As escadas de reduzida dimensão e paredes arruinadas, que comprometem a segurança dos usuários, dificultam a sua apropriação para o programa atual. Desse modo, a reconversão da ruína deverá saber interpretar suas regras, considerando o seu espaço enquanto matéria a modelar, com certa geometria de composição e articulação espacial que se afirmam na paisagem.

Perante a consciência das condicionantes a trabalhar nesta pré-existência, o programa a integrar a ruína será aquele que a mesma permitir. E é desta interpretação da condição atual e aceitação de todas as suas condicionantes e qualidades, que nasce a proposta de intervenção na pré-existência.

2. Centro Interpretativo

O Centro Interpretativo da Atalaia Magra visa criar um ponto de destino para a comunidade local e visitantes. Tem como objetivo a aprendizagem artística e interativa, que informa e envolve a comunidade sobre a história da cidade, por meio dos espaços expositivos que valorizem a cultura e

história local e, ao mesmo tempo, promova experiências imersivas às amplas vistas envolventes e da ruína existente.

Com um espaço sombreado para se estar e se envolver com a paisagem, um pavilhão, como ponto de encontro e espaço de conhecimento, a forma geral buscará realçar a singularidade de uma experiência dentro deste cenário único. O programa para o Centro Interpretativo acolhe a exposição permanente, o espaço multiuso, a área de estar, o café, as casas de banho, a arrecadação e a sala mecânica, que será separado em três blocos (norte, sul e oeste), conectados por espaços exteriores que permitem o fluxo natural e garantem a ligação entre todo o edificado. Cada um dos blocos abriga um conjunto de funções diferente e todos são projetados de forma a serem independentes uma das outras.

A exposição permanente proporciona aos visitantes informações detalhadas sobre a história dos vestígios da Atalaia Magra bem como sobre a importância dos sistemas militares de Moura. No interior, o discurso expositivo é marcado por uma gramática contemporânea com suportes desmaterializados – multimédia, videograma, bem como a exposição de brochuras, livros, documentos históricos, etc. A área multiusos acrescenta flexibilidade ao programa e fornece um espaço para acomodar exposições temporárias, seminários e palestras públicas. É uma sala única, de planta totalmente livre e adaptável, que permite acomodar mudanças de uso.

Construção da ideia

"As palavras em Arquitetura são sempre expressão de ideia cuja construção é a própria Arquitetura. Sem ideias, a Arquitetura é vã, vazia. […] A arquitetura, para além das formas que assume, é a ideia que se exprime com essas formas. […] As formas destroem-se com o tempo, mas as ideias permanecem, são eternas"[57]

O projeto surge de um confronto. Da tentativa de introduzir um programa na ruína e na sua envolvente sem que este interfira negativamente nas qualidades espaciais e mnemónicas que são intrínsecas à sua condição. Sendo inevitável sua alteração, o objetivo será antes potencializar suas condições, aceitando-as e assumindo-as como memória construída de um tempo passado e reintegrando-as na vida presente.

As principais orientações da estratégia estão relacionadas com a própria envolvente e com a ruína pré-existente. Localizada em um lugar tão espetacular, o lugar é compreendido como um elemento condicionador de projeto. A ideia de projeto é resposta ao seu contexto. É reposta a sua implantação.

Assim, a primeira e primordial arquitetura é a topografia. Antes de construir, o Homem escolhe um lugar, onde prevê uma situação sobre o espaço. A pré-existência da topografia do terreno e a relação com a paisagem e os aspetos naturais inerentes ao lugar, evidenciam diretrizes potenciais de organização do espaço e da constituição da forma.

Dessa forma, toda a intervenção buscará estabelecer uma franca relação, visual e física, com o exterior. Estabelece-se, assim, um confronto entre a memória do programa que ainda subsiste na materialidade construída da estrutura da ruína, que ainda permanece erguida, e as expectativas do programa presente. Dessa forma, as condicionantes da estrutura pré-existente e da envolvente serão fundamentais para o desenvolvimento da proposta de intervenção, desde o primeiro momento.

---

[57] Alberto Campo Baeza, *A Ideia Construída*, trad. Anabela Costa e Silva (Casal da Cambra: Caleidoscópio, 2018), 11.

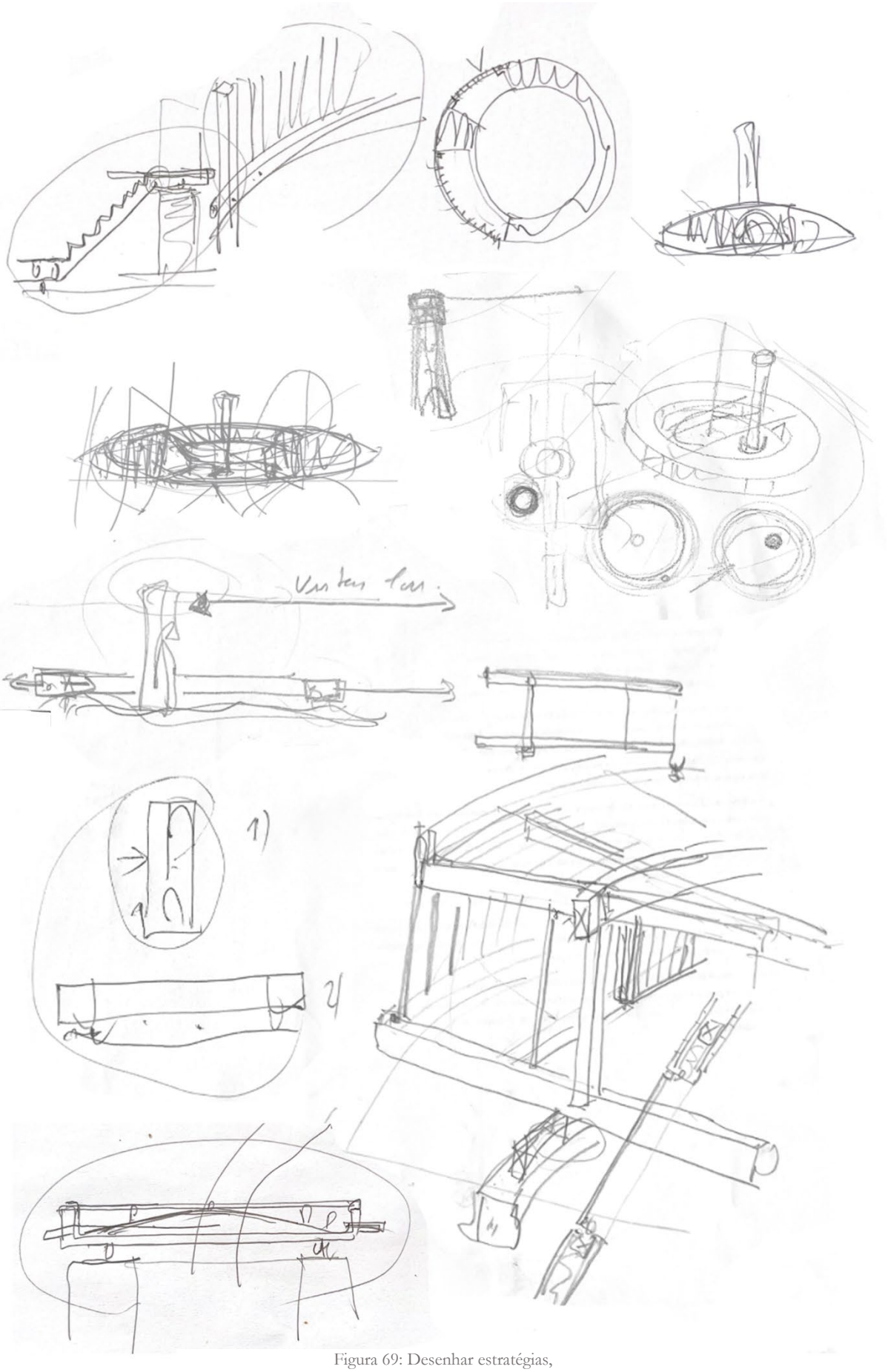


Figura 69: Desenhar estratégias,

Com Francisco Vieira Campos

Desenho da ideia

Antes de tudo, delinearam-se várias estratégias de implantação para perceber as possíveis potencialidades de projeto. O desenho e a síntese das várias hipóteses de projeto esclareceram as potencialidades e dificuldades de cada uma, ajudando a traçar um caminho de projeto que se mostrou mais coerente no diálogo das condicionantes formais, espaciais e materiais da ruína e de seu contexto.

Em todas as tentativas, o que se procurou foi um desenho que afirmasse a independência e a integridade dos dois corpos- antigo e novo- de forma que não fosse comprometido nenhuma das partes. Um desenho que afirmasse, por meio de uma construção equilibrada e dialogante entre si, a relação entre os dois, como fator determinante para a coexistência presente, sendo fundamental que tanto o limite de um quanto de outro fosse claramente legível.

A estratégia estabelecida compreende a ruína como unidade de composição e articulação espacial e promove a relação entre o espaço interior- os limites da ruína- e exterior-sua envolvente. O espaço interior aproveita as oportunidades presentes no processo de dissolução da ruína, adaptando-se aos seus limites. O novo volume que se adiciona a estrutura pré-existente, surge da observação atenta dos vazios nas contínuas paredes da ruína e, completa, consolida e restaura a volumetria original da torre.

O espaço exterior impõe-se sobre os limites da ruína. Ao percorrer o local de intervenção surge, desde logo, a intenção de estabelecer a relação do novo edifício com a ruína, através da criação de um volume horizontal, que contrapõe com a verticalidade da torre pré-existente. O novo volume instala-se entre a horizonte e a ruína e procura a melhor relação visual e formal com os mesmos. Seus limites exteriores delimitam toda a proposta e garantem a proteção do património a ser conservado.

A integridade da ruína mantém-se legível na sua integridade. Considerando o potencial expressivo dos materiais, foi necessário existir um equilíbrio entre a matéria desconstruída e a matéria a ser construída, de forma que a perceção do contraste de um com o outro potencializasse a experiência da proposta. A relação dos novos volumes construídos e suas materialidades potencializam a condição atual da ruína e a composição equilibrada garante a perceção da pré-existência e dos novos volumes.

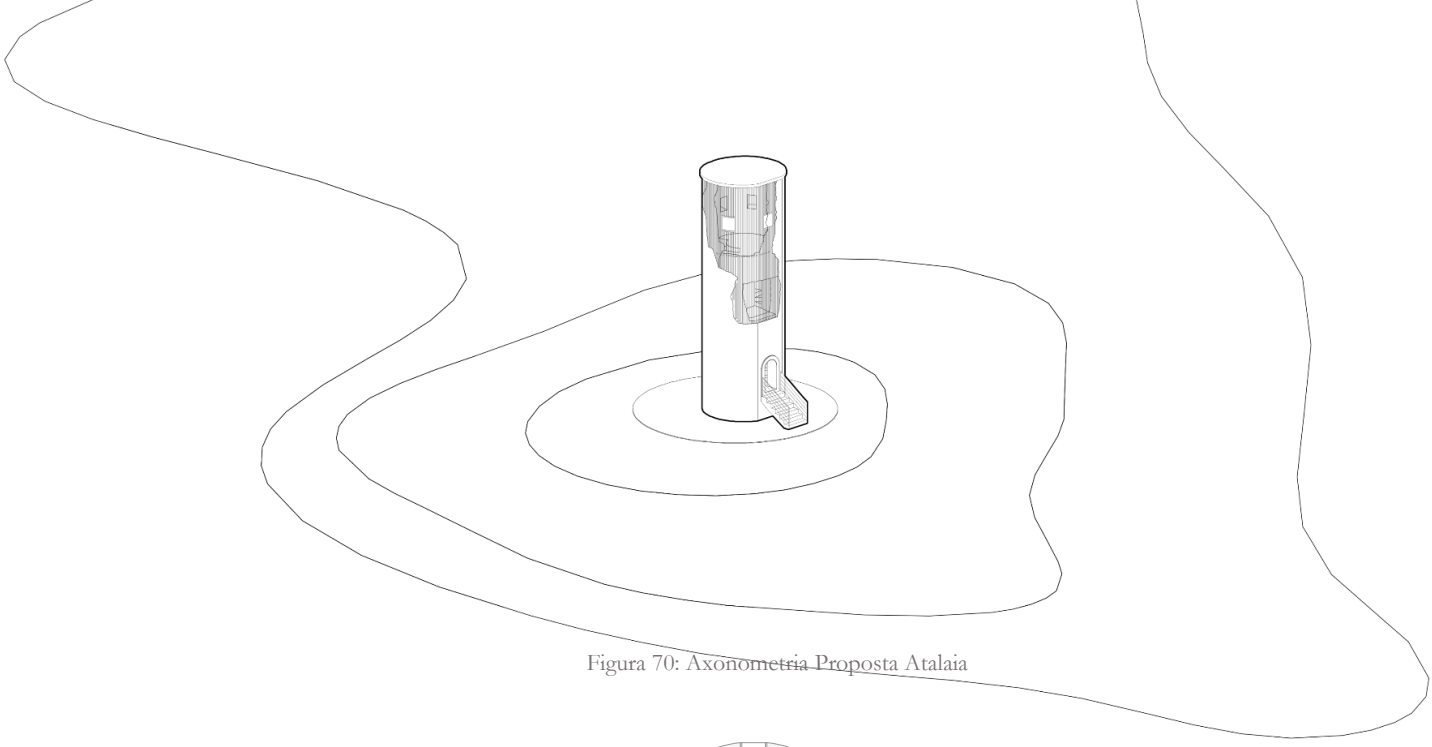


Figura 70: Axonometria Proposta Atalaia

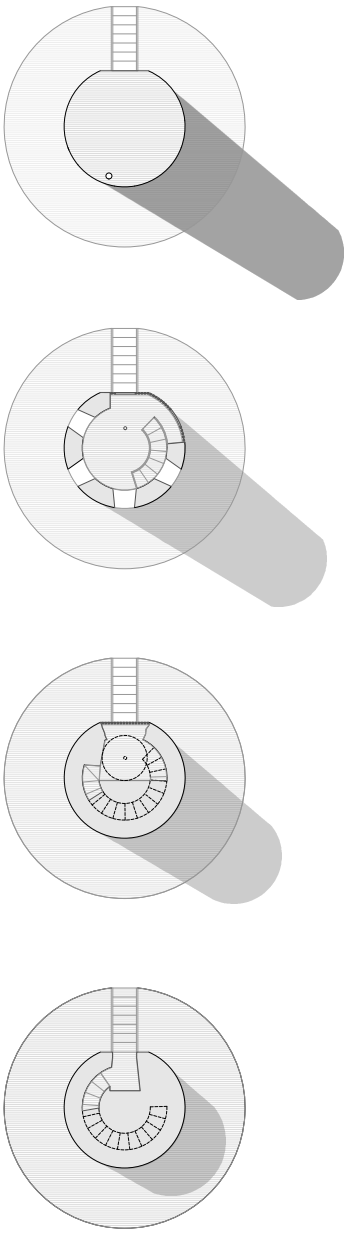


Figura 71: Plantas de Piso
desde planta Cobertura (cima) até Planta Piso Entrada (baixo)

Projeto: Atalaia Magra + Centro Interpretativo

Atalaia Magra

Um dos princípios iniciais no ato de projetar na pré-existência foi a preservação da ruína e dos seus muros que desenham o seu limite. Acreditando que a intervenção terá de se adaptar ao lugar, sem esquecer as memórias e o valor construtivo da preexistência, a proposta de intervenção tem por intenção adaptar-se a ruína, considerando a nova função a desempenhar.

Esta questão leva-nos a diferentes possibilidades de respostas projetuais de recuperação e reapropriação do lugar. Por um lado, tornar a ruína acessível, de acordo com às nossas exigências de hoje, obrigaria uma grande alteração dos seus espaços internos, descaracterizando-os. Por outro lado, a não intervenção dos seus espaços, torná-la-ia inacessível e insegura, perdendo sua função enquanto torre de observação.

Com a evolução do processo projetual e a exploração do tipo de utilização que o espaço teria, compreendeu-se que era fundamental que os visitantes pudessem experienciar a subida a torre e o olhar a vista a volta. Tendo em consideração a condição de intervenção mínima no existente e com o intuito de não desfigurar a imagem original do mesmo, o ponto de observação é pensado para se adaptar ao espaço disponível, evitando a construção extramuros e a alteração da estrutura existente. A ruína passa a ser lida como um limite onde a intervenção é executada.

A proposta para a Atalaia Magra é, então, composta pela consolidação da torre, pela introdução de um novo corpo delimitado pelas paredes exteriores ainda sobreviventes e pela restituição da sua função enquanto torre de vigia, transformada agora em miradouro. Uma intervenção por "dentro" e "entre".

Entendendo todos os processos e tempos da construção, as paredes de pedras que permanecem até aos dias de hoje dão suporte à formalização da proposta e ajudam a desenhar o projeto. Nos espaços onde elas ainda existem, como é o caso do primeiro piso da ruína, as paredes portantes são aproveitadas e não se altera o seu aspeto exterior. Nos pisos superiores, havendo uma maior degradação do conjunto, a intervenção reconstituirá os limites do volume, permitindo uma leitura contínua do edificado. O novo volume aproveita-se dos limites pontualmente ausentes e ocupa o vazio que as paredes indicam, usando-os como molde para a sua nova materialidade e para a delimitação do espaço interior.

A sensibilidade para estabelecer um certo tipo de relacionamento entre a arquitetura existente e a arquitetura a ser construída, resulta na utilização de um sistema construtivo simples em madeira, capaz de resolver o programa. A conjugação da estrutura pré-existente com as novas acrescentadas

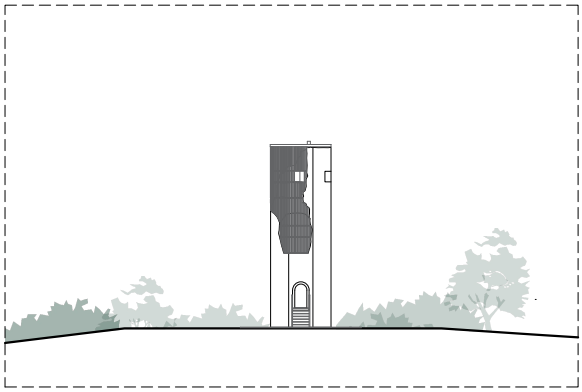


Figura 72: Alçado Poente

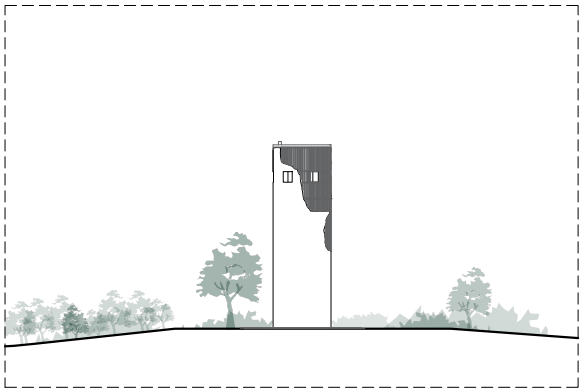


Figura 73: Alçado Norte

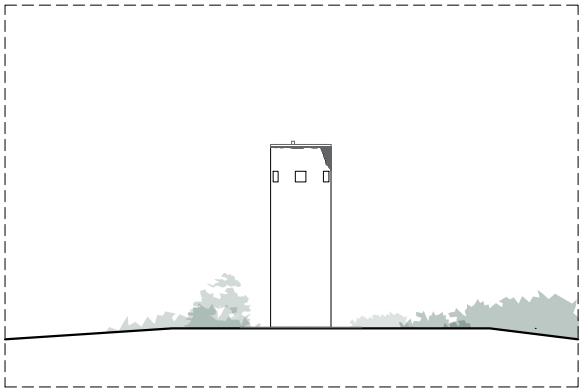


Figura 74: Alçado Nascente

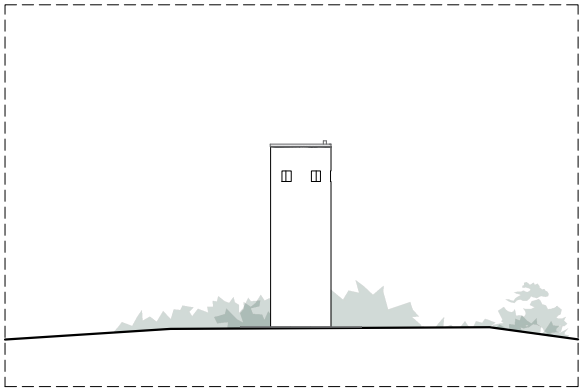


Figura 75: Alçado Sul

pretende conferir às construções, um carácter único, conseguida tanto pela presença das paredes de pedra como pela introdução das novas estruturas em madeira.

Sendo fundamental a conciliação de vários tempos do objeto e mantendo a clareza quanto à evolução do conjunto, as diferentes fases da construção do edifício são percetíveis. A madeira, novo material utlizado na intervenção, está em constante diálogo com a pedra e complementa-a. A composição se traduz no contraste da estrutura leve e perfurada de madeira com as maciças paredes pré-existentes, que fazem sobressair o 'novo' do 'velho', visualmente diferenciados, mantêm a autenticidade de cada elemento e o respeito pela identidade de cada tempo. A dualidade gerada pelo contraste entre a estrutura em pedra e em madeira, expressa a transição da estereotomia para a tectónica, do passado para o presente e do pesado para o leve.

A leitura íntegra do conjunto e a independência de cada tempo é então marcada pela materialidade que a compõe. Em oposição à massa estereotómica da estrutura em pedra, cria-se um espaço flexível e tectónico. As estruturas, em perfis de seção quadrada, preenchem as ausências do muro pré-existente, seguindo o perímetro exterior da parede de pedra e consolida estruturalmente os elementos do muro existente, diferenciando os acréscimos, recuperando a volumetria da torre original e restaurando sua função como ponto de observação e defesa do território.

No último piso são redesenhados os vãos perdidos ao longo dos anos e é reestabelecida a composição da fachada. O corpo de madeira é então moldado a fim de criar aberturas e visualizações controladas na paisagem, na qual os visitantes são convidados a desfrutar. Leve e perfurado, permite que os espaços internos, agora resguardados, continuem envoltos e integrados à paisagem sem que seja preciso alterar sua relação com a paisagem.

Pelo exterior, é projetada uma escada, também em madeira, que permite recuperar o acesso original à torre, elevada a 1,35 metros acima do solo, um objeto leve e efêmero que contrasta com a construção pesada e permanente da torre original e aproxima-se fisicamente a ela, mas sem tocá-la. À volta da ruína é desenhado um novo pavimento que flutua no chão e emoldura as paredes exteriores pré-existentes. Pelo interior, são realizadas intervenções cirúrgicas nas paredes de forma a manterem sua condição enquanto ruína. A sua materialidade carregada de marcas de existência servira de invólucro ao espaço, constituindo-se enquanto suporte inevitável de memória ao que o vão percorrer.

O respeito com que a intervenção se insere na ruína é manifestado na forma como todos os elementos de madeira inseridos tocam, pontual e cirurgicamente a estrutura pré-existente. O contato mínimo das novas paredes com a estrutura pré-existente é possível devido aos elementos horizontais da mesma natureza, que permitem interligar toda as secções de madeira, sem que seja preciso pousá-las na pré-existência. No chão, um novo piso de madeira é inserido, elevado das lajes pré-existentes e solto das paredes.

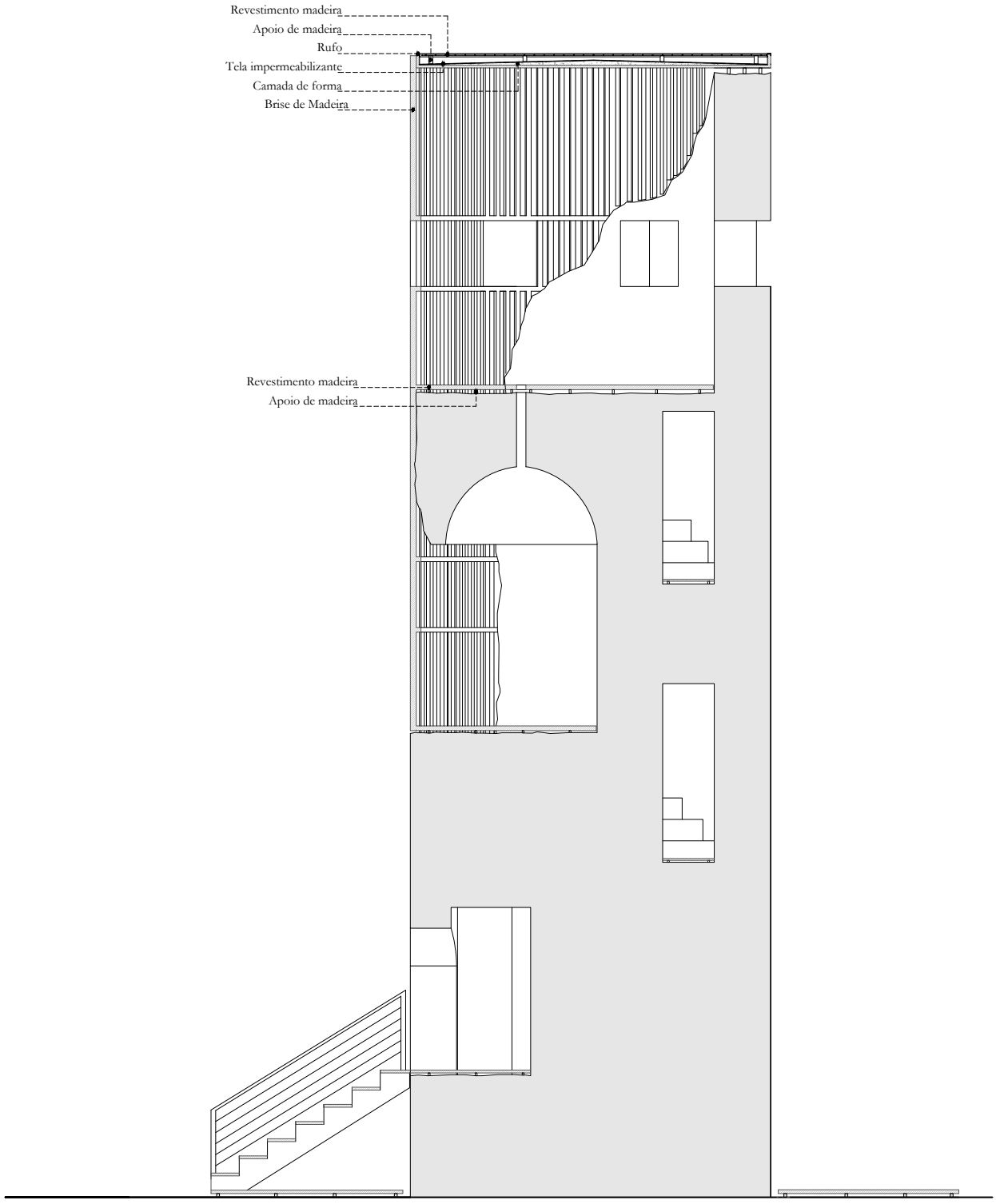


Figura 78: Pormenor Construtivo

0 1

Finalmente, com mesmo sistema elevado do pavimento, o plano do céu é interrompido por uma nova cobertura revestida em madeira que protege o interior dos raios solares e torna o espaço abrigo da chuva.

O sistema construtivo, traduzido pela simplicidade construtiva, torna-se essencial para adaptar a preexistência às exigências impostas pelo novo programa sem que seja preciso alterar a pré-existência e sua relação coma envolvente. Através da opção formal da solução construtiva e do uso da madeira como material estrutural e de revestimento, procurou-se atribuir unidade ao conjunto, reforçando a singularidade de cada tempo.

Por meio da dualidade gerada pelo contraste entre a estrutura em pedra e em madeira, é possível ter uma leitura íntegra e distinta de cada um dos corpos e dos tempos de construção, potencializando a expressividade que surge do contraste. Juntas serão o momento em que a dialética entre os materiais se mostrará claramente.

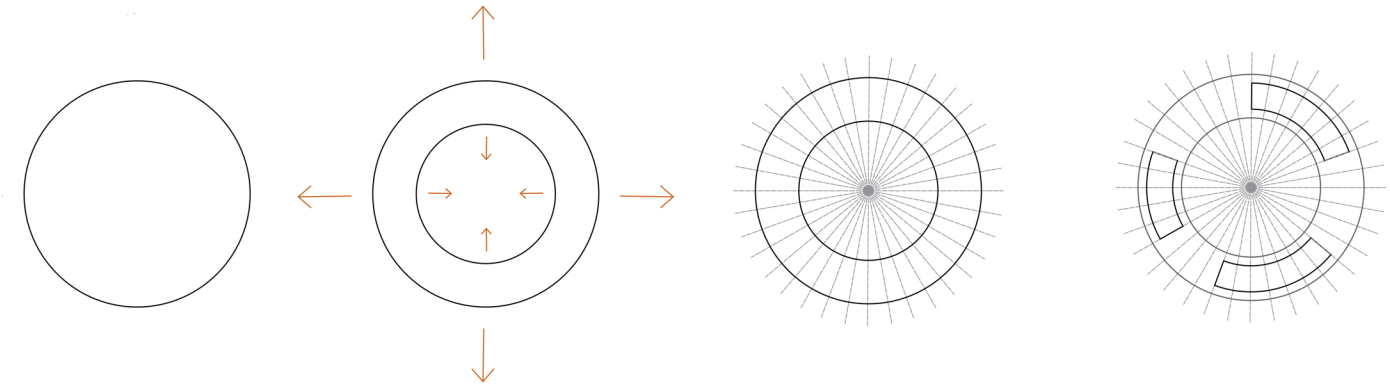


Figura 77: Esquema ideia da forma

Centro Interpretativo

A ruína é muito imponente na sua implantação. Condensando-se num único ponto no meio de um vasto terreno, estabelece uma relação única com o território, sua verticalidade opõe-se a horizontalidade desta paisagem.

O edifício proposto integra-se neste conjunto: a Atalaia e a imensidão da sua envolvente. Procurando a melhor relação com seu contexto, o novo edifício implanta-se entre a paisagem e a ruína, através de um volume horizontal, que contrapõe com a verticalidade da torre pré-existente. Moldado pelo desenho da topografia e aproveitando as amplas vistas, que se estendem em todas as direções, o desenho de projeto tem como ponto de partida formal um círculo perfeito.

O uso dessa forma elementar para compor o novo edifício não significa que existe um alheamento as necessidades do programa presente, pelo contrário, o novo edifício proposto organiza-se e constrói-se a partir da relação que pretende estabelecer entre a ruína e o espaço envolvente. A forma circular surge com o objetivo de promover uma melhor integração com o entorno e a contemplação da envolvente em um local não convencional. A partir dessa geometria abstrata várias características positivas poderiam ser alcançadas, a relação com a envolvente e a flexibilidade de espaços associada ao percurso circular, são exemplos desses aspetos.

Na simbologia das formas, o círculo é associado aos sinais supremos de perfeição, união e plenitude. Também é sinónimo de movimento, expansão e tempo. Na matemática, o estudo do círculo ajudou a inspirar o desenvolvimento da geometria, astronomia e cálculo. Na arquitetura, o formato circular foi a primeira forma a ser desenhada pelo Homem, graças a sua simplicidade de implantação. Nenhuma outra forma tem proporções tão perfeitas em um único fluxo.

Aberta para todas as direções, a forma circular clarifica ainda mais a ideia espacial da proposta. Ademais, a disposição em um layout anelar do edifício, permite criar uma estrutura que esteja voltada para dentro e para fora simultaneamente, proporcionando um espaço que habilmente dialoga, tanto com a ruína como com a paisagem circundante.

A morfologia do terreno existente foi determinante para a definição do projeto, tornando-se imperativo mantê-la o máximo possível inalterada, ainda que sujeita a intervenção de um volume de construção. Intervir em um ambiente tão precioso vem com obrigações claras em termos de preservação natural. Com o objetivo de deixar a menor pegada possível na paisagem e de forma a respeitar o valor arquitetónico e paisagístico do espaço preexistente, o centro interpretativo apresenta-se como uma estrutura suspensa, elevado acima do nível do solo e apoiado sobre pilares recuados, que preservam a topografia natural intensificam a forma delicada como o projeto se implanta no terreno, trazendo consigo leveza a composição formal.

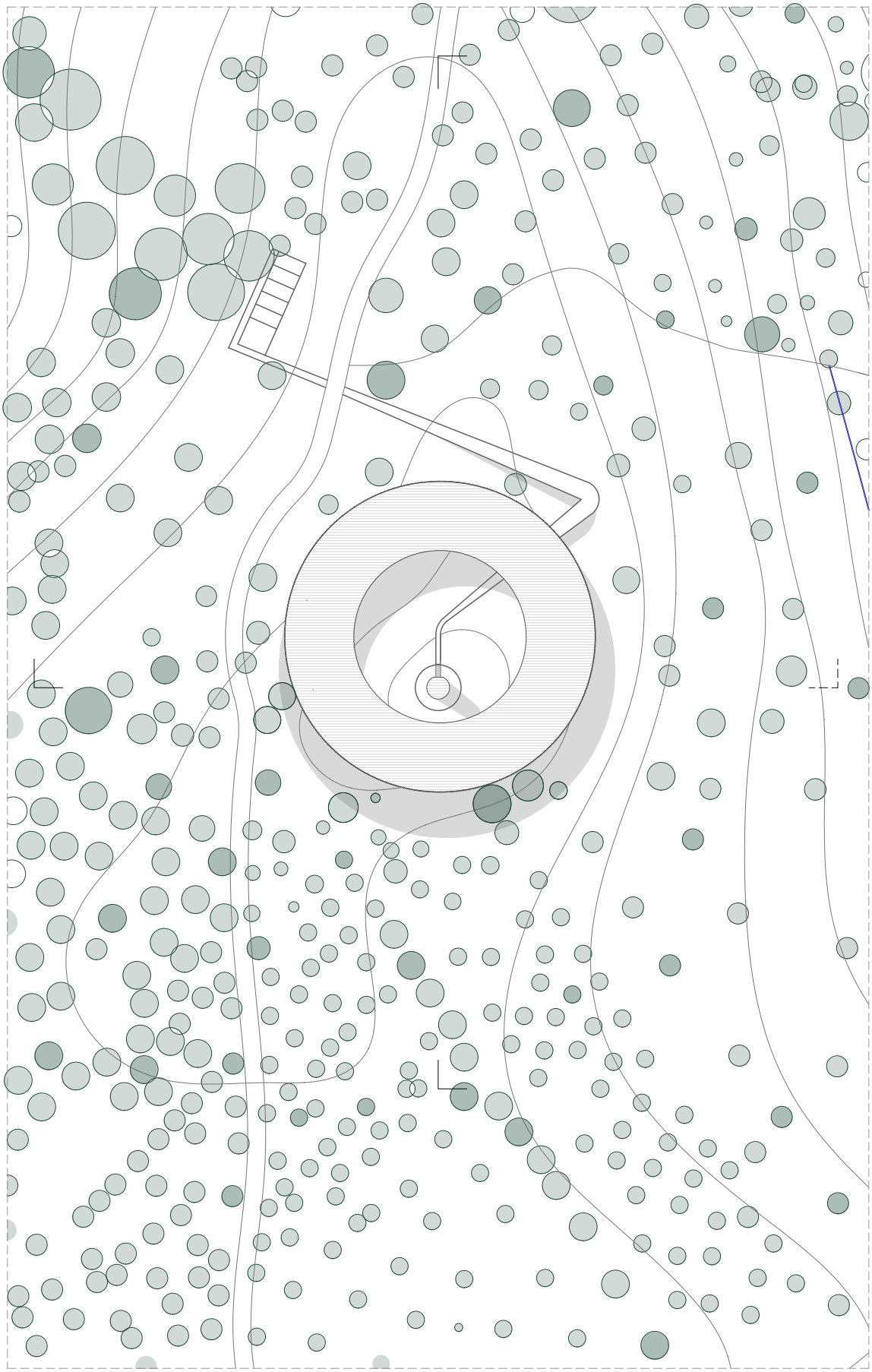


Figura 78: Planta de Implantação

0 20

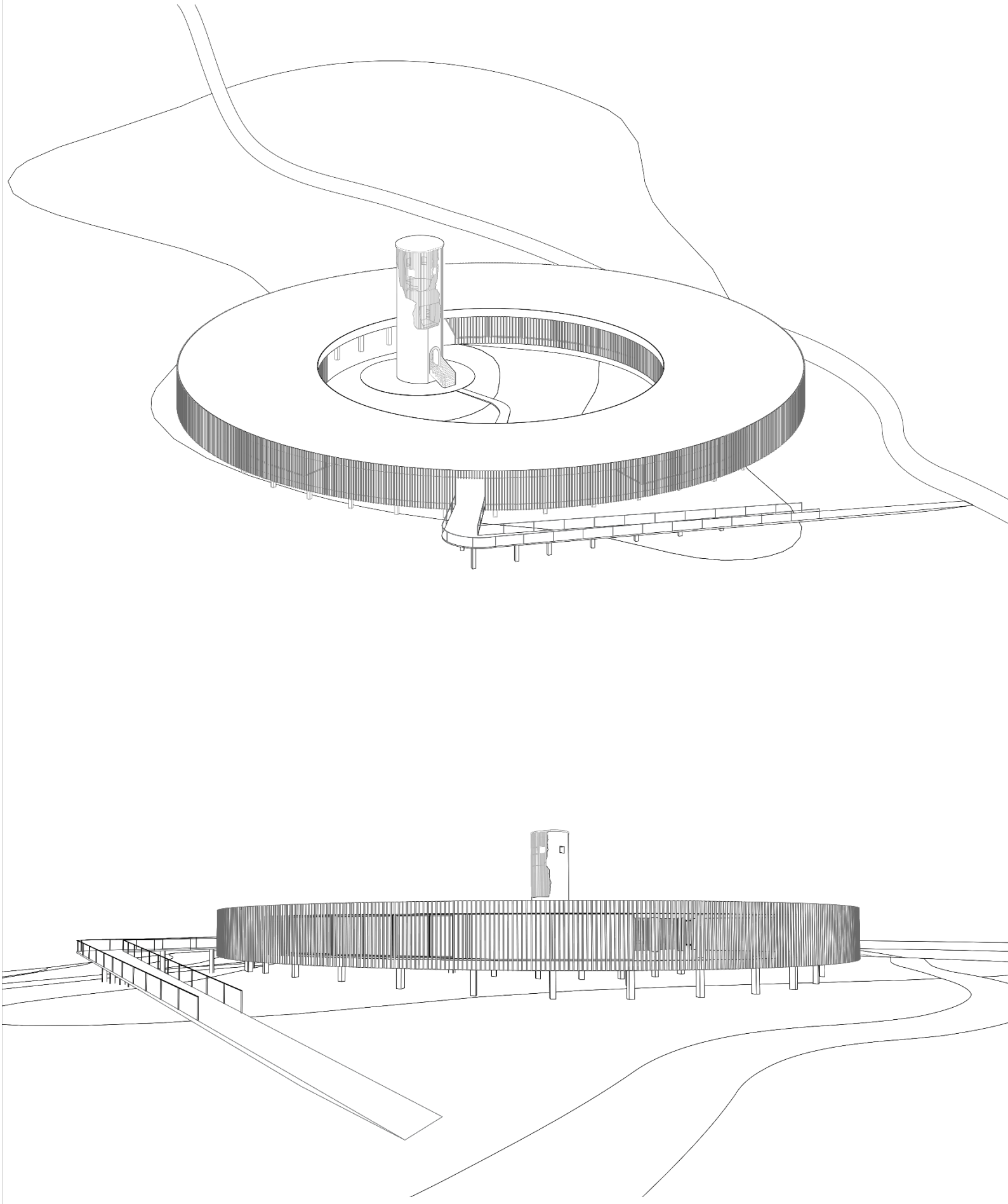


Figura 79: Axonometria Proposta Centro interpretativo

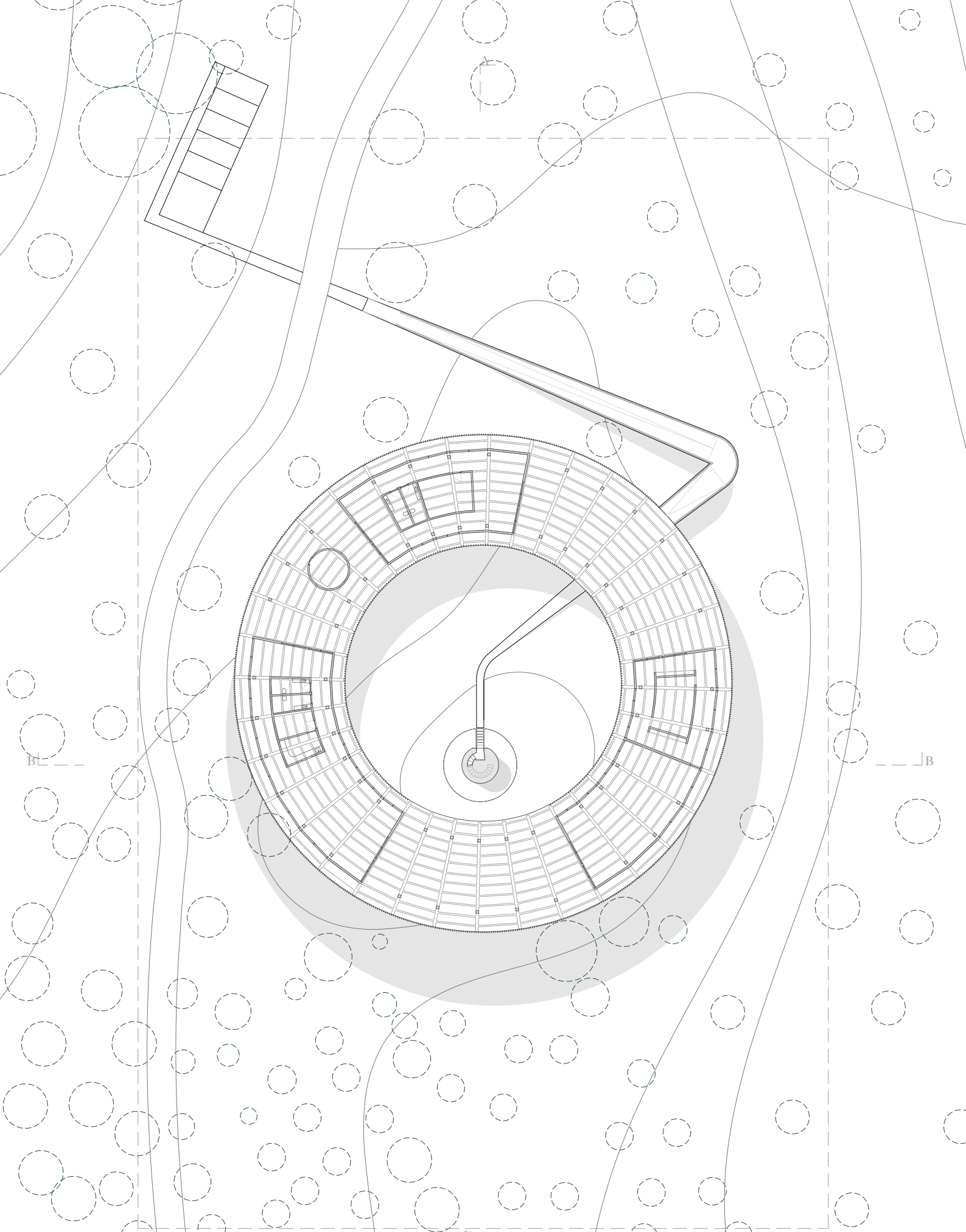


Figura 80: Planta Piso Nível Atalaia

"A natureza, também, deve viver sua própria vida. Nós devemos estar conscientes em não rompê-la com a cor das nossas casas ou equipamentos internos. Ao contrário, nós deveríamos atentar a trazer natureza, casas e seres humanos a uma maior unidade."[58]

O Centro Interpretativo sutilmente implanta-se no terreno. Mantendo-a nivelada com a base da Atalaia Magra e ao mesmo tempo elevada do chão, a laje de piso não apenas flutua desprendida do solo, mas também se distancia do mesmo à medida que a topografia desce.

A decisão de elevar a laje do solo não está relacionada a vontade de definir um espaço inferior acessível, mas sim ajustar a arquitetura à topografia existente garantindo o contato com a natureza ao redor, por meio de uma intervenção mínima e de menor impacto ao solo. A elevação do edifício sobre os pilares recuados permite que esse se transfigure em uma linha de perspetiva, fazendo com que flutue sobre o solo e pareça ser mais leve.[59]

O programa está distribuído em um único pavimento e separado em três blocos. Cada um dos blocos abriga um conjunto de funções diferente e todos são projetados de forma a serem independentes um dos outros. O bloco oeste é composto pela recepção, área de estar, as casas de banho e a arrecadação e destina-se ao acolhimento à chegada dos visitantes. Conectado por um espaço externo coberto, encontra-se o bloco sul, composto pelo café, juntamente com as casas de banho. A sala mecânica instala-se como um móvel único no espaço exterior coberto do edifício, entre a recepção e o café. A norte está localizada a área interpretativa, onde estão implantadas a sala de exposição permanente e o espaço multiusos.

O acesso automóvel é possível pelo caminho de terra à sul da Atalaia Magra, onde é proposto um local para parquear as viaturas. Desse estacionamento até ao edifício projetado, é proposto um acesso pedonal, composto por uma rampa de acesso, de forma a chegar à cota da área de distribuição que se encontra a noroeste da proposta. O declive suave da rampa, juntamente com a curva que desenha sua forma, permitem criar uma área de paragem e observação da envolvente que surge ao longo do caminho.

O espaço distributivo, acedido por meio da rampa, se configura como uma espécie de calçada, com circulação infinita para envolver todos os espaços, e garante acesso imediato a recepção, a área interpretativa e também à continuação do percurso de forma chegar à Atalaia Magra e ao café. Percorrendo todo o perímetro edificado, os espaços exteriores, em forma de varandas e alpendres, conectam todas as seções do projeto, garantem os acessos e as circulações e permitem gerar espaços de estar e contemplação externos e sombreados.

---

[58] «Clássicos da Arquitetura: Casa Farnsworth / Mies van der Rohe», ArchDaily Brasil, acedido em julho de 2022.
[59] Alberto Campo Baeza, *Principia Architectonica*, trad. Eduardo dos Santos (Casal da Cambra: Caleidoscópio, 2019), 38.

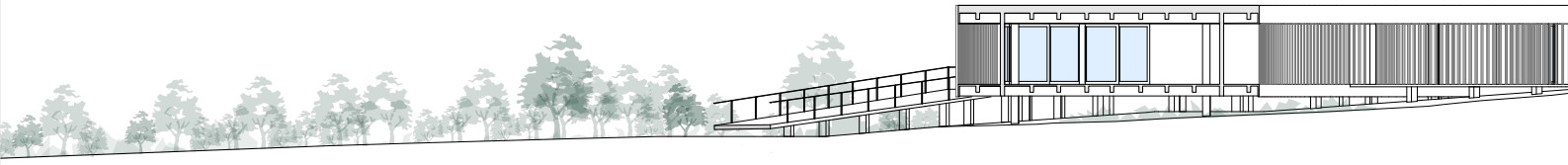






Figura 81: Cortes

0 5

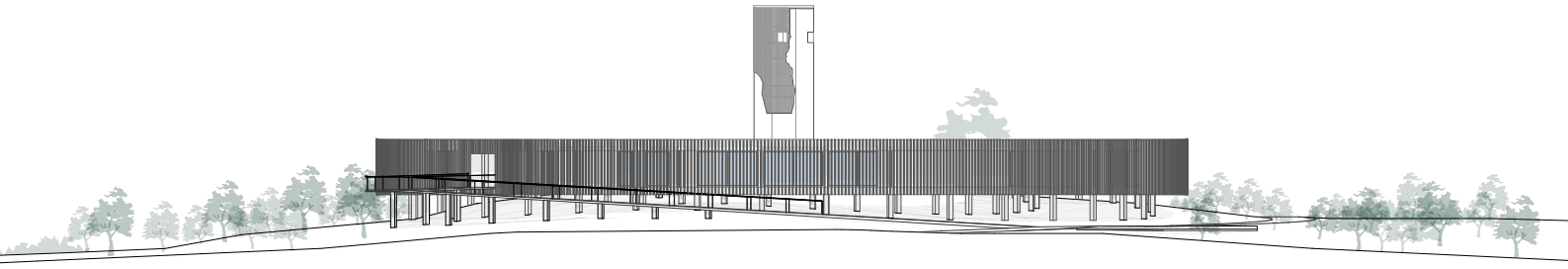


Figura 82: Alçado Poente

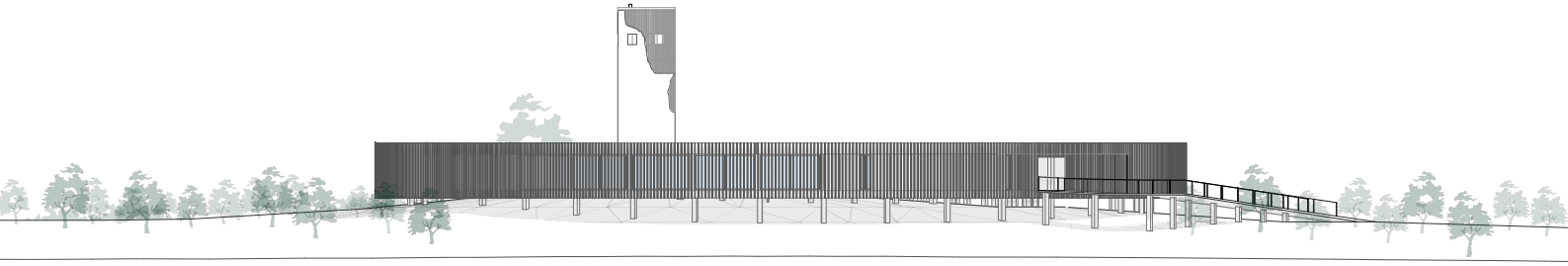


Figura 83: Alçado Norte

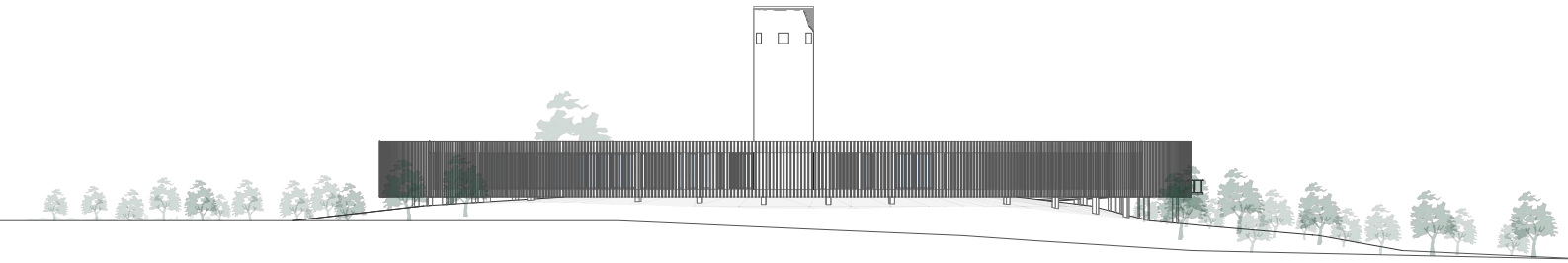


Figura 84: Alçado Nascente

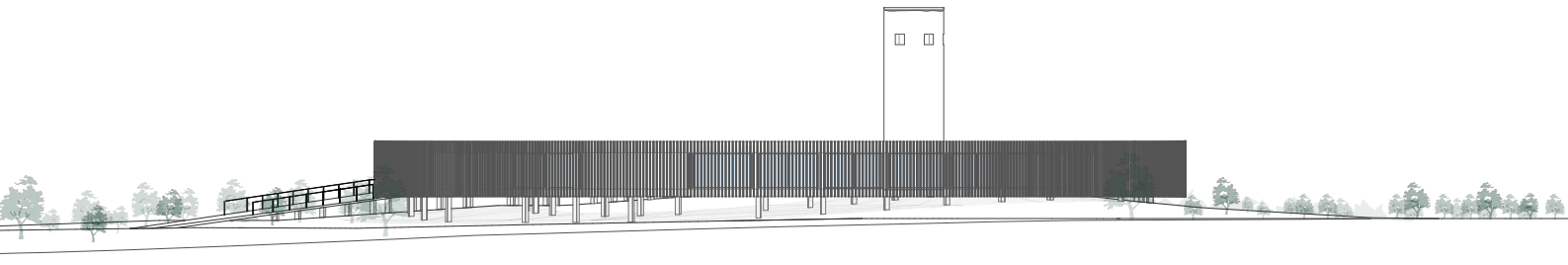


Figura 85: Alçado Sul

0 10

Os espaços internos de todo o edifício são gerados por um plano rigidamente controlado, seguindo as regras da forma, orientando e organizando segmentos que dividem o espaço. São ordenados e moldados radialmente, como se emanassem do centro do plano circular, deixando-o aberto para um pátio.

Guiados por uma geometria de organização forte, a forma circular é absolutamente formativa para a experiência de cada espaço interior. O interior de cada seção é uma única sala aberta, fluindo em torno de móveis funcionais. Por uma questão de fluidez por todo o percurso, as funções de serviço foram formadas por mobiliários fixos de grande escala que não entram em contato com a fachada do edifício. Quase todo o programa se instala dentro dos móveis funcionais, garantindo a fluidez de todo o espaço interno.

Fortalecendo ainda mais a generosidade circular e a relação entre os lugares internos e externos, as fachadas são maioritariamente em vidro. Moldadas ao redor do pavilhão, as enormes paredes de vidro, fornecem uma conexão entre o interior e o exterior e possibilitam a coexistência integrada das áreas semiabertas fechadas e cobertas.

O volume maioritariamente envidraçado toma partido da integração com a paisagem, mantendo uma forte relação entre a proposta e a natureza. O maior perímetro do arco fica voltado para a paisagem, criando um plano visual de 360º, potencializado pelo fechamento de vidro de quase toda a extensão da fachada, tanto interna, como externa, e permitindo a contemplação da vista e da ruína de qualquer ambiente da proposta. A forma circular fundida com as curvas da envolvente e a abundância de transparência proporciona aos visitantes um percurso interno sempre em sintonia com a paisagem exterior.

O recuo dos caixilhos em relação ao perímetro do projeto e a inserção de ripas de madeira, que funcionam como *brise soleil,* em todo o contorno da proposta, relaciona-se com a intervenção na pré-existência, resguarda o edifício das intempéries e protege o interior dos raios solares, enquanto destaca o volume edificado e cria varandas protegidas, voltadas tanto para a paisagem e como para a ruína.



Figura 86: Potencialidade expressiva,
Arquivo Pessoal

A ideia construída

Materialidade

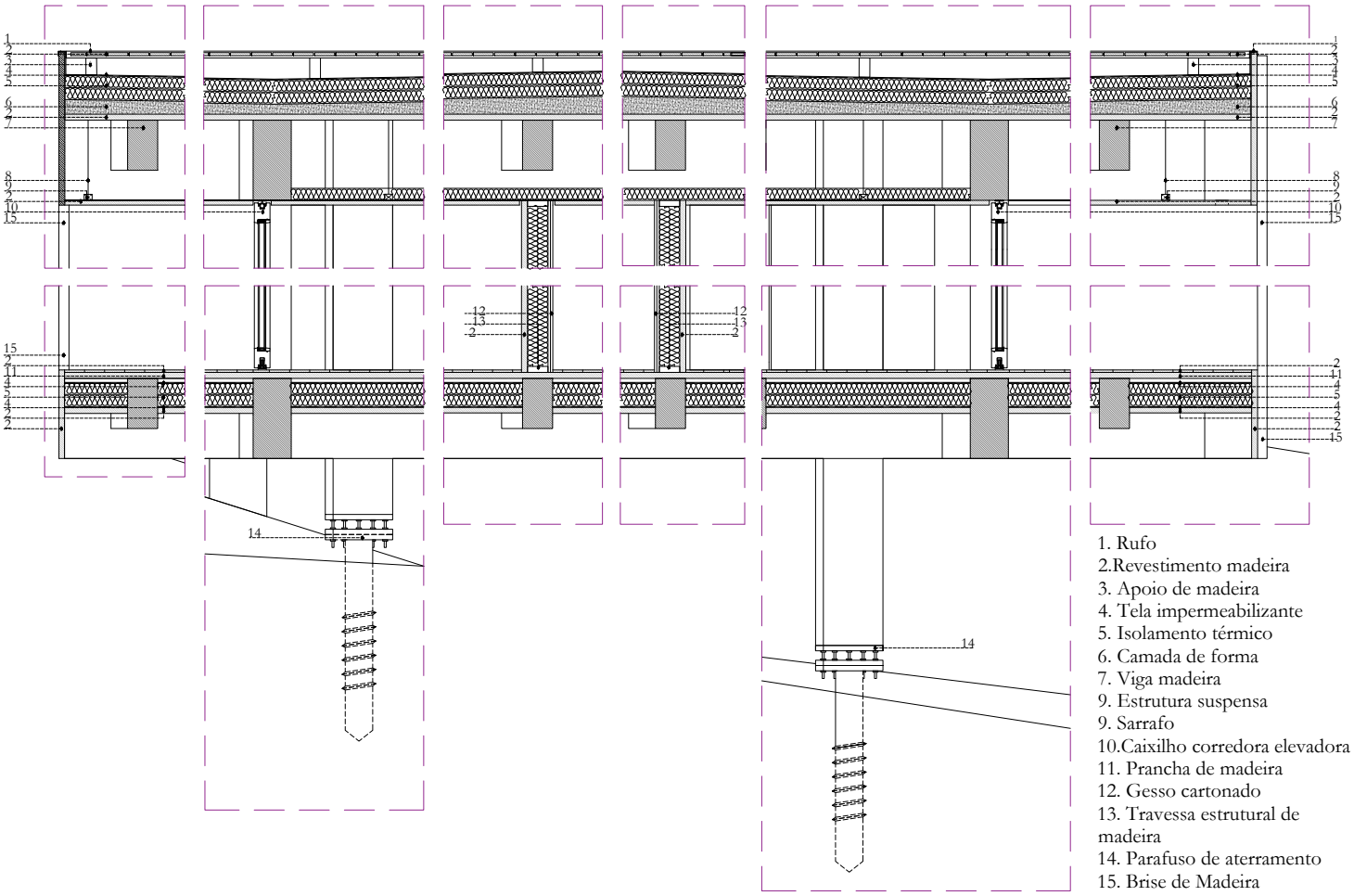
Os materiais, enquanto manifestação de uma ideia arquitetónica, desempenham um papel decisivo na formação e definição do caráter do trabalho. É através do material que a obra se torna existente e que a arquitetura se afirma em termos estéticos.

Não conseguindo ficar indiferente à expressão da ruína pré-existente enquanto massa pétrea, que surge na continuação do solo, e utilizando o contraste dos materiais como expressão da transição da estereotomia para a tectónica, do passado para o presente e do pesado para o leve, o principal material escolhido para a materialização dos novos volumes propostos foi a madeira. Material natural, renovável e absolutamente biodegradável, de natureza tectónica, de "[…] arquitetura óssea, lenhosa, leve, que repousa sobre a terra, como que erguendo-se em pontas."[60] Estabelecer-se-á uma relação de contraste às paredes estereotómicas, maciças, permanentes e pesadas da ruína.

Nesta nova construção, assim como na intervenção à Atalaia, a madeira é escolhida como principal elemento formal e estrutural do projeto. A madeira como um componente estrutural de edifícios, apresenta uma série de vantagens potenciais, ambas do ponto da visão da leveza dos seus designs, em comparação com outros materiais estruturais. Oferece alta resistência, é isolante e adapta-se a geometrias complexas e raios de curvatura.

Além disso, as estruturas de madeira envelhecem com dignidade, incorporando com orgulho as marcas deixadas pelo tempo como um registo de sua própria história, assim como toda a estrutura sobrevivente da ruína.

[60] Campo Baeza, *A Ideia Construída*, 68.



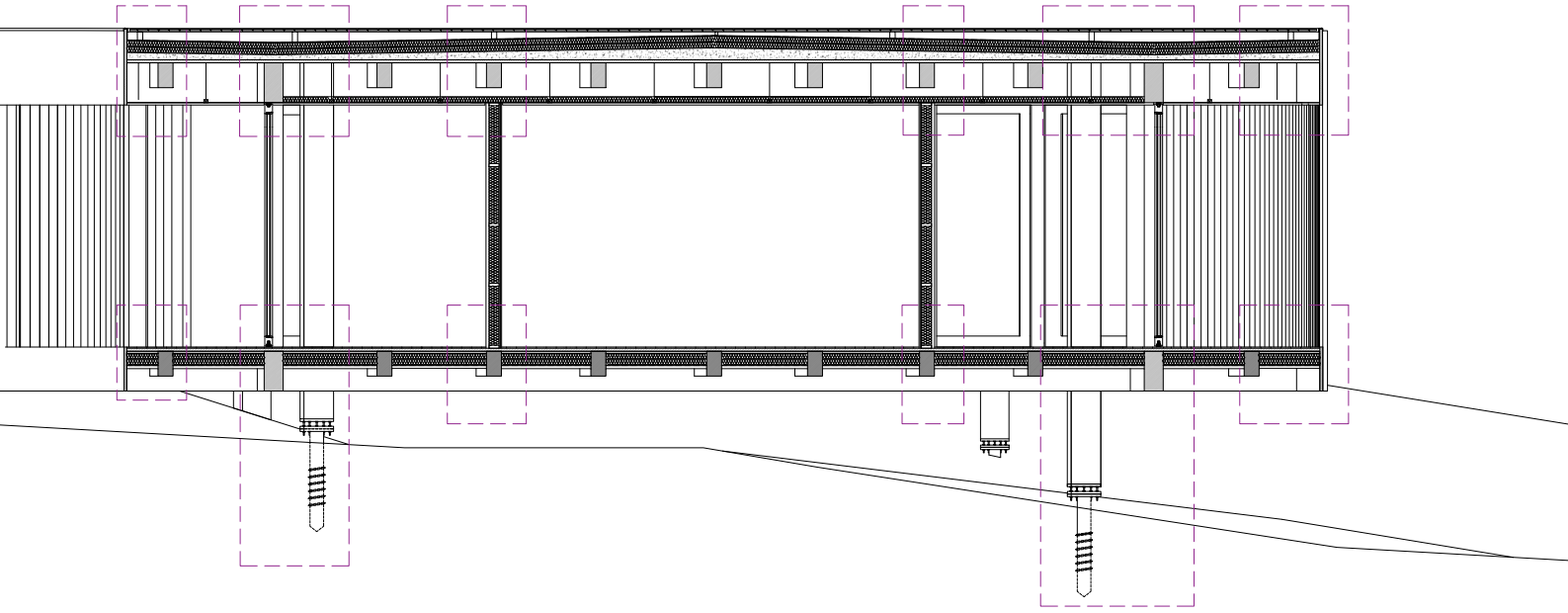


Figura 87: Pormenor construtivo

Solução construtiva

O sistema construtivo foi essencial para adaptar a proposta às exigências impostas pelo programa e pela envolvente. Através da opção formal e cromática da solução construtiva, procurou-se atribuir unidade ao conjunto, traduzida pela simplicidade construtiva. O espaço, caracteriza-se pela simplicidade e clareza geométrica dos planos, onde predomina a homogeneidade da madeira.

Seguindo os eixos estruturais, encontram-se as paredes exteriores, também construídas em madeira para que a leitura integral do espaço não se perca. A construção da estrutura é baseada em um pequeno módulo de seções quadradas, asseguradas por estruturas horizontais e painéis de madeira que unem todos os elementos e garantem a estabilidade global. O preenchimento do interior das paredes é feito com lã de PET que funcionam como isolamento térmico e acústico. Na face exterior das paredes, é inserido um revestimento de madeira, conectado aos painéis por meio de sarrafos que permitem a circulação de ar para a construção. As paredes interiores funcionam com o mesmo sistema modular das paredes exteriores, no entanto, o revestimento de madeira da face interior das paredes é substituído por dupla camada de gesso cartonado.

Os vãos, instalados entre as paredes de madeira, são todos construídos em sistema de porta de correr de duas folhas. A dimensão transversal do caixilho permite que seu limite exterior e interior seja o mesmo que as espessuras das paredes exteriores. O uso do sistema de caixilho "corredora elevadora" permite que o caixilho de madeira pouse sobre o pavimento, funcionando o vão também como porta e estabelecendo uma relação franca entre os espaços interiores e exteriores.

A laje é formada, basicamente, por 3 camadas: o pavimento, os espaços intermediários, preenchidos pelo isolamento térmico e as telas impermeabilizantes, e as placas de madeira. As placas de madeira sustentam as camadas intermediárias e o pavimento é suportado pelas vigas de madeira.

A cobertura recupera a forma circular perdida nas paredes e janelas. O acabamento superior em madeira permite unificar a materialidade da proposta ao mesmo tempo que permite o escoamento da água.

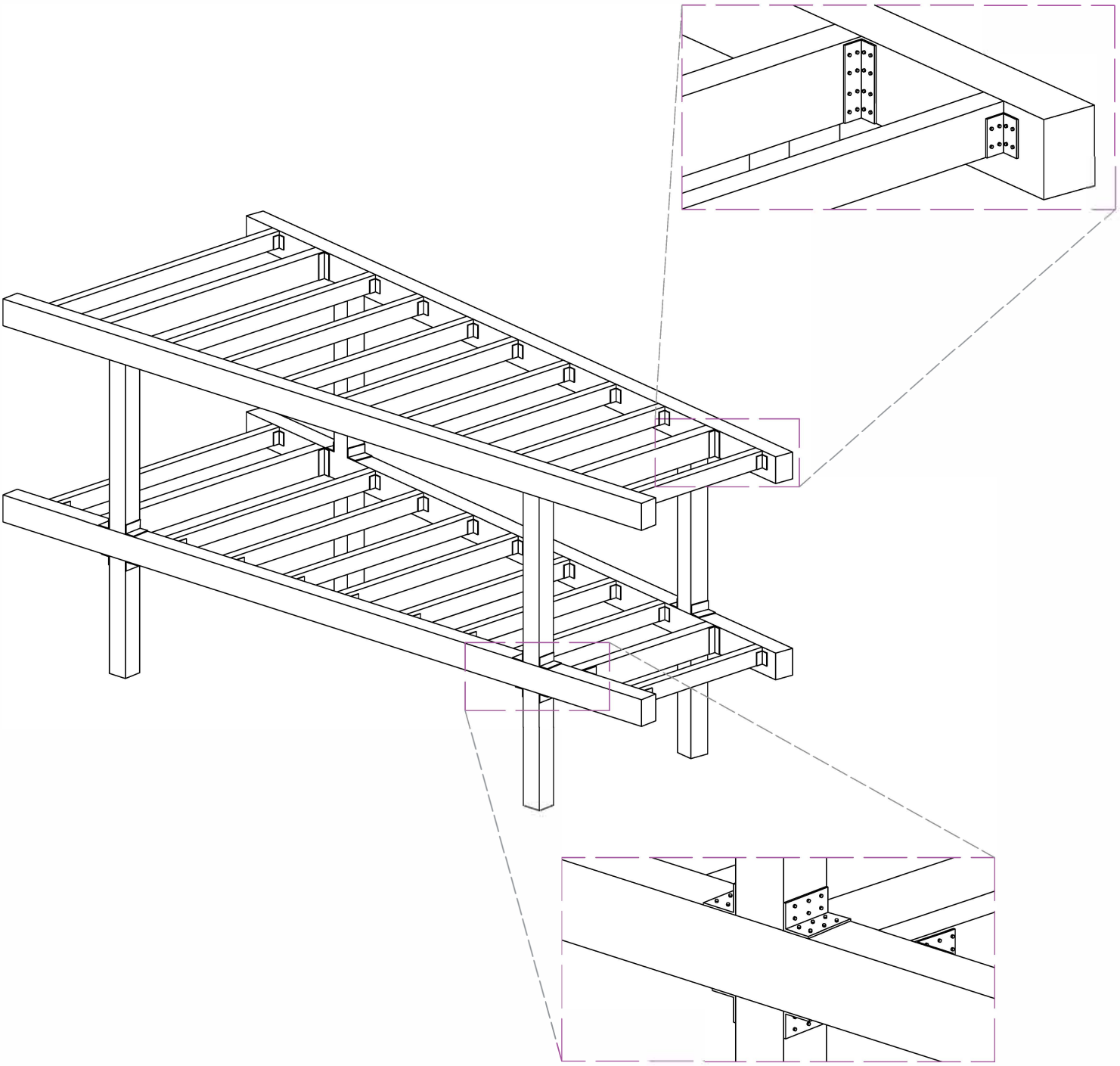


Figura 88: Estrutura
Perspectiva Axonométrica

Estrutura

"A gravidade é um dos temas centrais da arquitetura. […] a gravidade constrói o espaço e […] quando digo que a gravidade constrói o espaço, estou a falar da estrutura […]"[61]

No Centro Interpretativo para a Atalaia Magra, a estrutura assume-se como o papel de organizador espacial e expressivo, estabelecendo uma forte relação com o espaço proposto. Na procura por uma verdade construtiva e clareza estrutural, o edifício gera e organiza a sua forma com base numa lógica estrutural, utilizada para definir o espaço, criar unidade, articular circulação e desenvolver composições e módulos. É através da exploração de todos os potenciais conflitos entre o programa arquitetónico e as consequências estruturais que todo o espaço interior do edifício é desenhado.

Toda a estrutura é suportada por meio de um sistema modular de madeira, que se repete 36 vezes. Os módulos são seções trapezoidais e têm 4,95 metros na face maior, voltada à paisagem, e 3,85m na face menor, voltada à Atalaia.

A divisão entre cada bloco é delimitada pelos eixos estruturais, compostos por vigas e pilares de madeira. A base é composta por pilares recuados que erguem-se paralelos às fachadas e apoiam-se em parafusos de aterramento. A maneira como os pilares assentam-se no solo, através do recurso das peças metálicas, permite dispensar a utilização de ancoragem de betão e reforçam a ideia de leveza. Todas as conexões entre os elementos de madeira também são feitas em chapas de aço e parafusos, desenhadas especialmente para o projeto.

A estrutura é, portanto, não só transmissoras de cargas, mas, sobretudo, geradora de ordem da arquitetura. E esta ordem do espaço está desde logo na génese do projeto.

---

[61] Alberto Campo Baeza, *Pensar Com as Mãos*, trad. Eduardo dos Santos (Casal da Cambra: Caleidoscópio, 2019), 48.

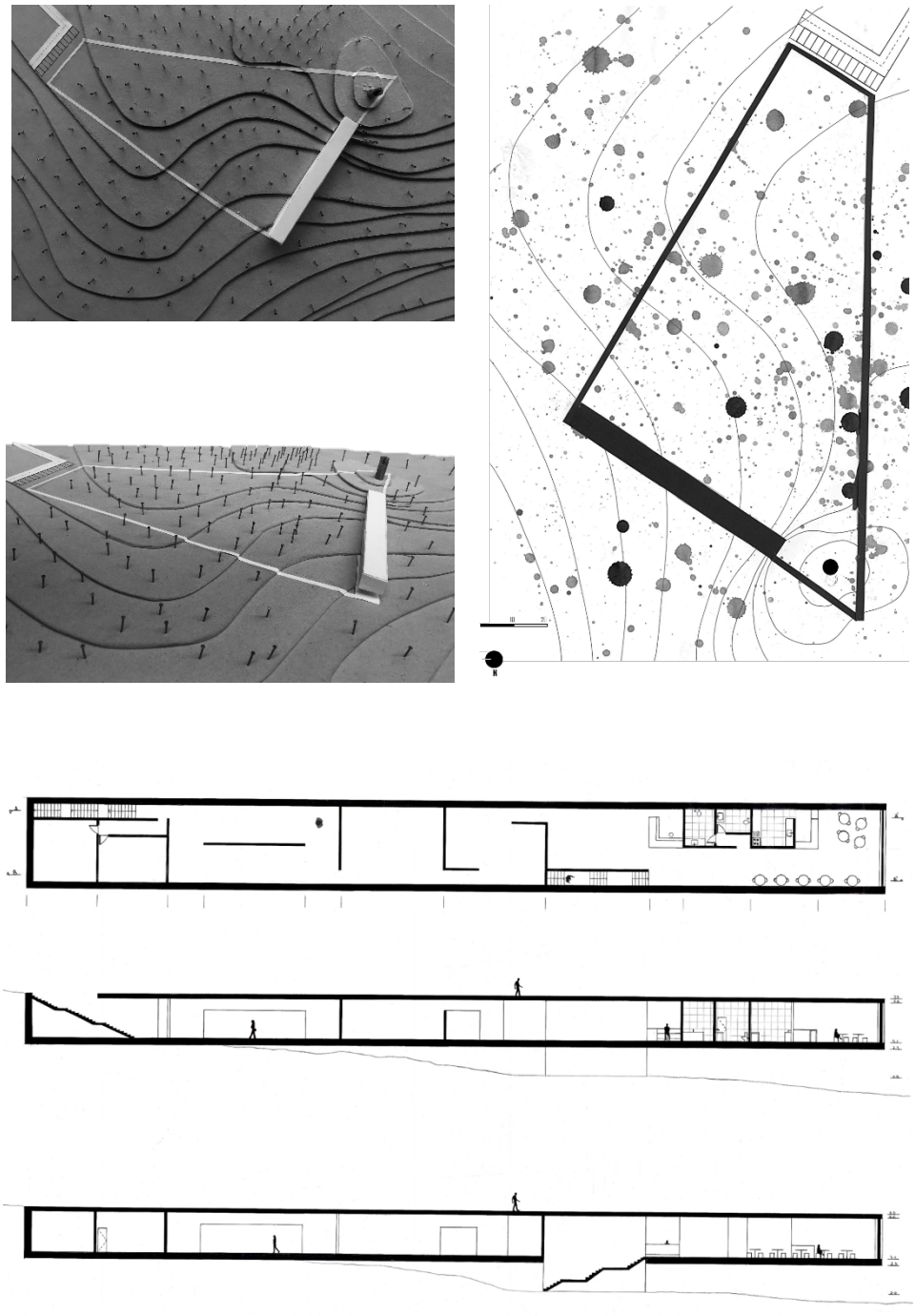


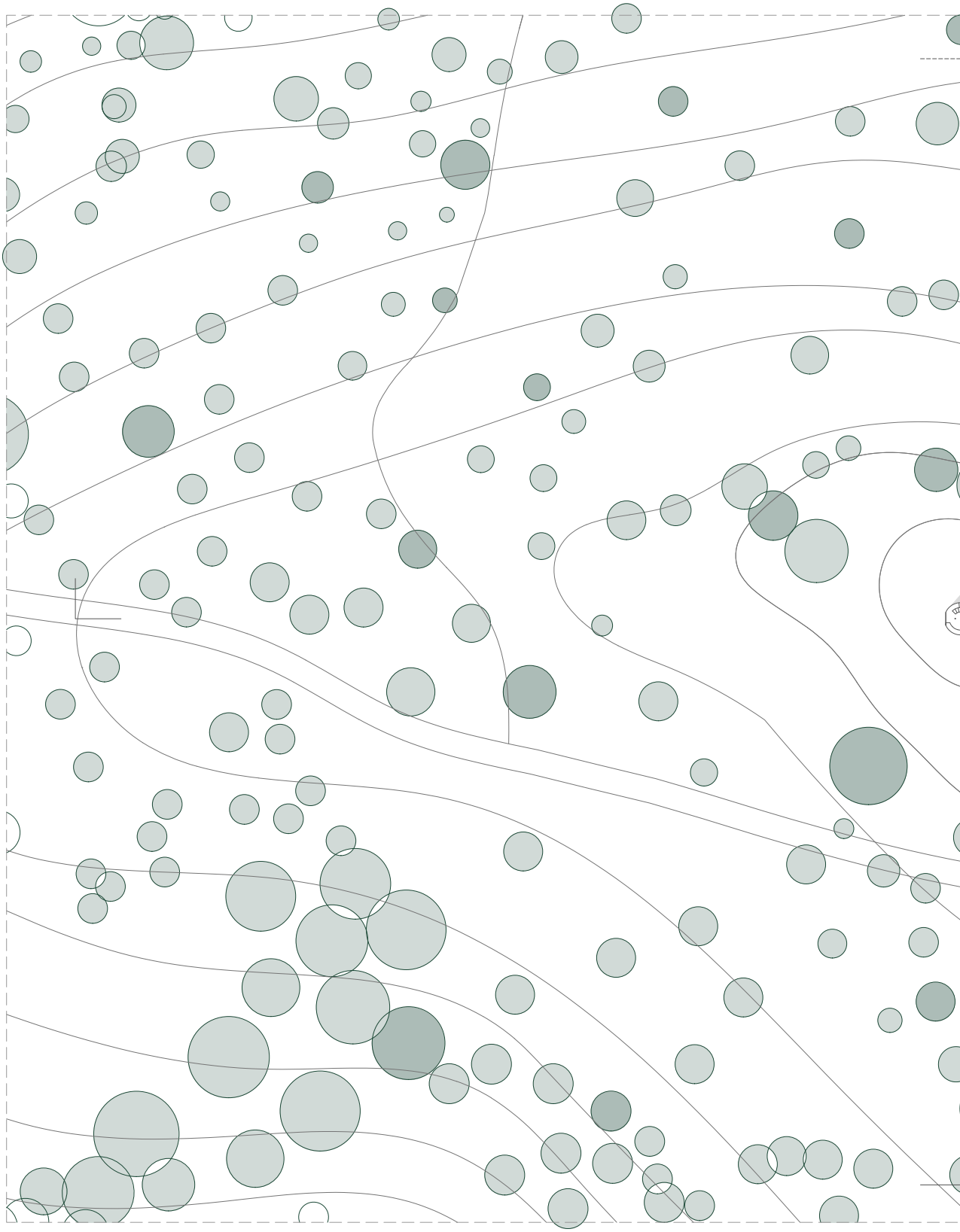
Figura 89: Lembranças do primeiro ano,
Com Juliana Lima

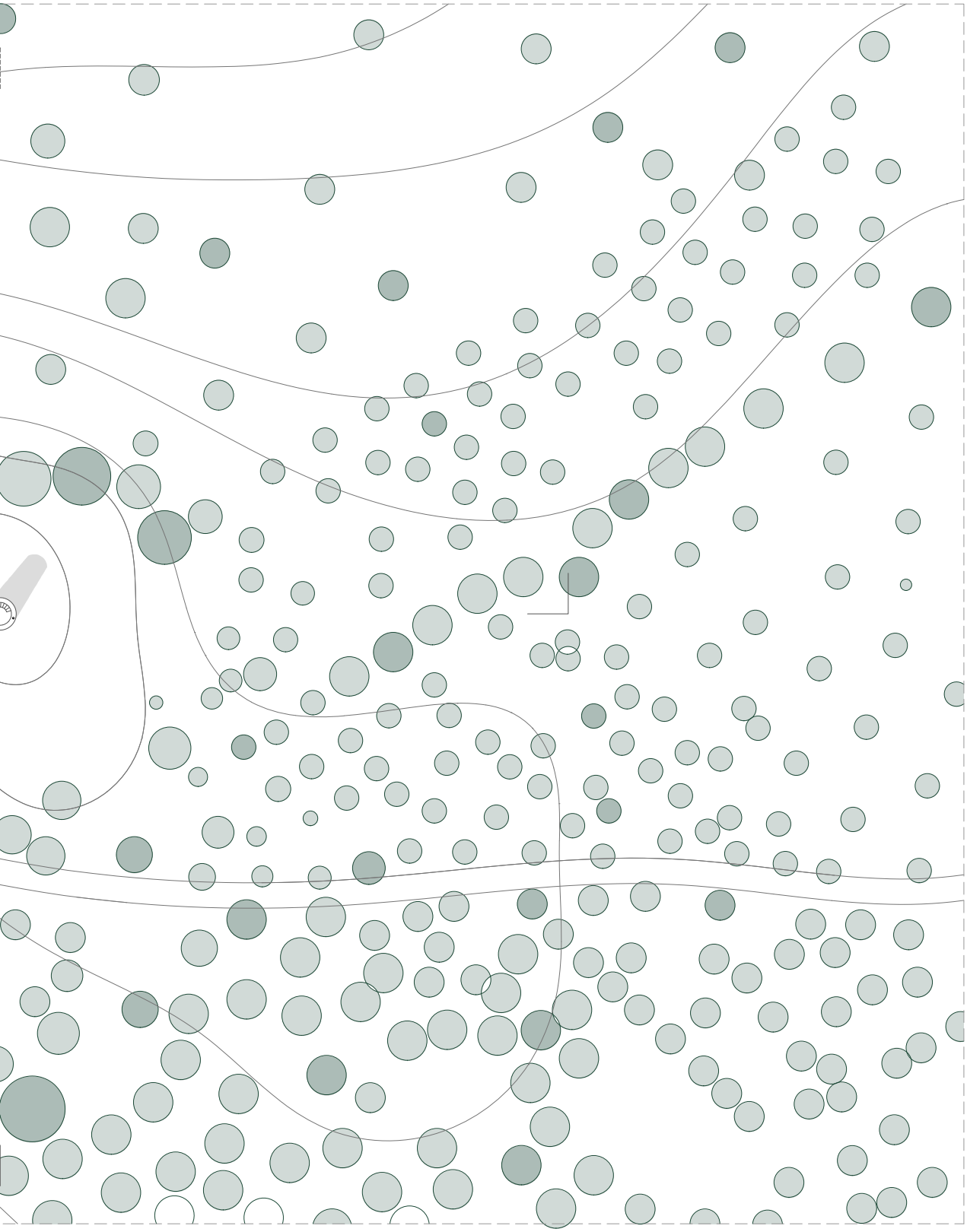
Nota final

Este trabalho encerra um ciclo iniciado há cinco anos onde o mesmo projeto se fazia presente: a intervenção na ruína da Atalaia Magra. Muitas coisas mudaram desde o primeiro contato com faculdade de arquitetura, a bagagem de conhecimento, a forma de pensar. A aprendizagem obtida no decorrer destes anos ficou marcada por inúmeras dúvidas, obstáculos e potencialidades que no final serviram acima de tudo para o enriquecimento pessoal e profissional. Esta dissertação comprova que não há fórmulas ou diretrizes a serem seguidas. Cada projeto é resultado de um preciso momento e da subjetividade do sujeito que se propõe a intervir, com todos seus conhecimentos e ideais conquistados até aquele instante. Cada intervenção é singular, única e pessoal.

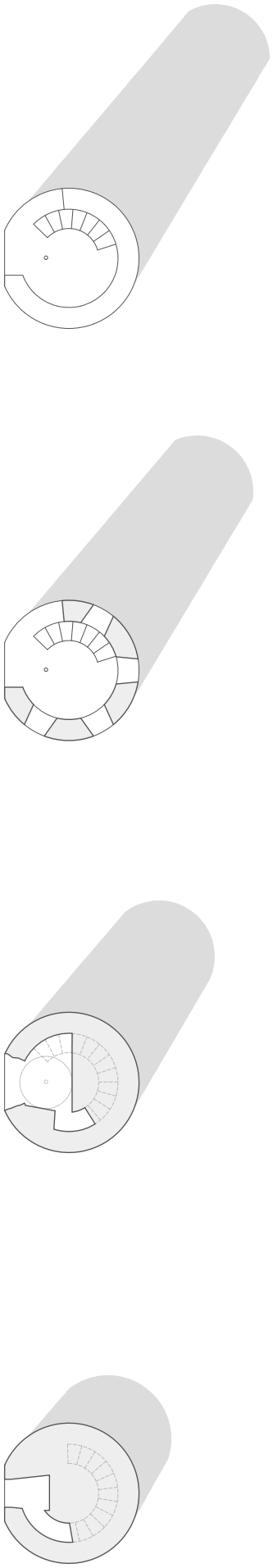
A posição do arquiteto deve ser sempre a de cingir diversas e diferentes verdades, por meio de distintas ferramentas e instrumentos que dispõe nas suas criações, permitindo assim, tanto o desenvolvimento como o amadurecimento de ideias, com seus avanços e recuos necessários, até a solução mais ideal e coerente. O projeto de intervenção pretendido para a Atalaia Magra foi precisamente a concretização desta condição. O 'novo' irá, ao mesmo tempo, adornar, munir e melhorar o 'antigo' de forma respeitosa, restaurando uma relação de longo prazo esquecida pelo tempo. A intervenção não procura a supremacia face ao antigo. Não procura demonstrar que o novo é melhor que o velho. Na verdade, acredita e aceita que em toda a construção antiga há uma conexão lógica continuada, desde a sua forma e pormenor até a inserção com a paisagem envolvente, devendo, portanto, ser valorizada com respeito. Por que, afinal de tudo, não só estamos a projetar para as pessoas como em qualquer gesto de arquitetura, estamos também a projetar para a ruína, como objeto que queremos preservar. Estamos, enfim, a projetar para o tempo.

Desenhos de Projeto:

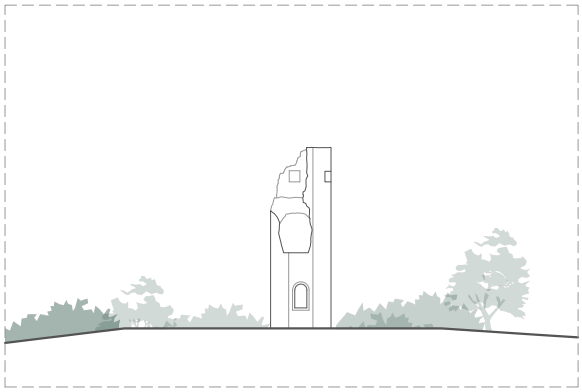


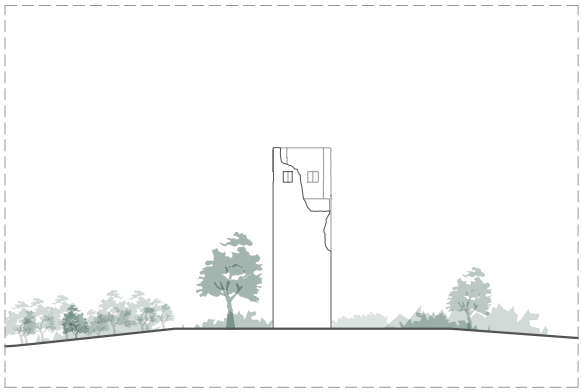


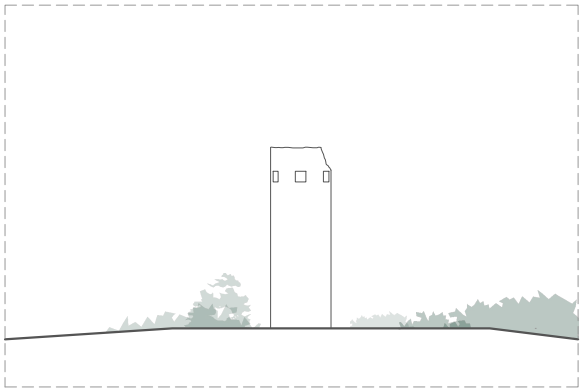
0 15

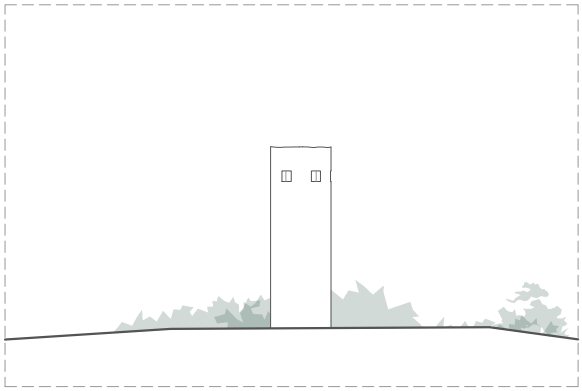


0 3



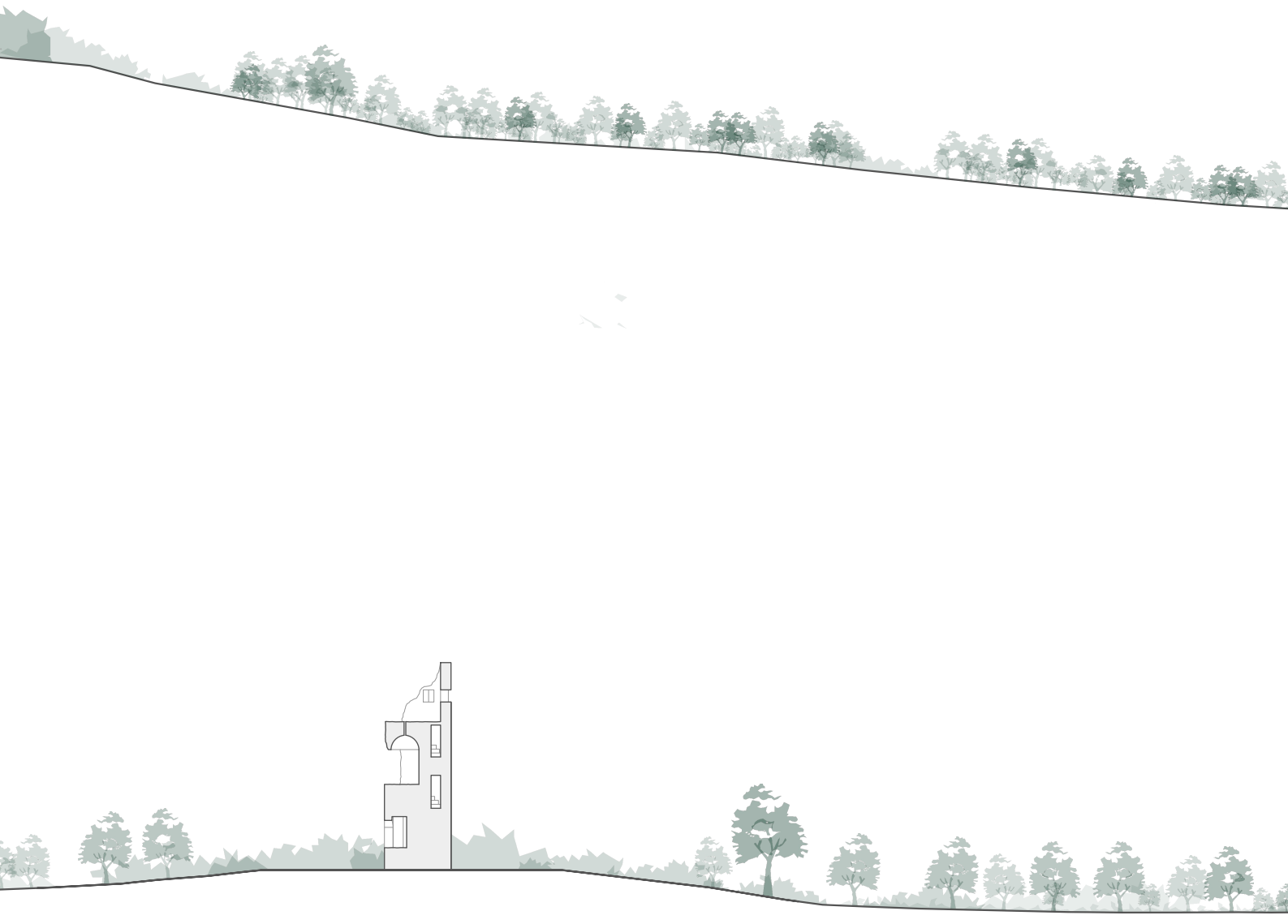




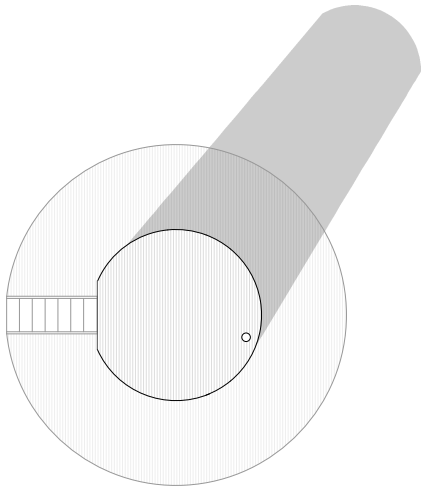


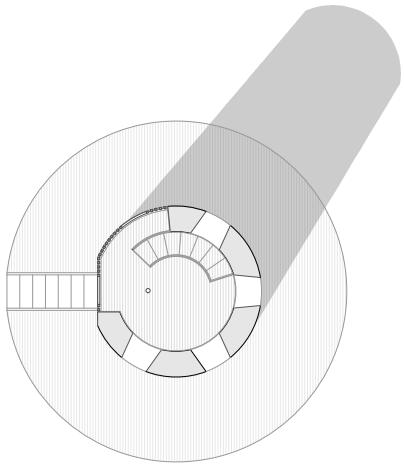
0 10

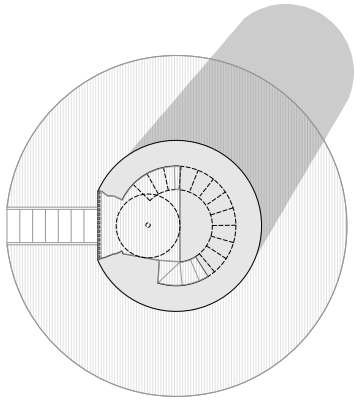


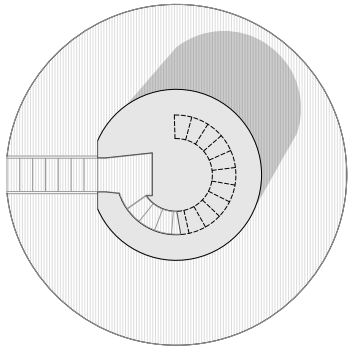


0 5

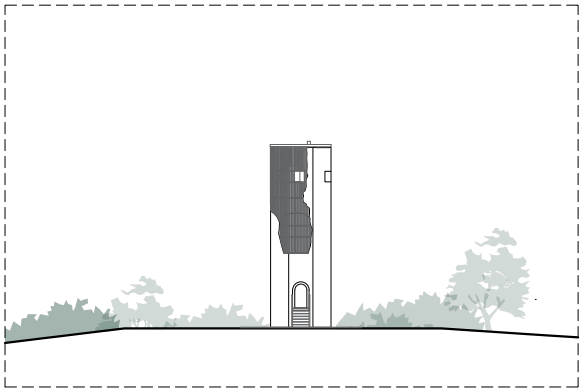


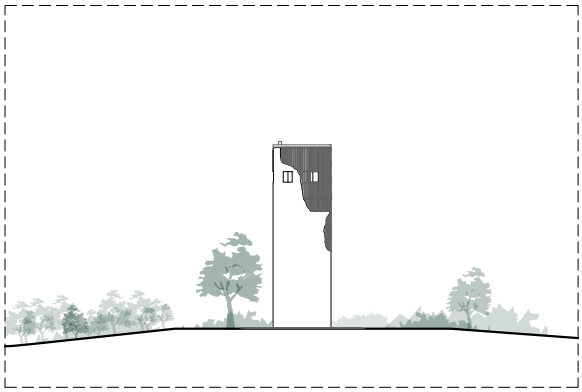


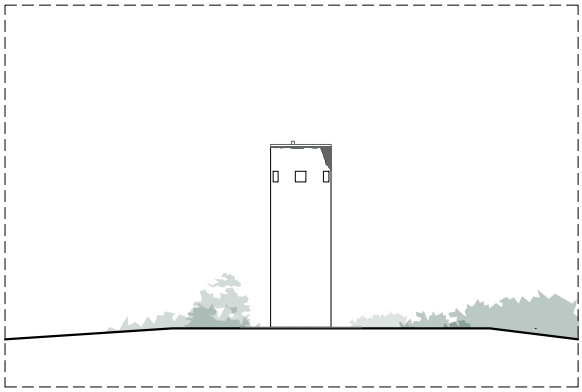


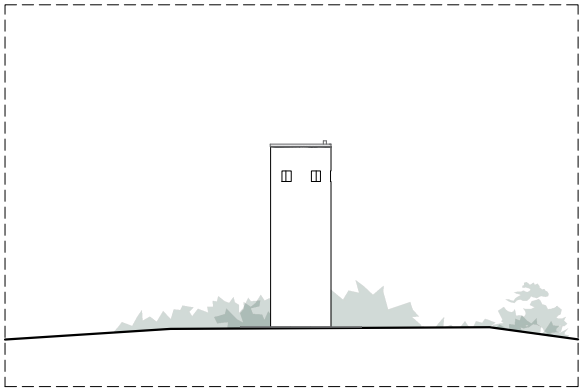


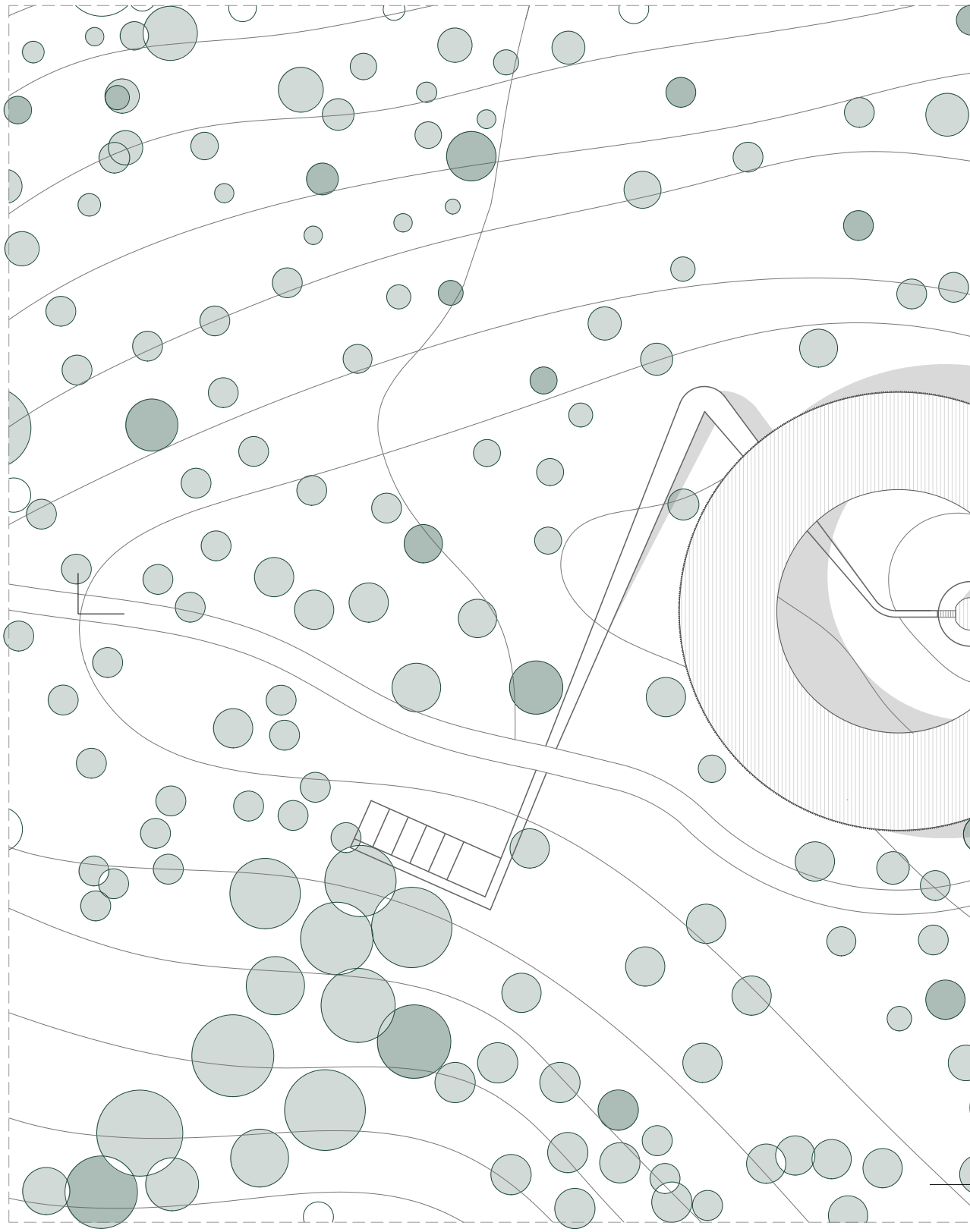
0 3

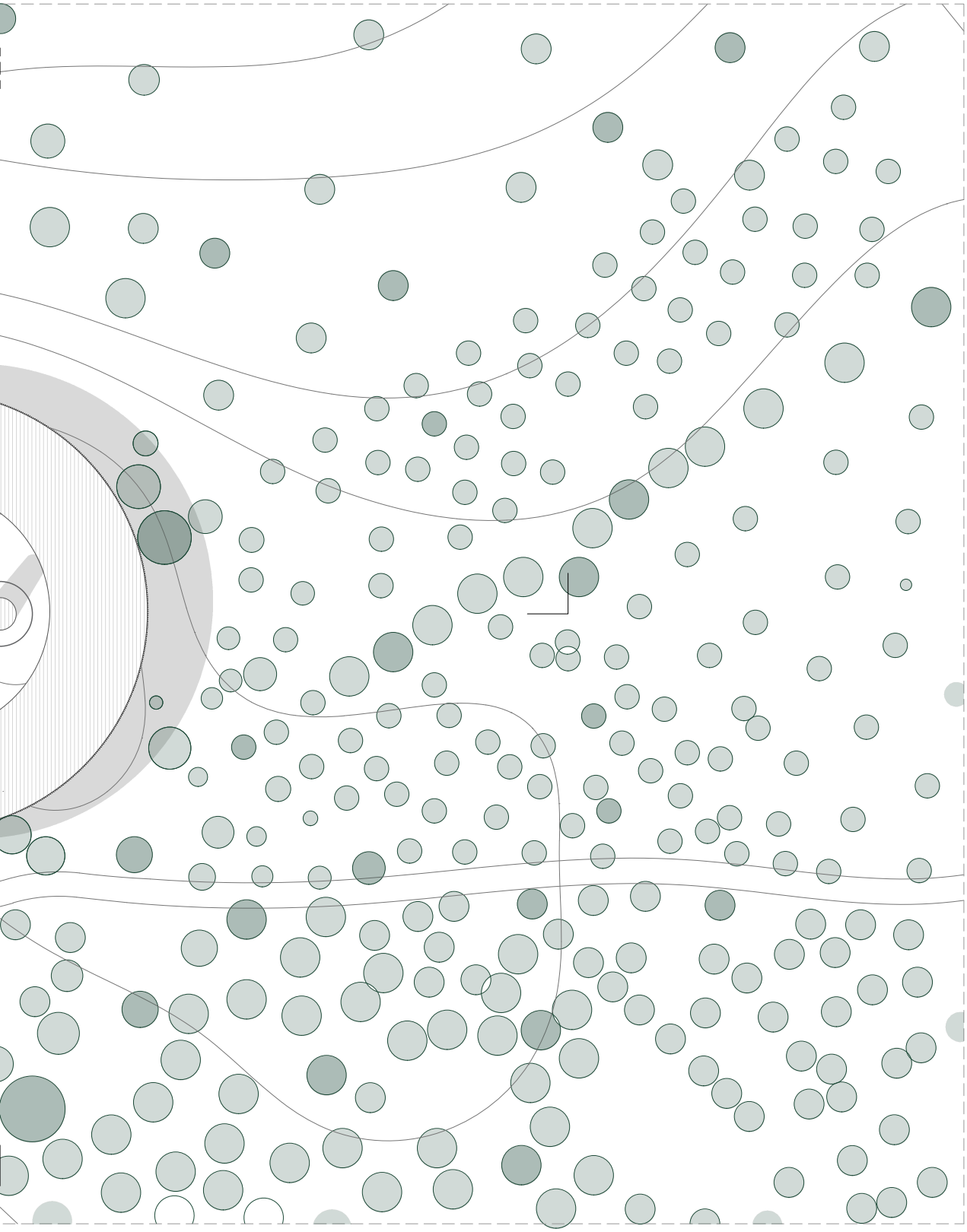




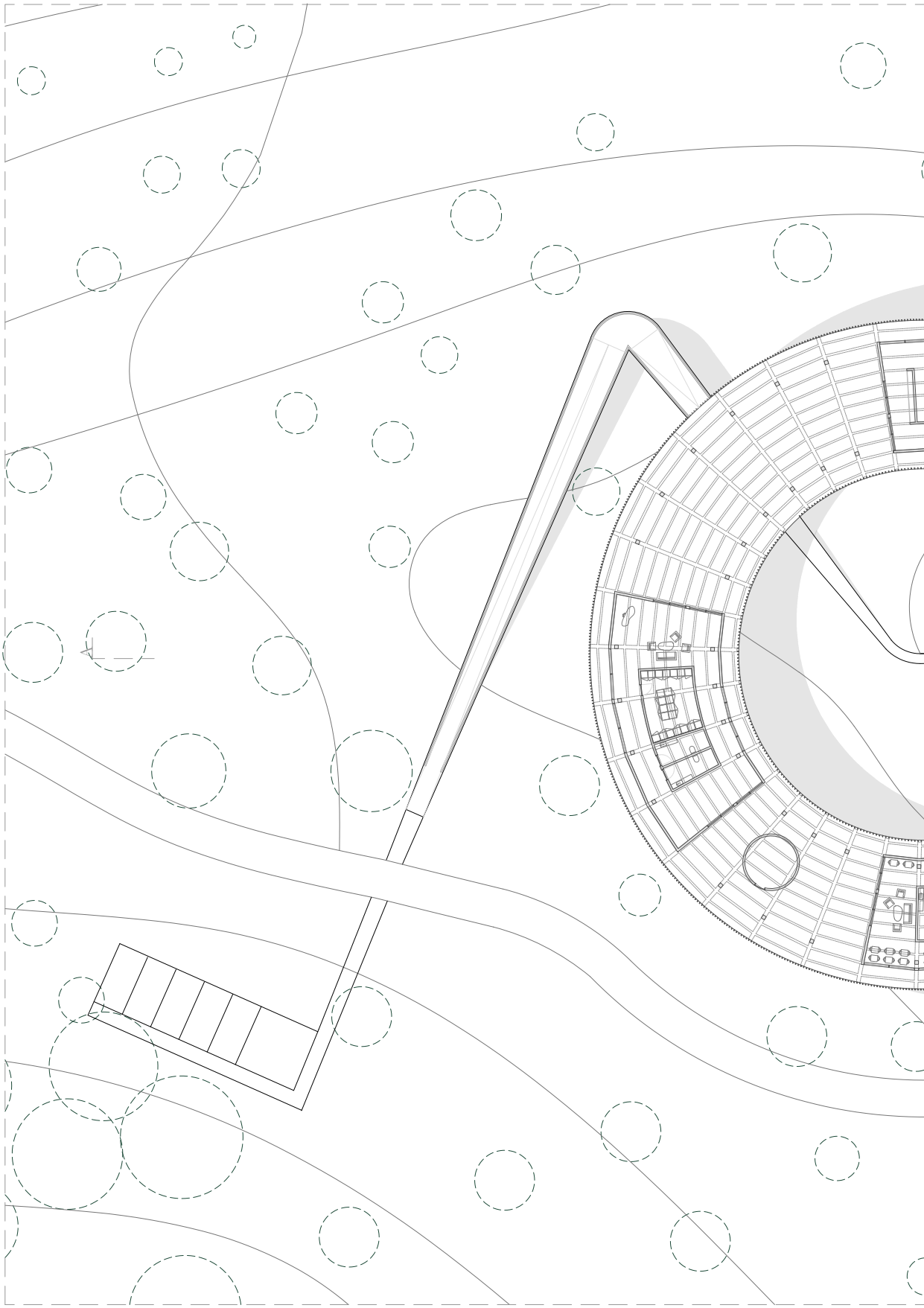


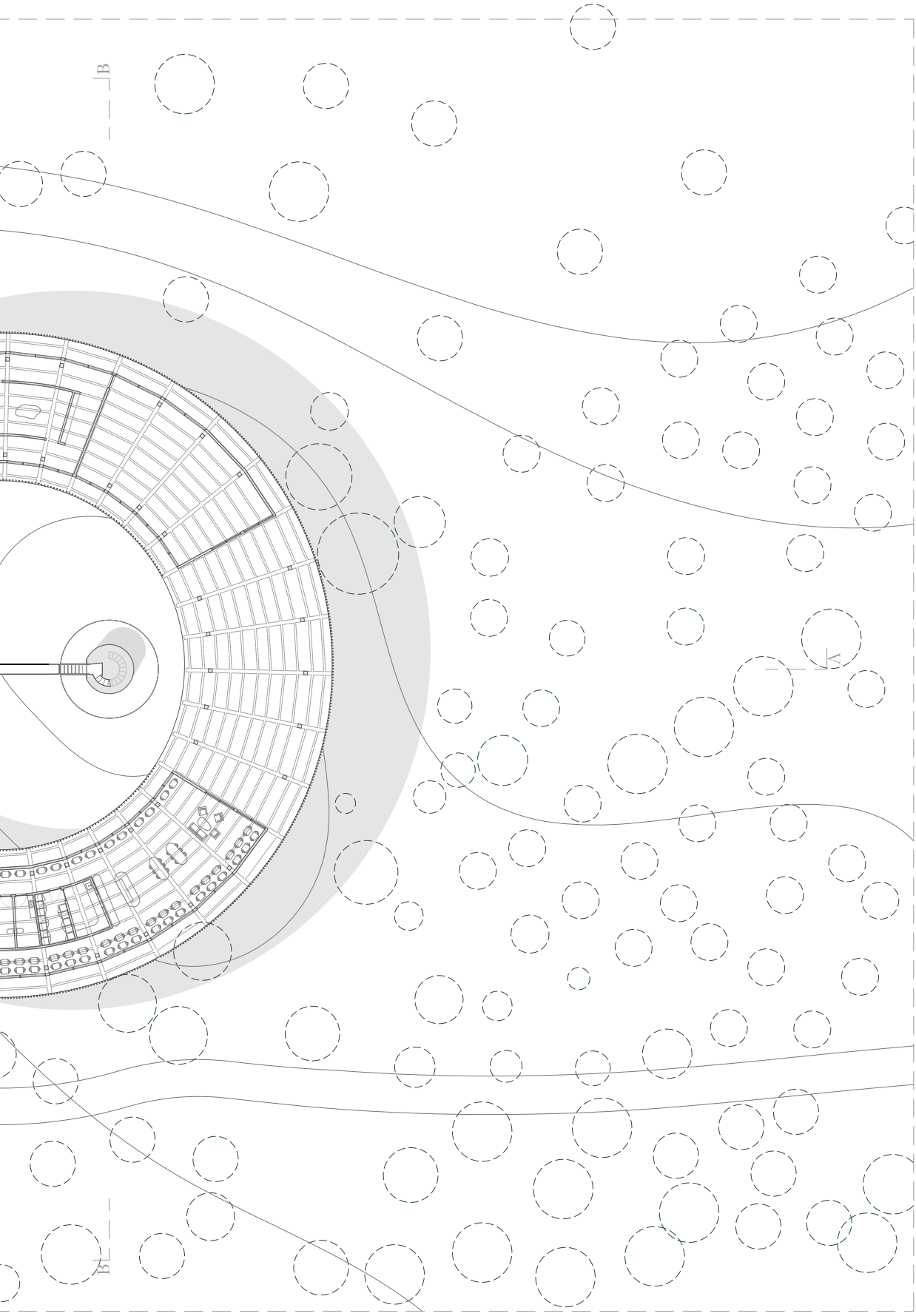




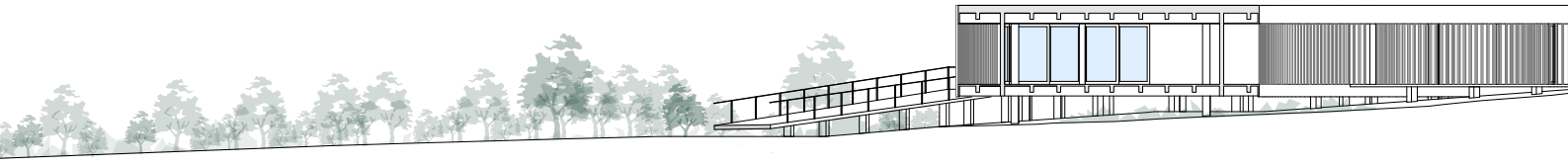


0 15

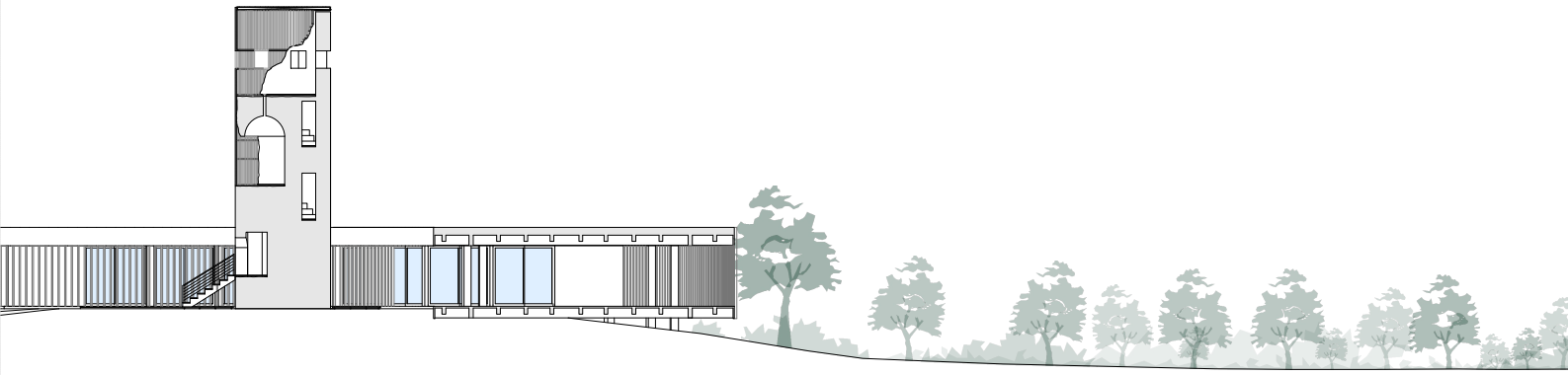


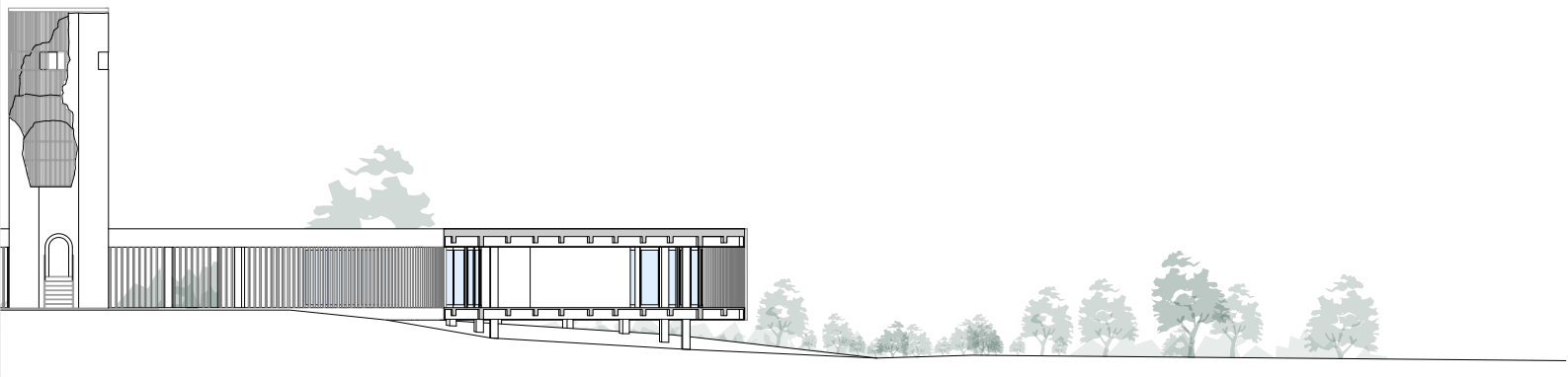


0 10

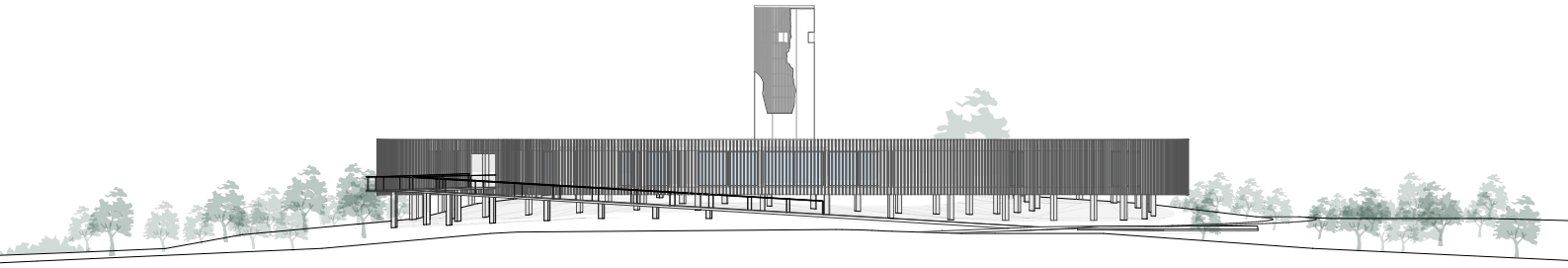


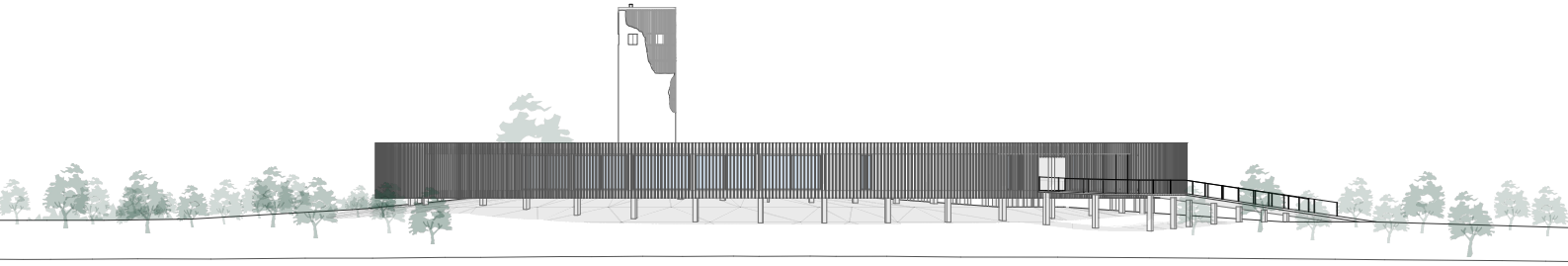


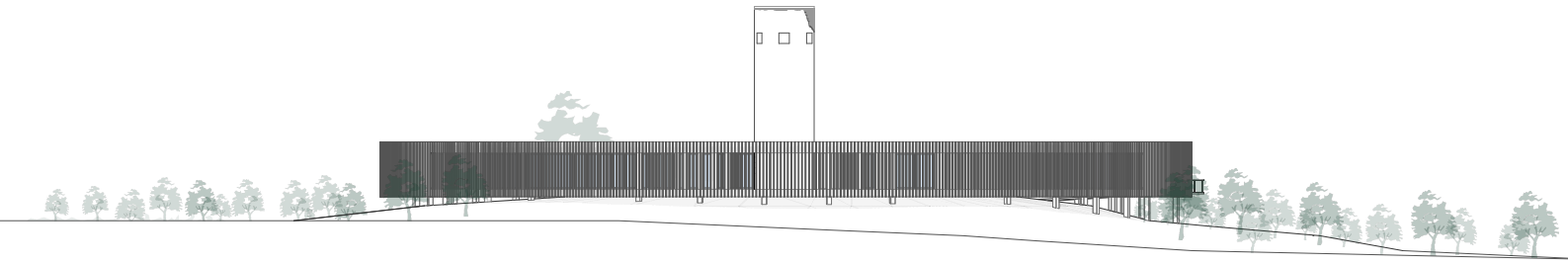


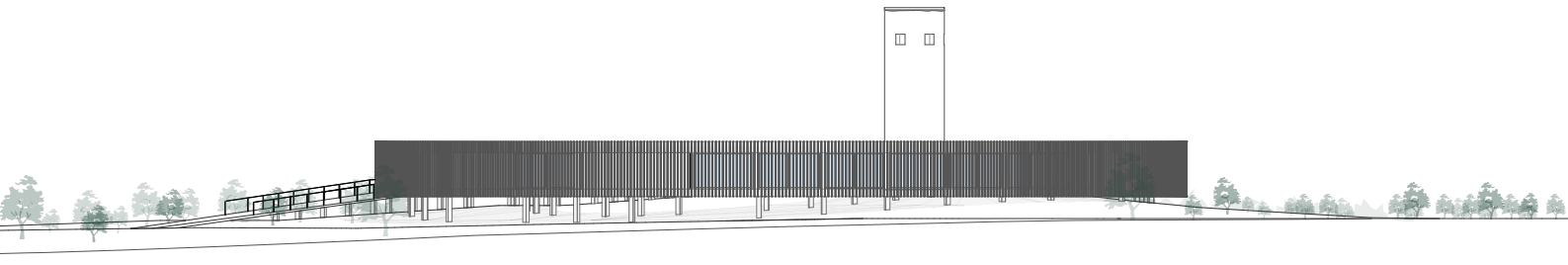


0 5

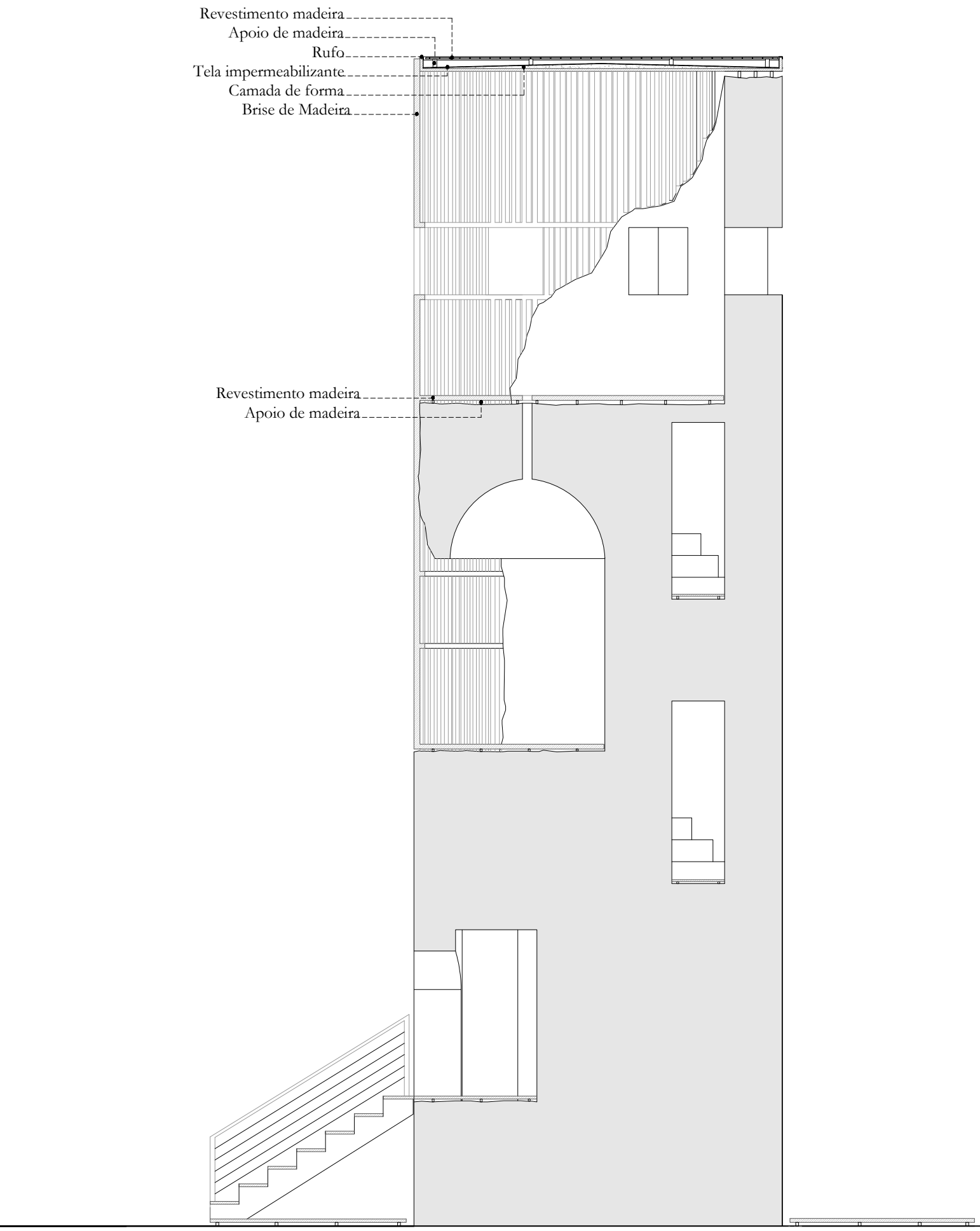




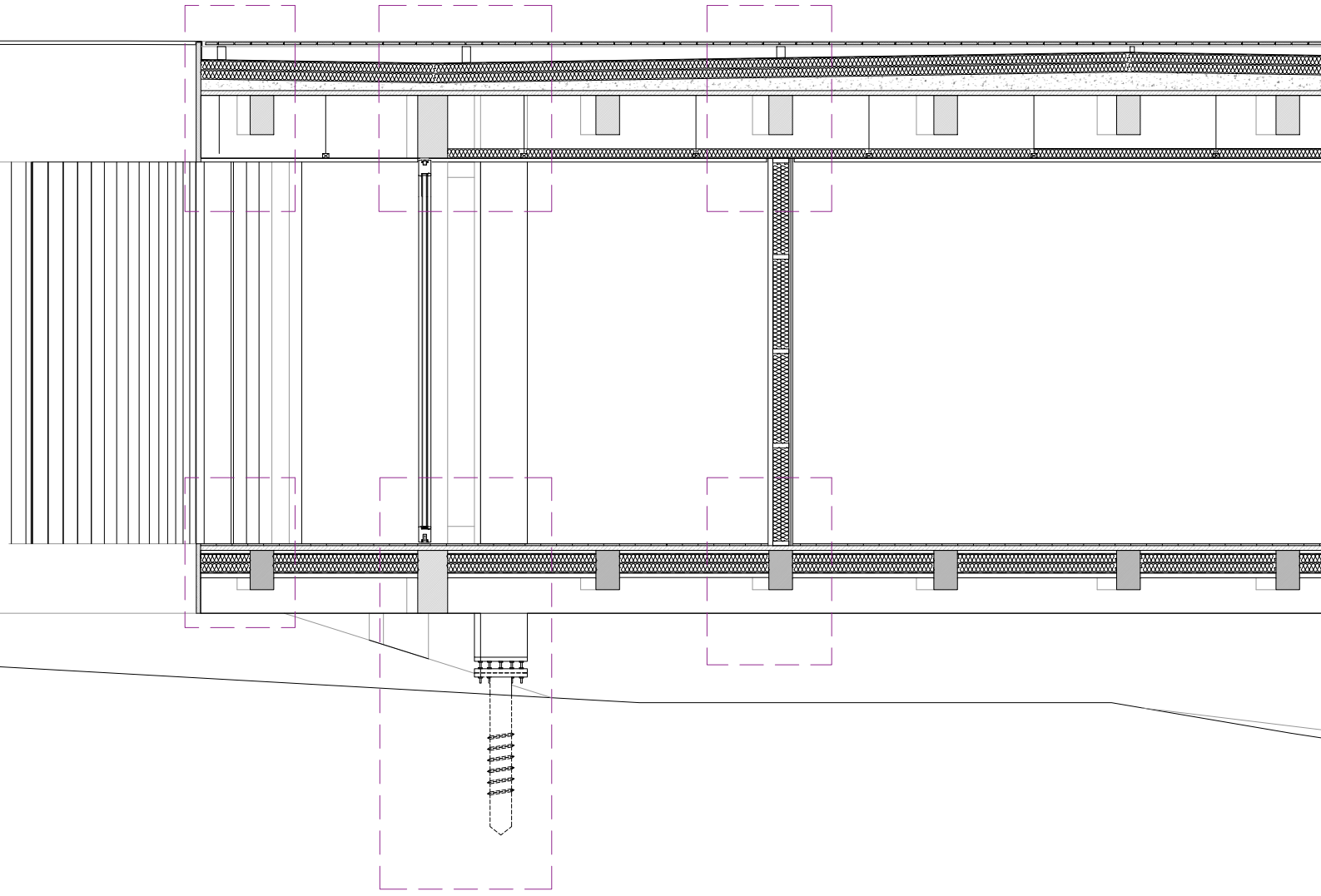


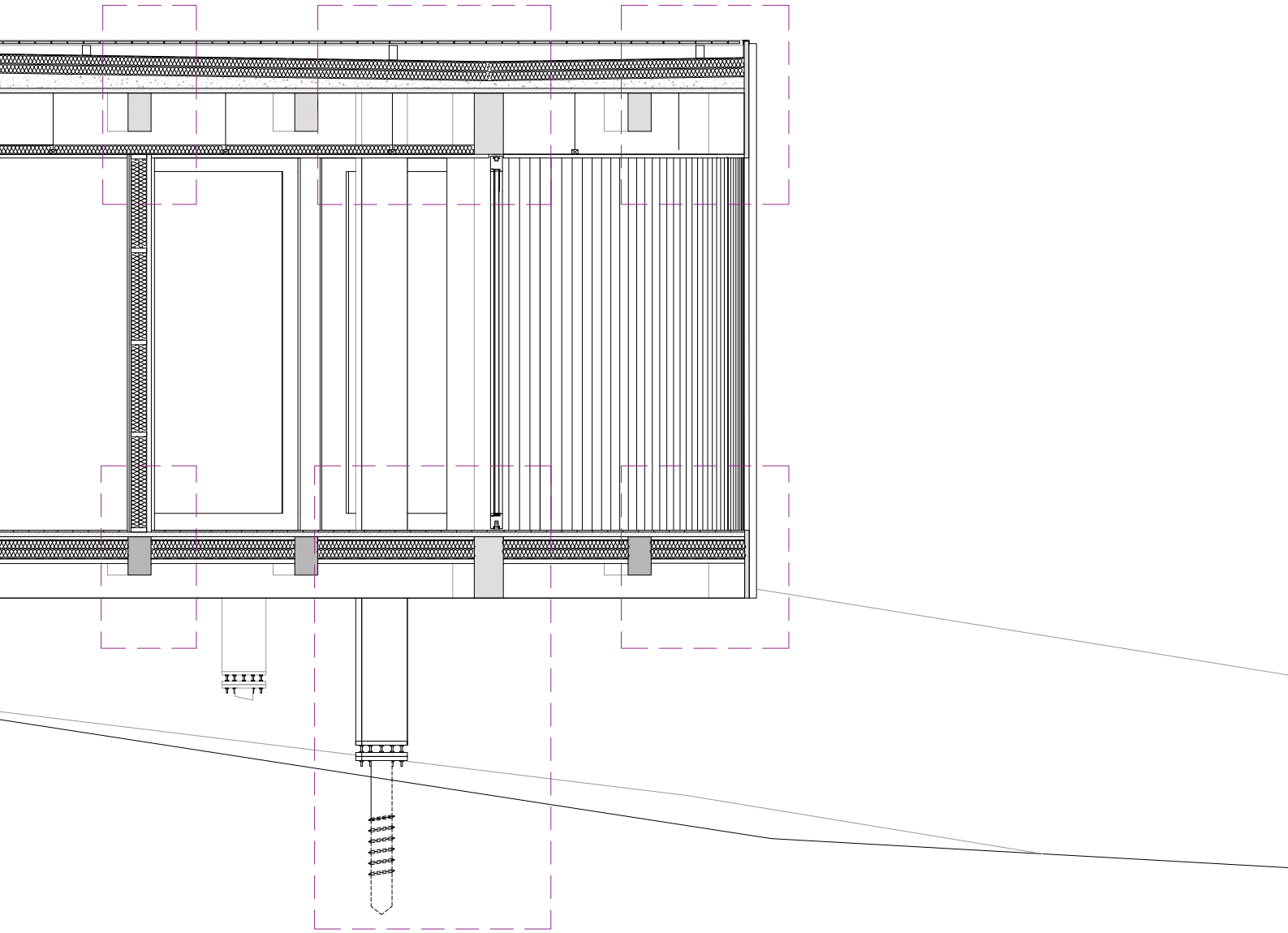


0 10

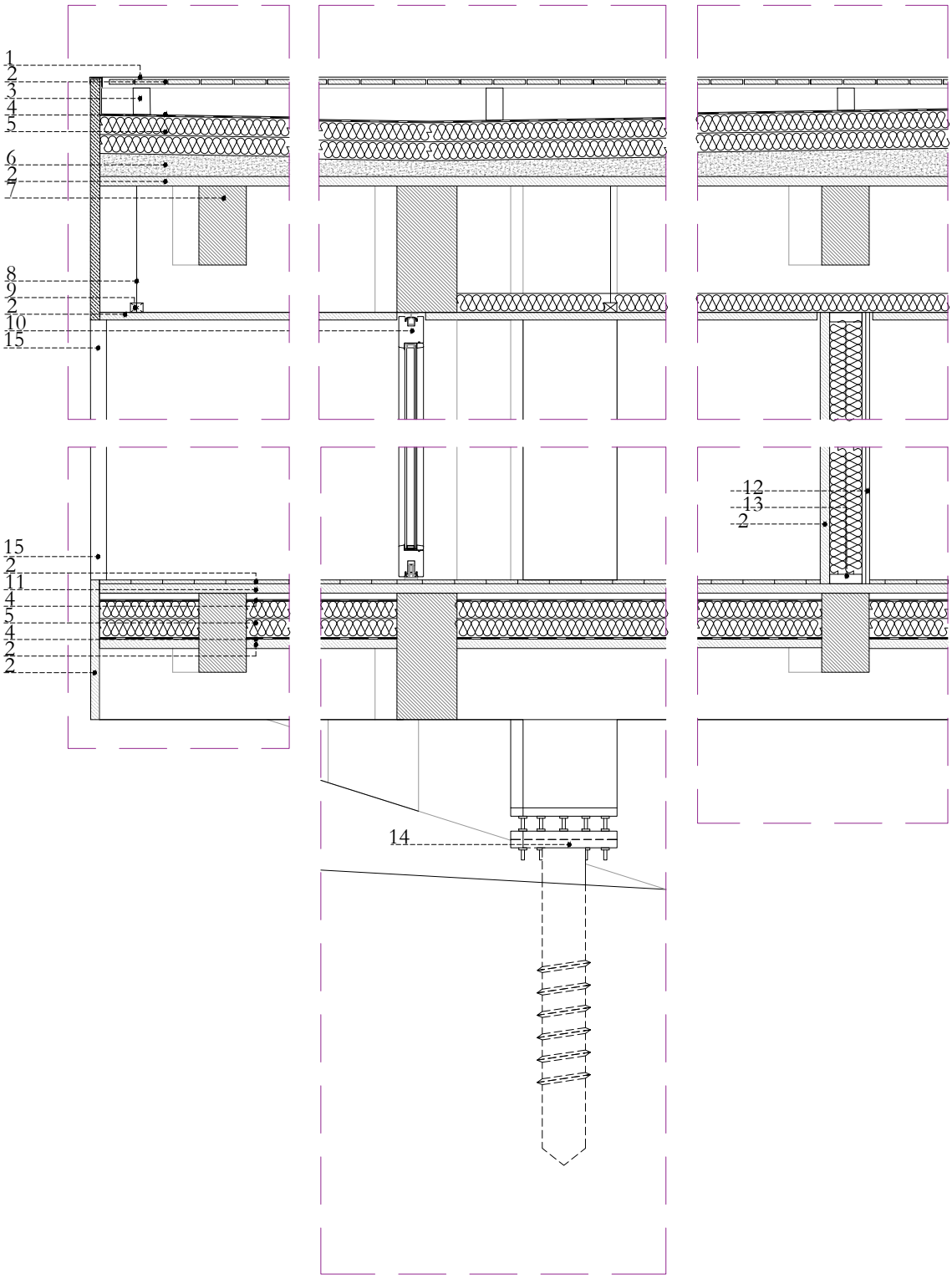

Revestimento madeira
Apoio de madeira
Rufo
Tela impermeabilizante
Camada de forma
Brise de Madeira
Revestimento madeira
Apoio de madeira

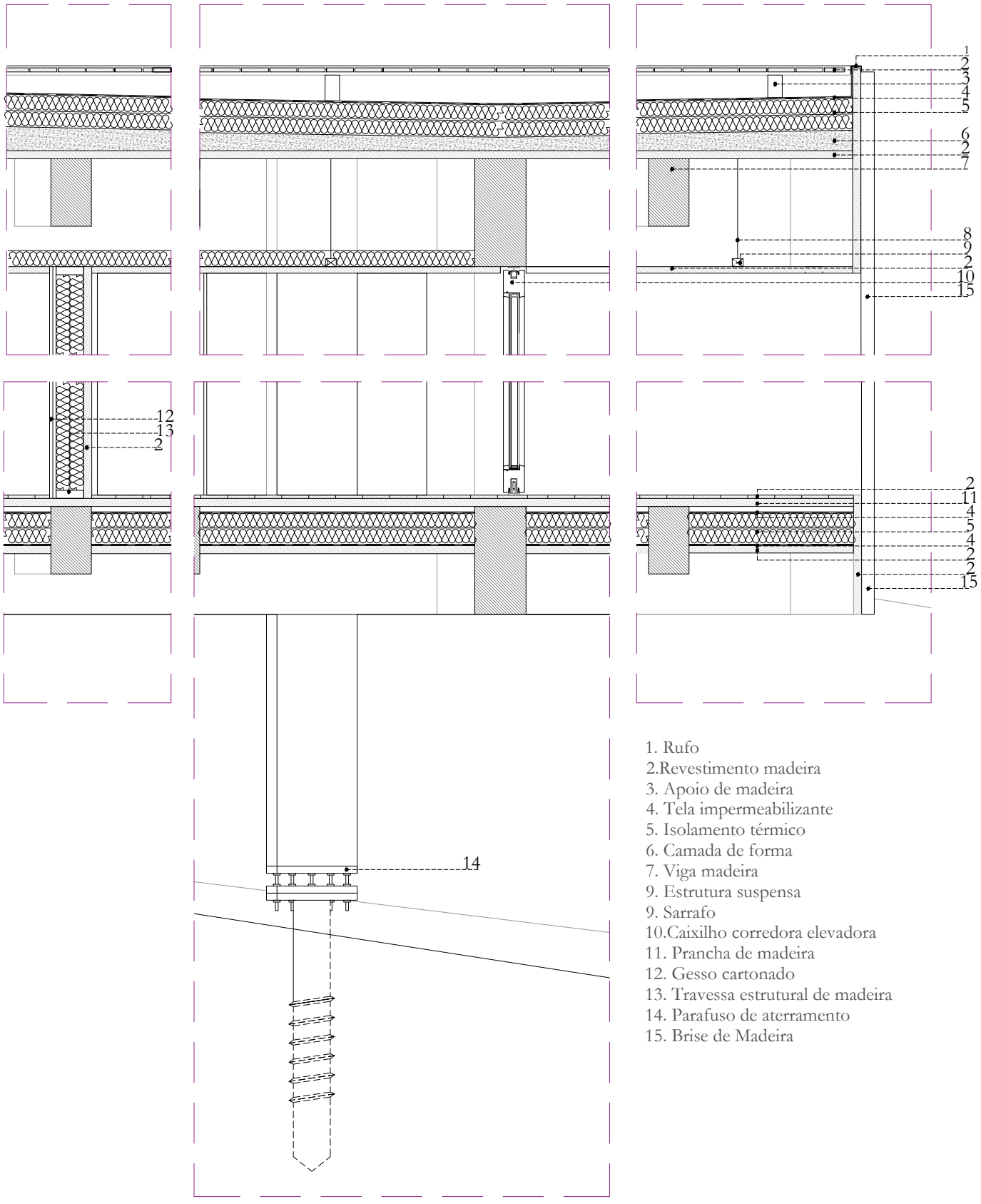
0 1



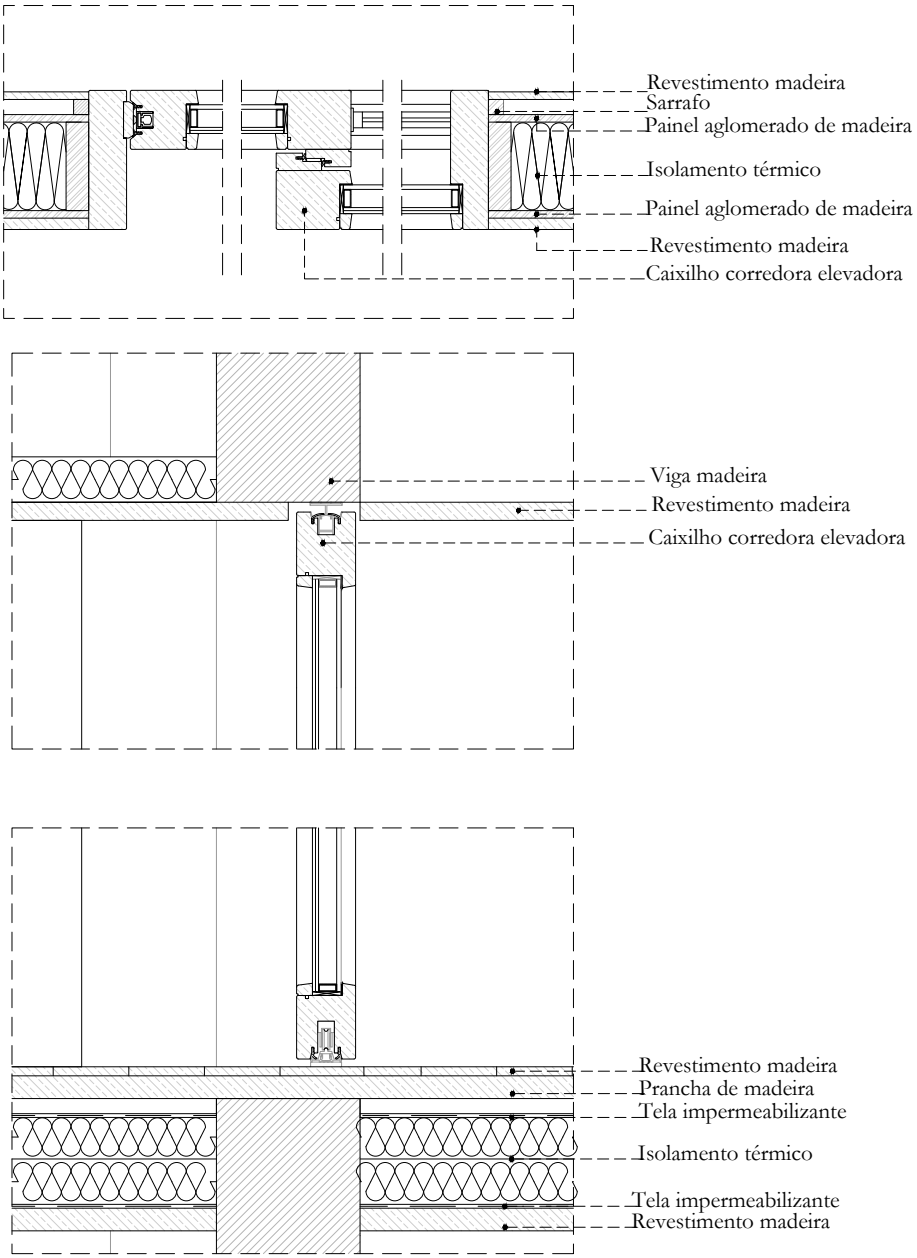


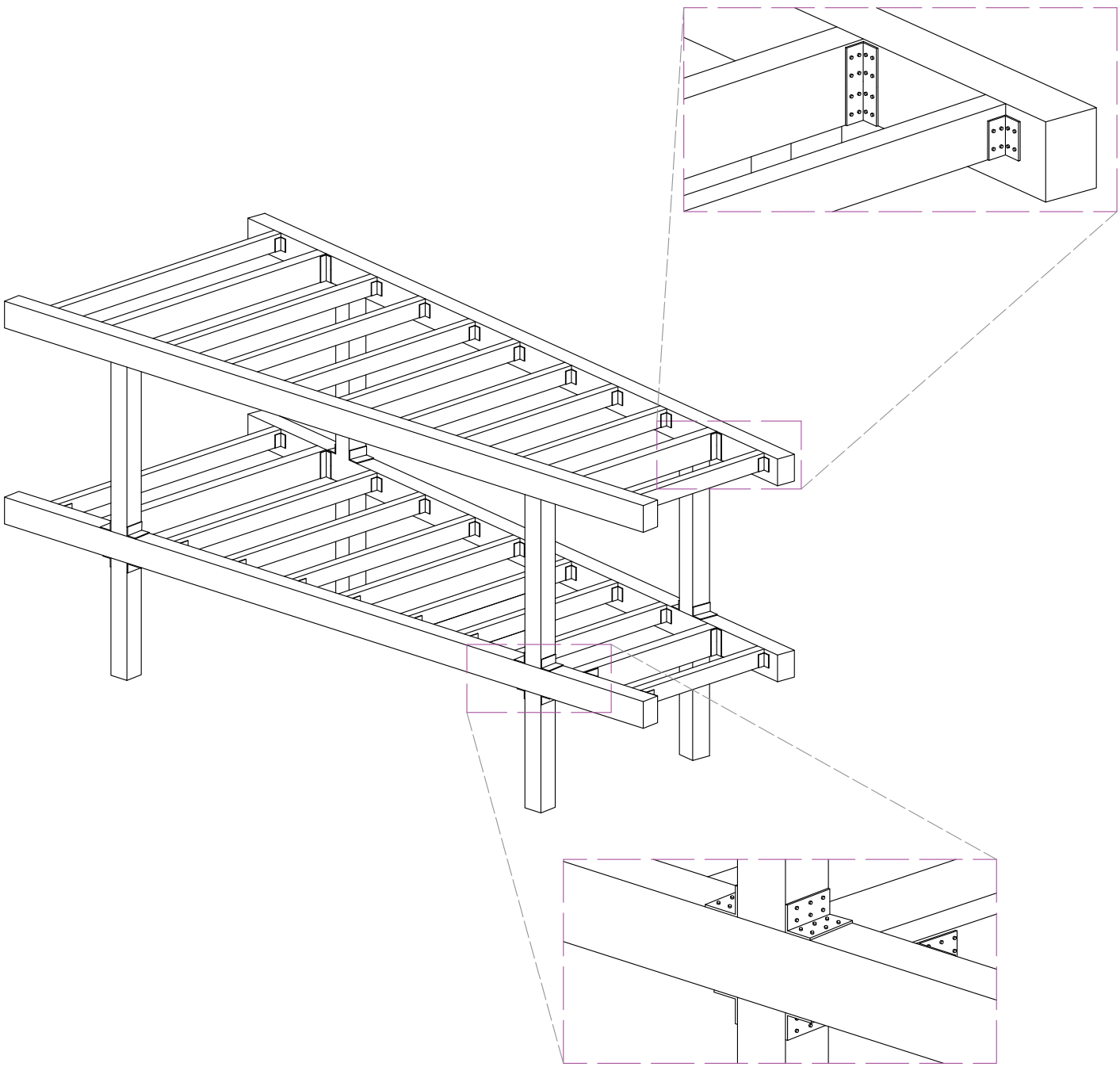
0 .5


1
2
3
4
5
6
2
7
8
9
2
10
15
15
2
11
4
5
4
2
2
2
12
13
2
14



1. Rufo
2.Revestimento madeira
3. Apoio de madeira
4. Tela impermeabilizante
5. Isolamento térmico
6. Camada de forma
7. Viga madeira
9. Estrutura suspensa
9. Sarrafo
10.Caixilho corredora elevadora
11. Prancha de madeira
12. Gesso cartonado
13. Travessa estrutural de madeira
14. Parafuso de aterramento
15. Brise de Madeira


Revestimento madeira
Sarrafo
Painel aglomerado de madeira
Isolamento térmico
Painel aglomerado de madeira
Revestimento madeira
Caixilho corredora elevadora
Viga madeira
Revestimento madeira
Caixilho corredora elevadora
Revestimento madeira
Prancha de madeira
Tela impermeabilizante
Isolamento térmico
Tela impermeabilizante
Revestimento madeira



Bibliografia

Alarcão, Pedro. Construir na Ruína, Entre a Reconstituição e a Reabilitação. Porto: Edições Afrontamento, 2018.

Alberti, Leon Battista. Da Arte Edificatória/ Leon Battista Alberti. Traduzido por Cosimo Bartoli. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.

Boito, Camillo. «3° Congresso degli Ingegneri e Architetti Italiani tenutosi». Roma, 1883.

———. Carta Del Restauro. Roma, 1883.

Campo Baeza, Alberto. A Ideia Construída. Traduzido por Anabela Costa e Silva. Casal da Cambra: Caleidoscópio, 2018.

———. Pensar Com as Mãos. Traduzido por Eduardo dos Santos. Casal da Cambra: Caleidoscópio, 2019.

———. Principia Architectonica. Traduzido por Eduardo dos Santos. Casal da Cambra: Caleidoscópio, 2019.

Cannatá, Michele, e Fátima Fernandes. Construir no Tempo. Lisboa: Estar-Editora, 1999.

Ustárroz, Alberto. La lección de las ruinas. Barcelona: Fundación Caja de Arquitectos, 1997.

Capitel, Antón González. Metaforfosis de monumentos y teorías de la restauración. Madrid: Alianza Editorial, 2009.

Choay, Françoise. Alegoria do Património. Traduzido por Teresa Castro. Edições 70 Arte & Comunicação, 2010.

Correia, José António de Oliveira. Moura Culturas e Mentalidades. Moura: Câmara de Moura, 1997.

Deplazes, Andrea. Constructing Architecture: Materials Processes Structures a Handbook. 2ª ed. Basel: Birkhäuser, 2008.

Dias, Lino Tavares, e Pedro Alarcão. Interpretar a Ruína. Contribuições entre campos disciplinares. Porto: FAUP publicações, 2011.

Gracia, Francisco de. Construir en lo construido: la arquitectura como modificación. Hondarribia: Editorial NEREA, 1992.

Lima, José Frangoso de. Elementos Históricos e Arqueológicos do Concelho de Moura. 2ª edição. Moura: Câmara Municipal de Moura, 2003.

Lino, Tavares Dias. Interpretar a Ruína. Contribuições entre campos disciplinares. Porto: FAUP publicações, 2011.

Macias, Santiago. Água Património de Moura. Moura: Câmara Municipal de Moura, 2017.

Macias, Santiago, e Vanessa Gaspar. Fortificações Modernas de Moura. Moura: Câmara Municipal de Moura, 2005.

Macias, Santiago, José Valente, e Vanessa Gaspar. Castelo de Moura - escavações arqueológicas 1989-2012 (Catálogo). Câmara Municipal de Moura. Moura, 2016.

———. Castelo de Moura - escavações arqueológicas 1989-2012 (textos). Moura: Câmara Municipal de Moura, 2016.

Monografia Arqueológica do Concelho de Moura. 2ª edição. Moura: Câmara Municipal de Moura, 1999.

Ruskin, John. A Lâmpada da Memória. Traduzido por Maria Lucia Bressan Pinheiro. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

Siza Vieira, Álvaro. 01 Textos / Álvaro Siza. Lisboa: Parceria A. M. Pereira, 2019.

Solà-Morales, Ignasí de. Intervenciones. Barcelona: Gustavo Gili, 2006.

Viollet-Le-Duc, Eugéne Emmanuel. Verbete: Restauração- Eugéne Emmanuel Viollet-Le-Duc. Traduzido por Beatriz Mugayar Kühl. São Paulo: Ateliê Editorial, 2006.

Documentos eletrónicos:

Almeida, Eneida de. «Arquitetura e memória». USP, 2015. https://www.revistas.usp.br/posfau/article/view/112352

Campo Baeza, Alberto. «De La Cueva A La Cabaña. De Lo Estereotómico Y Lo Tectónico En La Arquitectura.» 2008. https://www.campobaeza.com/wp-content/uploads/1996/01/2008_PENSAR-CON-LAS-MANOS_03_DE-LA-CUEVA-A-LA-CABAÑA.pdf.

Campos, Joana Salomé. «Intervenção no património edificado. Conceitos e reflexões». Em Oppidum VI - Revista de Arqueologia, História e Património. Município de Lousada, 2011. https://www.cm-lousada.pt/cmlousada/uploads/document/file/412/231_original.pdf.

Monumentos. «Atalaia Magra / Atalaia da Cabeça Magra». Acedido janeiro de 2022. http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=988.

«Atalaia Magra - Roteiro do Alqueva - Portal Turístico | Alentejo - Portugal». Acedido junho de 2022. https://www.roteirodoalqueva.com/poi/atalaia-magra.

Carles Enrich Studio. «Merola's Tower». Carles Enrich Studio. Acedido abril de 2022. https://carlesenrich.com/projects/merolas-tower/.

———. «Merola's Tower». Carles Enrich Studio. Acedido abril de 2022. https://carlesenrich.com/projects/merolas-tower/.

Castillo, Luis, e Miras Mercedes. «Proyecto: Torre de Huércal Overa». Castilho/ Miras Arquitectos. Acedido setembro de 2022. https://www.castillomiras.es/proyectos/torre-huercal-overa.html.

Câmara Municipal de Moura. «Conhecer: Moura». Acedido março de 2022. http://www.cm-moura.pt/moura/.

Carquero. «Consolidación de la Torre del Homenaje del Castillo de Matrera». Acedido setembro de 2022. http://www.carquero.com/proyectos/consolidacion-restauracion-del-castillo-matrera-cadiz/.

Corvo, Atelier do. «Memória Descritiva: Reconstrução e musealização da Torre e necrópole do Antigo Castelo de Miranda do Corvo».

Faria, Miguel Figueira de. «Fortificações de Portugal na fronteira da Estremadura espanhola». Anais, Série História, II, 1995. https://repositorio.ual.pt/handle/11144/704

Franco, José Tomás. «Restauração da Torre Medieval de Cádiz: Atentado ou preservação do patrimônio?» Traduzido por Joanna Helm. ArchDaily Brasil. Acedido setembro de 2022. https://www.archdaily.com.br/br/783837/restauracao-da-torre-medieval-de-cadiz-atentado-patrimonial-ou-projeto-valido.

Macias, Santiago. «Moura na Baixa Idade Média: elementos para um estudo histórico e arqueológico», 1993. https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/2380.

Macias, Santiago, José Valente, e Vanessa Gaspar. Castelo de Moura - escavações arqueológicas 1989-2012 (Anexos). Câmara Municipal de Moura. Moura, 2016. https://www.academia.edu/35747668/Castelo_de_Moura_escava%C3%A7%C3%B5es_arqueol%C3%B3gicas_1989_2013_anexos_.

Noé, Paula. «Guia de Inventário - Fortificações Medievais e Modernas» http://www.monumentos.gov.pt/site/DATA_SYS/MEDIA/EstudosDocumentos/Guia%20fortifica%C3%A7%C3%B5es%20-%202%C2%AA%20edi%C3%A7%C3%A3o%20-%20final.pdf.

Oliveira, Rogério Pinto Dias de. «O pensamento de John Ruskin». vitruvius, Acedido Março de 2022. https://vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/07.074/3087.

«Reconstrução e Musealização Da Torre e Necrópole Do Antigo Castelo de Miranda Do Corvo | Atelier Do Corvo». Acedido abril de 2022. https://www.atelierdocorvo.com/project/reconstrucao-e-musealizacao-da-torre-e-necropole-do-antigo-castelo-de-miranda-do-corvo/.

ARKxSITE. «Site Cultural Center». Acedido março de 2022. https://www.arkxsite.com/site-cultural-center-winners.

Dissertações:

Leitão, Daniela Filipa Castro. «Construir no Construído. A ruína como instrumento de projecto: proposta de intervenção e reconversão em Lamaçais». FAUP, 2016.

Nunes, Indira Joana da Silva Diniz e. «A importância da história no ato de projetar em Souto Moura». FAUP, 2016. https://sigarra.up.pt/faup/pt/pub_geral.pub_view?pi_pub_base_id=174181.

Oliveira, Marisa Alexandra da Fonte. «Da nostalgia à contemporaneidade: Uma pesquisa para um procjeto. Procjeto(s) para uma pesquisa». FAUP, 2016.

Silva, Alexandra Filipa Vieira Bastos Gomes da. «Intervir no preexistente: A ruína na obra de Eduardo Souto de Moura». FAUP, 2018.

Registo videográfico:

Andersen, Thom. Reconversão. Portugal: Curtas Vila do Conde, 2012.

Exposição:

«Exposição "Moura Arqueológica – Tesouros por Descobrir"», 2022.

Índice de Imagens

Figura 1: https://pt.scribd.com/document/440658729/T-S-Eliot-Poemas-1910-1930-pdf

Figura 2: https://www.tate.org.uk/art/artworks/turner-tintern-abbey-the-crossing-and-chancel-looking-towards-the-east-window-d00374

Figura 3: Arquivo pessoal

Figura 4:
www.assorestauro.org/sites/default/files/styles/galleria_zoom/public/02.1.jpg?itok=AdbTRDhw

Figura 5:
https://en.wikipedia.org/wiki/Ancient_Roman_architecture#/media/File:Colosseo_2020.jpg

Figura 6: https://www.wikiart.org/en/leon-battista-alberti/tempio-malatestiano-rimini-1450

Figura 7: https://i.pinimg.com/originals/ef/77/43/ef7743093336680dbdbb9590ad990e49.jpg

Figura 8: https://www.arteopereartisti.it/tempio-malatestiano/

Figura 9: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Porte.cathedrale.Rouen.png

Figura 10: https://www.meisterdrucke.pt/impressoes-artisticas-sofisticadas/John-Ruskin/1165656/O-Exterior-do-Pal%C3%A1cio-Ducal,-Veneza,-1852.html

Figura 11: https://divisare.com/projects/99505-alvaro-siza-vieira-roberto-collova-orazio-salucci-piazza-alicia-e-ricostruzione-della-chiesa-madre#lg=1&slide=1

Figura 12: https://www.spab.org.uk/about-us/spab-manifesto

Figura 13: Arquivo Pessoal

Figura 14: https://archello.com/pt/story/23088/attachments/photos-videos/3

Figura 15 a 20: https://www.atelierdocorvo.com/project/reconstrucao-e-musealizacao-da-torre-e-necropole-do-antigo-castelo-de-miranda-do-corvo/

Figura 21 a 24: Figura 22-25: Rehabilitación de Torre Nazarí y Mejora paisajística del Entorno. https://www.castillomiras.es/documentos/Dosier-Torre-de-Huercal-Overa.pdf

Figura 25 a 29: https://carlesenrich.com/projects/merolas-tower/

Figura 30 a 34: http://www.carquero.com/proyectos/consolidacion-restauracion-del-castillo-matrera-cadiz/

Figura 35: https://pt.wikipedia.org/wiki/Moura, editado pela autora

Figura 36: Arquivo Pessoal

Figura 37: Santiago Macias, José Valente, e Vanessa Gaspar, Castelo de Moura - escavações arqueológicas 1989-2012 (Catálogo), Câmara Municipal de Moura (Moura, 2016), 8.

Figura 38: Santiago Macias, José Valente, e Vanessa Gaspar, Castelo de Moura - escavações arqueológicas 1989-2012 (Anexos), Câmara Municipal de Moura (Moura, 2016), 20.

Figura 39: Santiago Macias, José Valente, e Vanessa Gaspar, Castelo de Moura - escavações arqueológicas 1989-2012 (Catálogo), Câmara Municipal de Moura (Moura, 2016), 21.

Figura 40: Arquivo Pessoal

Figura 41: Imagens de satélite, https://www.google.com/intl/pt-PT/earth/, editado pela autora

Figura 42 e 43: https://www.monteardila.com/agro-turismo/rota-das-atalaias-255km-3/

Figura 44: Macias, Santiago, e Vanessa Gaspar. Fortificações Modernas de Moura. Moura: Câmara Municipal de Moura, (Moura, 2005), 47

Figura 45 e 46: https://www.monteardila.com/agro-turismo/rota-das-atalaias-255km-3/

Figura 47: Macias, Santiago, e Vanessa Gaspar. Fortificações Modernas de Moura. Moura: Câmara Municipal de Moura, (Moura, 2005), 51

Figura 48: Arquivo Pessoal

Figura 49: Desenhos de projeto

Figura 50: Imagens de satélite, https://www.google.com/intl/pt-PT/earth/, editado pela autora

Figura 51: Desenho de projeto

Figura 52 a 55: Arquivo Pessoal

Figura 56 a 58: Desenhos de projeto

Figura 59 a 62: Arquivo Pessoal

Figura 63 a 66: Desenhos de projeto

Figura 67 e 68: Arquivo pessoal

Figura 69: Esquiços, com Francisco Vieira Campos

Figura 70 a 85: Desenho de projeto

Figura 86: Arquivo pessoal

Figura 87 e 88: Desenho de projeto

Figura 89: Desenhos projeto primeiro ano, com Juliana Lima, UBI, Covilhã